



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ARQUEOLOGIA – CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO**

**LEANDRO SURYA CARVALHO DE OLIVEIRA SILVA**

**PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE:  
GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA  
DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ**

**RECIFE  
2006**

**LEANDRO SURYA CARVALHO DE OLIVEIRA SILVA**

**PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE:  
GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA  
DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia–  
Conservação do Patrimônio da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Mestre em Arqueologia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Oliveira**

**RECIFE  
2006**

**Silva, Leandro Surya Carvalho de Oliveira**  
**Permanência e continuidade : grupos ceramistas**  
**pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da**  
**Capivara - Piauí / Leandro Surya Carvalho de Oliveira**  
**Silva. – Recife : O Autor, 2006.**

**137 folhas : il., fig., quadros, mapas, tab.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de**  
**Pernambuco. CFCH. Arqueologia, 2006.**

**Inclui bibliografia e apêndices.**

**1. Arqueologia – Pré-História – Grupos**  
**ceramistas. 2. Perfil cerâmico – Sítios à céu aberto e**  
**de abrigo. 3. Análise e identificação – Etno-história**  
**do Nordeste – Tecnologia de produção. I. Título.**

**903.02**  
**930.10285**

**CDU (2.ed.)**  
**CDD (22.ed.)**

**UFPE**  
**BC2006-088**

LEANDRO SURYA CARVALHO DE OLIVEIRA SILVA

**PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE:  
GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA  
DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Arqueologia- Conservação do Patrimônio  
da Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovada em: 21 de fevereiro de 2006

  
\_\_\_\_\_  
Profª Dra. Cláudia Alves Oliveira (Orientadora – Departamento de  
Comunicação Social – UFPE)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Maria Idalina da Cruz Pires (Examinador Interno –  
Colégio de Aplicação – UFPE)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Jacionira Coêlho Silva (Examinador Externo)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, arquétipos de todos os meus ideais, exemplos de ética e responsáveis por moldar o que sou;

Aos meus irmãos, Max e Letícia, pela confiança revestida de estímulo e carinho fraternal;

A Lea, minha tia, por sua postura sempre sensata e bondosa, ao me ensinar os primeiros passos da pesquisa científica, serei sempre grato;

A Nair, minha avó, pelo carinho e paciência durante minha ausência;

Ao CNPq, pela ajuda financeira;

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – Conservação do Patrimônio da UFPE, Professora Dra. Anne-Marie Pessis, cujo empenho e acuidade foram evidenciados nestes dois anos de aprendizagem;

À Professora Dra. Cláudia Oliveira, pelo apoio e orientação científica, fundamentais para a conclusão desta pesquisa;

Ao Corpo Docente do Curso de Pós-Graduação em Arqueologia – Conservação do Patrimônio da UFPE, pela experiência e conhecimentos transmitidos;

À Fundação Museu do Homem Americano, cuja equipe de funcionários e pesquisadores me acolheu gentilmente durante as pesquisas laboratoriais, por permitir o acesso à reserva técnica;

Ao Professor Dr. Scott J. Aller, pelo estímulo e discussões referentes ao tema;

Aos Professores do Curso de Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em especial aos Professores Carlos Fabiano, Mauro Fontes e Pedro Sanches, por colaborarem e compartilharem opiniões durante as pesquisas laboratoriais em São Raimundo Nonato, Piauí;

Ao Professor Celito Kesting, pela amizade desenvolvida ao longo do Curso;

Aos estudantes do Curso de Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Luciano de Souza, Emilia Arnaldo e João Vítor Cotrim, pela ajuda durante a parte laboratorial da pesquisa;

À amiga e arqueóloga Mércia Carrera de Medeiros, por sempre me apoiar e garantir o meu bem-estar em Pernambuco;

À amiga Ana Paula Guedes, pelo companheirismo e debates em sala de aula;

À amiga e arqueóloga Viviane Castro, pelos debates e leitura crítica do texto;

Aos colegas de Curso, pela convivência e solidariedade nos árduos trabalhos de campo e prospecções realizadas;

A Luciane Borba, cuja distinção e profissionalismo se destacam;

A Cristina Malta, por seu cuidado durante a revisão do trabalho;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

O espaço, o tempo das coisas são farrapos dele próprio, de sua espacialização, de sua temporalização, não mais uma multiplicidade de indivíduos distribuídos sincrônica e diacronicamente, mas um relevo do simultâneo e do sucessivo, polpa espacial e temporal onde os indivíduos se formam por diferenciação. As coisas, aqui, ali, agora, então, não existem mais em si, em seu lugar, em seu tempo, só existem no término destes raios de espacialidade e temporalidade, emitidos no segredo da minha carne, e sua solidez não é a de um objeto puro que o espírito sobrevoa, mas é experimentada por mim do interior enquanto estou entre elas, e elas se comunicam por meu intermédio como coisa que sente.

Maurice Merleau-Ponty (2003:113)

## RESUMO

O estudo sistemático dos vestígios cerâmicos pré-históricos no Brasil é relativamente recente. Os remanescentes existentes nos abrigos Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz e Toca do Pitombi, localizados no Parque Nacional Serra da Capivara (Parna), no Estado do Piauí, área de grande densidade de sítios arqueológicos, constituíram o objeto do estudo, inserido no Projeto “A cerâmica pré-histórica de São Raimundo Nonato”. A pesquisa objetivou delinear o perfil cerâmico e assim identificar outros aspectos culturais do modo de vida desses povos pretéritos. O estudo dos remanescentes cerâmicos encontrados nos abrigos baseou-se nos procedimentos executados nas pesquisas dos sítios Aldeia Queimada Nova, Barreirinho, Baixão da Serra Nova e Cana Brava. Os fragmentos cerâmicos dos sítios em estudo foram agrupados em unidades, analisados e identificados. Os atributos analisados foram: a pasta, a técnica de manufatura, a queima, o tamanho dos fragmentos, os tratamentos de superfície (incluindo o tipo de decoração), além da frequência de aparecimento de determinado tipo de objeto. Dentre os resultados obtidos, o mais importante foi a identificação de uma tecnologia de produção diferenciada nos vestígios da Toca da Baixa dos Caboclos, em relação aos outros sítios estudados. Esse fato, aliado às informações provenientes de pesquisas etno-históricas, pode indicar um processo de deslocamento populacional do grupo que produziu esses vestígios.

**Palavras-chave:** cerâmica pré-histórica, tecnologia de produção, etno-história do Piauí.

## **ABSTRACT**

The systematic study of the prehistoric ceramics vestiges is relatively recent in Brazil. The existing remainders in the shelters of Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz and Toca do Pitombi, located in the National Park Serra da Capivara, in Piauí State, area with great density of archaeological sites, constituted the object of the study, which is inserted in the project “São Raimundo Nonato prehistoric ceramics”. The research aim was to delineate the ceramic profile, and thus, to identify other cultural aspects in the way of life of these ancient people. The study of the remaining ceramic in the shelters was based on the procedures executed in the research of the small Aldeia Queimada Nova, Barreirinho, Baixão da Serra Nova and Cana Brava sites. The ceramics fragments of the studied sites had been analyzed (The following characteristics were analyzed): the paste, the manufacturing technique, the burning, the fragments size, the surface treatment (including the decoration type) and the frequency of appearance of determined type of object. Among the results obtained, the most important one was the identification of a differentiated production technology in the vestiges of the Toca da Baixa dos Caboclos, in relation to the other sites studied. This fact, together with the information from ethno-historical research, may indicate a population displacement process of the group that produced these vestiges.

Key Words: prehistoric ceramics, production technology, Piauí ethno-history.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

### QUADROS:

Quadro 1	Datações dos sítios com vestígios cerâmicos da área do Parna	16
Quadro 2	Pontos extremos da área do Parna	21
Quadro 3	Frequência da cerâmica nos abrigos pesquisados	41
Quadro 4	Medidas utilizadas para sistematização dos fragmentos cerâmicos	43
Quadro 5	Descrição da pasta I referente ao sítio Toca da Baixa dos Caboclos	50
Quadro 6	Tipo de queima identificado nos fragmentos do sítio Toca da Baixa dos caboclos	51
Quadro 7	Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos	51
Quadro 8	Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos	52
Quadro 9	Características morfológicas da cerâmica do sitio Toca da Baixa dos Caboclos	52
Quadro 10	Descrição das pastas I e II referentes ao sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	59
Quadro 11	Tipo de queima identificado nos fragmentos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	59
Quadro 12	Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	61
Quadro 13	Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	61
Quadro 14	Características morfológicas da cerâmica do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	62
Quadro 15	Descrição das pastas I e II referentes ao sítio Toca do Pitombi	63
Quadro 16	Tipo de queima identificados nos fragmentos do sítio Toca do Pitombi	63
Quadro 17	Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Pitombi	63
Quadro 18	Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio toca do Pitombi	63
Quadro 19	Características morfológicas da cerâmica do sítio Toca do Pitombi	64
Quadro 20	Evolução demográfica do Piauí – 1697/ 1822	87

### TABELAS:

Tabela 1	Relação dos atributos analisados em cada sítio	80
Tabela 2	Composição da população do Piauí por etnia e cor – 1697 / 1722	87

## LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1 - Tampa de urna da Toca da Baixa dos Caboclos	65
Prancha 2 - Urna do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos	66
Prancha 3 - Urna n. 643-100325-20 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	67
Prancha 4 - Urna n. 643-100324-15 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	68
Prancha 5 - Urna n. 643-100325-21 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	69
Prancha 6 - Urna n. 643-100323-7 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	70
Prancha 7 - Urna n. 643-100324-16 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	71
Prancha 8 - Urna n. 643-100323-1 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	72
Prancha 9 - Urna n. 643-110445 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	73

## LISTA DE MAPAS

1 - O continente sul-americano na visão de Steward	15
2 - O continente sul-americano na visão de Willey	15
3 - O continente sul-americano na visão de Meggers	15
4 - Localização da área do Parna	23
5 - Distribuição dos sítios com vestígios cerâmicos	24
6 - Localização da Toca da Baixa dos Caboclos	47
7 - Localização da Toca do Serrote do Tenente Luiz	54
8 - Divisão das terras entre os sertanistas	86
9 - Localização das missões e cidades com nomes de grupos indígenas	89
10 - Detalhe do mapa de Curt Nimuendaju	91
11 - Distribuição lingüística dos índios no Nordeste	92

## LISTA DE PLANTAS

1 - Plano de esvacação da Toca da Baixa dos Caboclos	48
2 - Aldeia Queimada Nova	76
3 - Barrerinho	76
4 - Baixão da Serra Nova	77
5 - Aldeia Cana Brava	77

## LISTA DE CROQUIS

1 - Área do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz	56
2 - Setor 1	57
3 - Ampliação da trincheira 2	57
4 - Distribuição espacial dos enterramentos e urnas na Toca do Serrote do Tenente Luiz	59

## **SUMÁRIO**

1 – INTRODUÇÃO	13
2 – AS PESQUISAS DE GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA DO PARNA	
<b>2.1 Apresentação da área de pesquisa</b>	21
<b>2.2 Levantamento historiográfico e pressupostos teóricos sobre os grupos ceramistas na região Nordeste</b>	26
<b>2.3 Considerações teóricas</b>	30
<b>2.4 Pressupostos metodológicos para o estudo dos grupos ceramistas: o perfil técnico cerâmico (execução da análise e dos atributos avaliados)</b>	38
3 – A TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NA ÁREA DO PARNA	
<b>3.1 O perfil técnico cerâmico dos abrigos estudados</b>	41
3.1.1 – Toca da Baixa dos Caboclos	44
3.1.2 – Toca do Serrote do Tenente Luiz	53
3.1.3 – Toca do Pitombi	62
<b>3.2 O perfil técnico cerâmico dos grupos de aldeias</b>	74

<b>3.3 Relação entre os dados e conclusão das análises de tecnologia cerâmica</b>	<b>78</b>
<b>4 – ETNO-HISTÓRIA E DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS DE GRUPOS INDÍGENAS NO NORDESTE</b>	<b>83</b>
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>95</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>106</b>
<b>Apêndice A – Interpretação preliminar para as datações</b>	<b>106</b>
<b>Apêndice B – Toca da Baixa dos Caboclos</b>	<b>107</b>
<b>Apêndice C – Toca do Serrote do Tenente Luiz unidade I</b>	<b>128</b>
<b>Apêndice D – Toca do Serrote do Tenente Luiz unidade II</b>	<b>138</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

A aparente estabilidade dos tipos de cultura primitivos deve-se à nossa falta de perspectiva histórica. ... Uma investigação cuidadosa mostra que aqueles aspectos que se presumiam ser quase absolutamente estáveis estão constantemente passando por mudanças. Boas (2004:102)

Os estudos dos vestígios cerâmicos pré-históricos ocupam, no Brasil, papel de destaque, desde as primeiras pesquisas ocorridas no século XIX. Por exemplo, pode-se destacar a importância do norte do país, no qual a cerâmica Marajoara foi e é, até os nossos dias, objeto de curiosidade, devido à sua decoração e acabamento marcantes, com características antropomorfas e riqueza de delineamentos compostos de motivos geométricos. Já na Região Nordeste, as cerâmicas não despertaram muito interesse, sendo consideradas, segundo a perspectiva dos trabalhos arqueológicos com orientação teórica histórico-cultural norte-americana, pouco desenvolvidas e nomeadas de *toscas*. Estes trabalhos situam o Nordeste como uma área marginal (STEWART,1955; WILLEY,1949; MEGGERS; EVANS,1958), ou seja, com baixa densidade populacional e pouco ou nenhum desenvolvimento tecnológico.

No mapa do continente Sul-americano (Mapa 1) Steward (1955) delineou as áreas culturais<sup>1</sup>, sendo a Região Nordeste brasileira classificada quase por completo como marginal, tendo apenas uma parte do litoral relacionada como floresta tropical. Willey (1949) (Mapa 2) destacou os níveis de complexidade cerâmica; o interior do Brasil, em especial as áreas de cerrado e parte da caatinga, foram interpretados como possuindo apenas a cerâmica crua, sem decoração. Meggers e Evans (1958) (Mapa 3) assinalaram parte do interior brasileiro, da margem esquerda do rio São Francisco até o interior do Estado do Amazonas, como áreas sem a presença de grupos ceramistas.

Estas interpretações para a Região Nordeste brasileira pecam justamente por não se apoiarem em trabalhos sistemáticos de pesquisa, tanto arqueológica quanto etnográfica. Apesar de existirem pesquisas<sup>2</sup> naquele período, meados do século XX, estas

---

<sup>1</sup> O conceito de área cultural relaciona estágios de desenvolvimento que abrangem cultura, tecnologia, organização social, entre outros.

<sup>2</sup> Ver capítulo 2, item 2.2 - histórico das pesquisas na região.

se caracterizavam por seu caráter isolado, o que dificultava a produção de sínteses coerentes com a realidade da região.

Todavia, pesquisas mais recentes desenvolvidas na área do Parque Nacional Serra da Capivara (Parna), pela equipe da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), além dos trabalhos da Fundação Seridó e da equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco, têm demonstrado a riqueza de vestígios arqueológicos na Região Nordeste do Brasil, ao contrário do que afirmavam os autores referidos, apresentando dados relacionados a um povoamento antigo em áreas com grande densidade de sítios arqueológicos.

No sudeste do Piauí, área de localização do Parna, os sítios arqueológicos<sup>3</sup> com presença de vestígios cerâmicos têm idades muito mais antigas do que se supunha. A datação mais antiga<sup>4</sup> foi encontrada no abrigo Toca da Extrema, com  $4.730 \pm 110$  BP (GIF 5401)<sup>5</sup> e, a partir desta data, há uma seqüência cronológica para um conjunto de sítios que se estende até  $230 \pm 50$  BP (BETA115612) para a Toca da Baixa dos Caboclos. Isto significa que a presença de grupos ceramistas na área ocorre há, pelo menos, 2780 anos a.C. (Quadro 1).

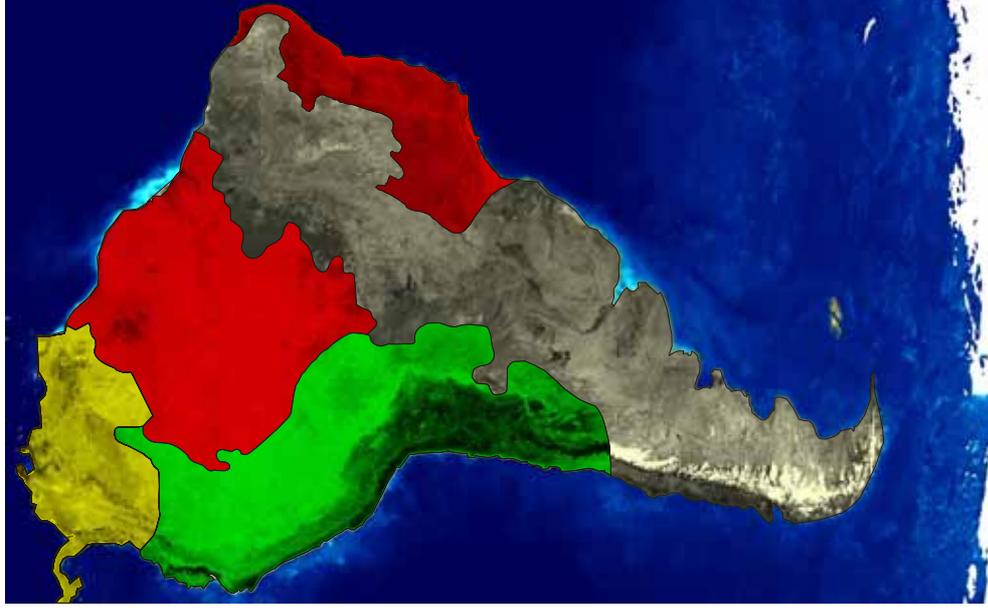
É importante diferenciar os conceitos de *permanência* e *continuidade*. O primeiro se refere à existência de grupos ceramistas na área de estudo, que podem ser de um mesmo grupo cultural ou não. Continuidade, o segundo termo, indica necessariamente que os grupos ceramistas pertencem a um mesmo grupo cultural. Portanto, de acordo com as datações dos vestígios cerâmicos da área do Parna pode-se afirmar a permanência de grupos humanos nesta área. Para a determinação da continuidade, devem ser adotados outros parâmetros, além da datação por si só.

---

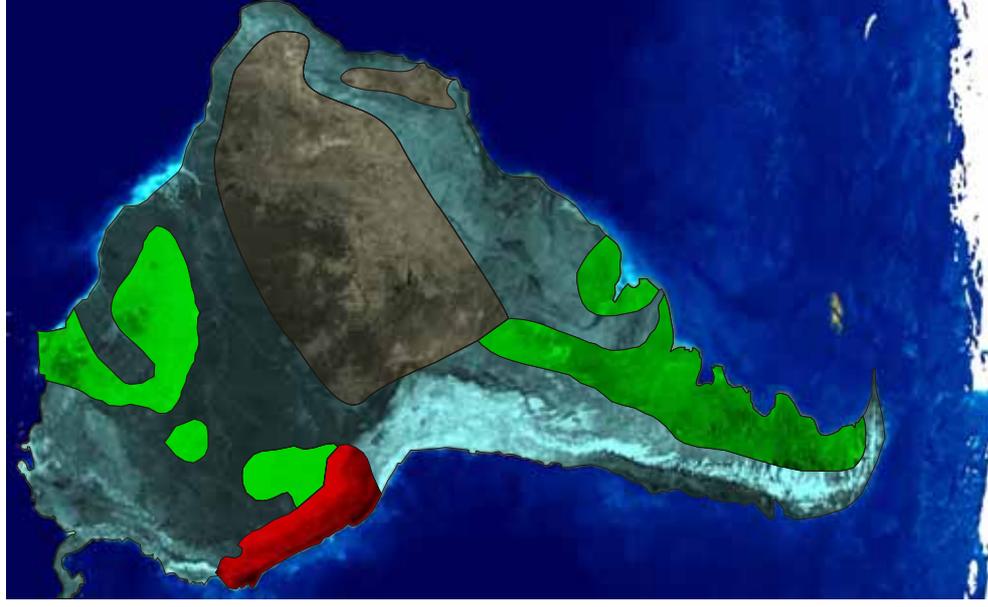
<sup>3</sup> Para conceito de sítio arqueológico utilizou-se a definição de Willey-Philips: como a menor unidade de espaço tocada pela mão dos arqueólogos, podendo esta ir do acampamento efêmero à grande cidade.

<sup>4</sup> A datação mais recuada, associada com fragmentos cerâmicos, é do Sítio do Meio, com  $8960 \pm 70$  BP (BETA – 47493); todavia, não será utilizada neste trabalho, por manter um distanciamento cronológico (4230 anos de diferença) das outras datações de grupos ceramistas, considerando que existe uma seqüência cronológica para as outras datações.

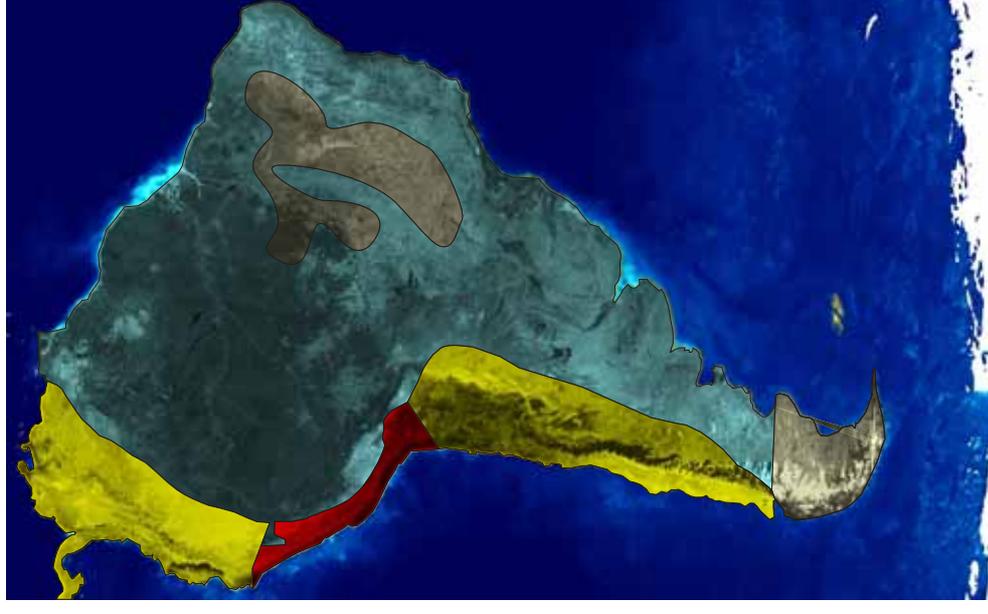
<sup>5</sup> Conforme Alvarenga e Luz (1991) e Maranca (1991).



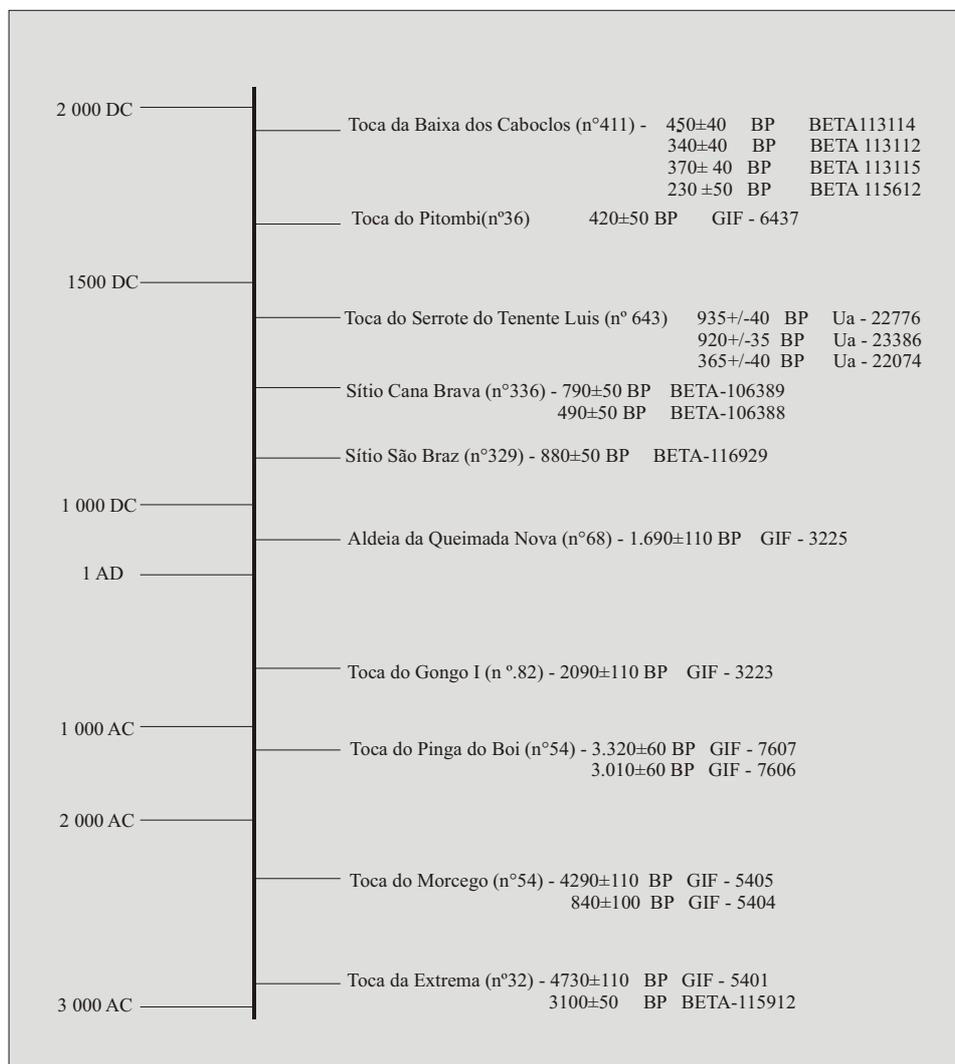
Mapa 1: O continente sul-americano na visão de Steward (1955).



Mapa 2: O continente sul-americano na visão de Willey (1949).



Mapa 3: O continente sul-americano na visão de Meggers e Evans (1958).



Quadro 1: Datações dos sítios com vestígios cerâmicos da área do Parna.

Pesquisas atuais proporcionaram um novo entendimento acerca dos grupos ceramistas da região do Parna, tornando possível distinguir, de forma hipotética, a continuidade cultural destes povos que habitaram as aldeias (CASTRO, 1999, 2000; OLIVEIRA, 2000, 2002, 2004). Os sítios Baixão da Serra Nova, Barreirinho e Aldeia Queimada Nova foram identificados por Oliveira (2000) como pertencentes a um mesmo grupo cultural (perfil técnico-cerâmico 1), apesar da presença de fragmentos diferenciados, nomeados pela autora de conjunto A e conjunto B. Castro (1999) identificou o Sítio Cana Brava como um outro grupo ceramista. Estes quatro sítios se

localizam a céu aberto, e cronologicamente se encontram num período de 1690<sup>±</sup> - 110 BP (GIF 3225) para a Aldeia Queimada Nova, até 490<sup>±</sup> - 50 (BETA - 106388) no Sítio Cana Brava, datação mais recente para este sítio. Na área em estudo, há outros sítios arqueológicos que cronologicamente poderiam representar uma continuidade destas aldeias, todavia, estão localizados num espaço diferenciado, ou seja, são sítios do tipo abrigo<sup>1</sup>.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz, a Toca do Pitombi e a Toca da Baixa dos Caboclos possuem, dentre os sítios que foram datados, os vestígios cerâmicos mais recentes na área do Parna. Por meio desta “cronologia”, verifica-se a contemporaneidade do Sítio Cana Brava. Todavia, esta contemporaneidade não implica em serem os mesmos grupos culturais. Para os sítios de abrigos citados (CASTRO, 1999; MARANCA, 1991; OLIVEIRA, 2000, 2004) existem apenas poucas informações, insuficientes para caracterizar a tecnologia cerâmica. Desta forma, uma lacuna no conhecimento da tecnologia dos grupos ceramistas, nesse tipo de contexto, o dos abrigos, gera várias possibilidades de estudos.

É importante destacar, entre as razões que determinaram a escolha do tema deste estudo, a contribuição ao projeto coordenado pela equipe da FUMDHAM *A cerâmica pré-histórica de São Raimundo Nonato*, ou seja, a perspectiva de verificar, através de uma pesquisa arqueológica, os vestígios cerâmicos existentes nos abrigos e confrontá-los com os perfis cerâmicos já estabelecidos para os sítios de aldeias.

Dentre os objetivos pretendidos, pode-se destacar:

- Caracterizar o perfil cerâmico dos sítios de abrigos da Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Toca do Baixão das Mulheres I e Toca do Pitombi;

---

<sup>1</sup> Para o contexto desta pesquisa definiu-se sítio do tipo aldeia são aqueles associados a uma ocupação prolongada, em áreas abertas e amplas. Sítios do tipo abrigo são aqueles que geralmente estão associados apenas a acampamentos temporários, em áreas com proteção natural como paredões e boqueirões.

- Analisar a possível ocorrência de diferenças tecnológicas na produção de cerâmica, ou seja, no perfil cerâmico dos grupos de aldeia em relação aos grupos de abrigos;
- Estudar o modelo de ocupação dos grupos pré-históricos ceramistas desta área;
- Identificar se esta ocupação foi simultânea aldeia-abrigo e quando ocorreu.

Delineados os objetivos formulou-se a pergunta condutora desta dissertação:

Os grupos que utilizaram os abrigos podem ser caracterizados, a partir dos seus vestígios cerâmicos, como uma continuidade daquelas populações que ocuparam as aldeias?

Para responder a essa questão, levantou-se a seguinte hipótese:

Os grupos culturais responsáveis pela produção dos vestígios cerâmicos nos sítios de abrigo estudados não representam uma continuidade dos grupos culturais que ocuparam as aldeias, e podem ser relacionados aos movimentos populacionais ocorridos nos momentos de contatos com os colonizadores e ou de grupos indígenas a partir dos séculos XVI e XVII.

Para se contrastar esta hipótese foram utilizadas duas variáveis. A primeira refere-se à caracterização cultural, baseada no estudo da tecnologia cerâmica, ou seja, a tecnologia de produção, está associada a um grupo cultural específico<sup>2</sup>. Desta maneira, pode-se verificar, utilizando o *perfil técnico cerâmico*<sup>3</sup>, se são os mesmos grupos culturais que produziram os vestígios cerâmicos dos abrigos e das aldeias.

---

<sup>2</sup> Conforme Castro: “Consideramos, como grupos ceramistas, as sociedades que utilizaram ou fabricaram a cerâmica, isto é, que tinham o conhecimento técnico da confecção da cerâmica, independente do padrão de subsistência e do padrão de assentamento” (1999:5).

<sup>3</sup> Ver capítulo 2, item 2.3 - Considerações teóricas.

A segunda variável refere-se aos movimentos dos grupos indígenas registrados nos estudos etno-históricos. O interior do Nordeste, segundo alguns autores (GUIDON, 1980; PESSIS, 2003), em particular, o Estado do Piauí, é visto como uma *área de refúgio*<sup>4</sup> de grupos indígenas das vertentes do rio São Francisco, litoral nordestino e da Bacia Amazônica (HEMMING, 1999). Devido às perseguições entre grupos indígenas e pressões territoriais exercidas a partir da chegada dos colonizadores, a área foi palco de migrações de povos indígenas, tornando-se um ponto de convergência de vários grupos lingüísticos, conforme se pode verificar nas pesquisas de etno-história, o que reforça a hipótese de que os grupos que produziram os vestígios cerâmicos nos abrigos estudados não representam uma continuidade das aldeias na área do Parna.

A seguir, buscando consubstanciar a hipótese levantada dividiu-se a dissertação em capítulos. O primeiro que corresponde à introdução, objetivando situar o leitor no contexto da pesquisa realizada, ou seja, as razões da escolha do tema e sua importância para a arqueologia, história e etnologia, os problemas levantados e a hipótese de trabalho.

No capítulo segundo, apresentou-se a área de pesquisa, abrangendo as questões morfológicas da área e a descrição sumária dos sítios a serem trabalhados, além da inclusão de mapas com as localizações nacionais, regionais e locais do Parna e dos sítios. A segunda parte do capítulo foi reservada à análise dos trabalhos arqueológicos sobre grupos ceramistas pré-históricos realizados na área de estudo, sendo apresentado um levantamento historiográfico sobre os mesmos. Neste levantamento pretendeu-se destacar os pressupostos teóricos utilizados em cada momento específico da pesquisa para, desta forma, relacioná-los às linhas de análise contemporânea dos grupos ceramistas. Na última parte do capítulo as questões metodológicas foram delineadas, especificando os passos

---

<sup>4</sup> “O Piauí era um verdadeiro “corredor de migrações” para os nativos do Nordeste, fustigados pelos pregadores e pela penetração do colonizador. As características físicas e geográficas variadas dos sertões piauienses, com serras, caatingas, rios, várzeas abundantes, vales e chapadas ofereciam excelentes pastos naturais, recursos hídricos, frutos silvestres, animais de caça em abundância, além de servirem de abrigo e refúgio para as tribos das vertentes do rio São Francisco e litoral nordestino e da bacia amazônica” (HEMMING, 1997:101).

executados e os atributos avaliados em cada momento do trabalho com os vestígios cerâmicos estudados.

No terceiro capítulo foi feita a descrição e análise dos fragmentos cerâmicos dos sítios estudados. A primeira parte destacou os sítios do tipo abrigo, o objeto de estudo desta dissertação. Na segunda parte tem-se a descrição e o resultado de pesquisas anteriores desenvolvidas nos sítios a céu aberto do tipo aldeia. Na última parte do capítulo foram estabelecidas as relações plausíveis, a partir dos dados produzidos nas análises anteriores, para os fragmentos cerâmicos destes sítios. Foram delimitadas as semelhanças e diferenças entre os grupos estudados.

No quarto capítulo os estudos etno-históricos serviram de base para o levantamento de alguns grupos culturais que se deslocaram para a região em estudo. Essas populações pré-históricas sofreram pressões demográficas, tanto por causa de outros grupos indígenas, quanto pela presença do elemento colonizador. As relações entre os grupos que ocuparam os abrigos estudados e estas populações foram abordadas apenas no plano hipotético, ou seja, pode-se indicar como se deu o provável processo de deslocamento das populações autóctones a partir dos dados etno-históricos. Todavia, não foi possível (ou dificilmente será) indicar uma etnia ou grupo indígena específico. Portanto, poder-se-á dizer que os grupos que ocuparam estes abrigos possivelmente fazem parte deste contexto histórico, no qual deslocamentos de populações ocorreram devido a pressões demográficas causadas pelo elemento colonial.

Finalmente, o quinto e último capítulo foi reservado para a apresentação dos principais resultados da pesquisa e da importância dos mesmos ao prestarem uma contribuição no conhecimento dos grupos pré-históricos do Nordeste.

## 2 – OS GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA DO PARNA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

### 2.1 Apresentação da área de pesquisa

O Parna está localizado no sudeste do Estado do Piauí, entre os municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Coronel José Dias e Canto do Buriti. Seus limites extremos estão explicitados no quadro 2, a seguir:

	Norte	Leste	Sul	Oeste
Latitude	08°26'50.099''	08°36'33.681''	08°54'23.365''	08°46'28.382''
Longitude	42°19'51.316''	42°10'21.874''	42°19'46.908''	42°42'53.654''

Quadro 2: Pontos extremos da área do Parna. Fonte: Araújo (1998:6).

A região do Parna tem sua paisagem constituída por planaltos ou chapadas, morros, serras, serrotes e planícies de vários tipos de rochas e minerais. Compõem essas formações geológicas a Bacia Sedimentar Parnaíba e a Depressão do Médio São Francisco (Mapa 4).

A Bacia Sedimentar Parnaíba foi uma depressão coberta pelo mar que, no passado, acabou preenchida com sedimentos retirados das áreas mais altas, pela erosão. Após o recuo das águas do mar, a compressão, compactação e consolidação desses sedimentos formaram as rochas sedimentares da região. Num momento posterior, por meio de movimentos tectônicos, ocorreu o levantamento das rochas sedimentares, tornando-se um relevo mais elevado que o das áreas próximas circundantes. A elevação do relevo propiciou o surgimento de um planalto, em cujas bordas aparecem *cuestas* e *canyons*. O planalto, também chamado de chapada, tem altitudes regulares entre 600 e 630 metros na porção sudeste e 500 e 520 metros na porção noroeste, com encostas entalhadas por vales, nos quais estão presentes cornijas de arenito subverticais com relevo ruiforme arredondado. O Riacho da Serra Branca e o Riacho do Bom Jesus são exemplos destes tipos de vales, que concentram

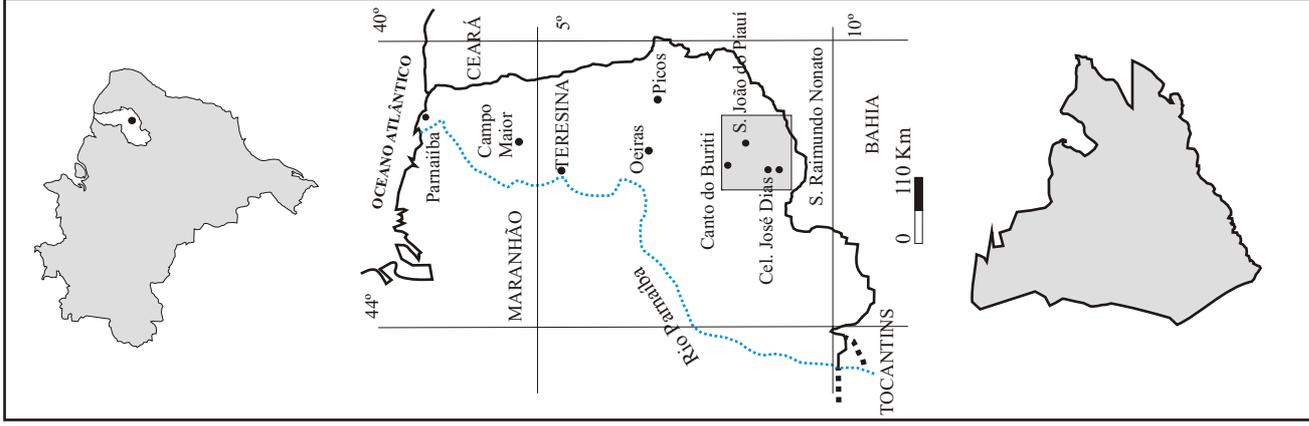
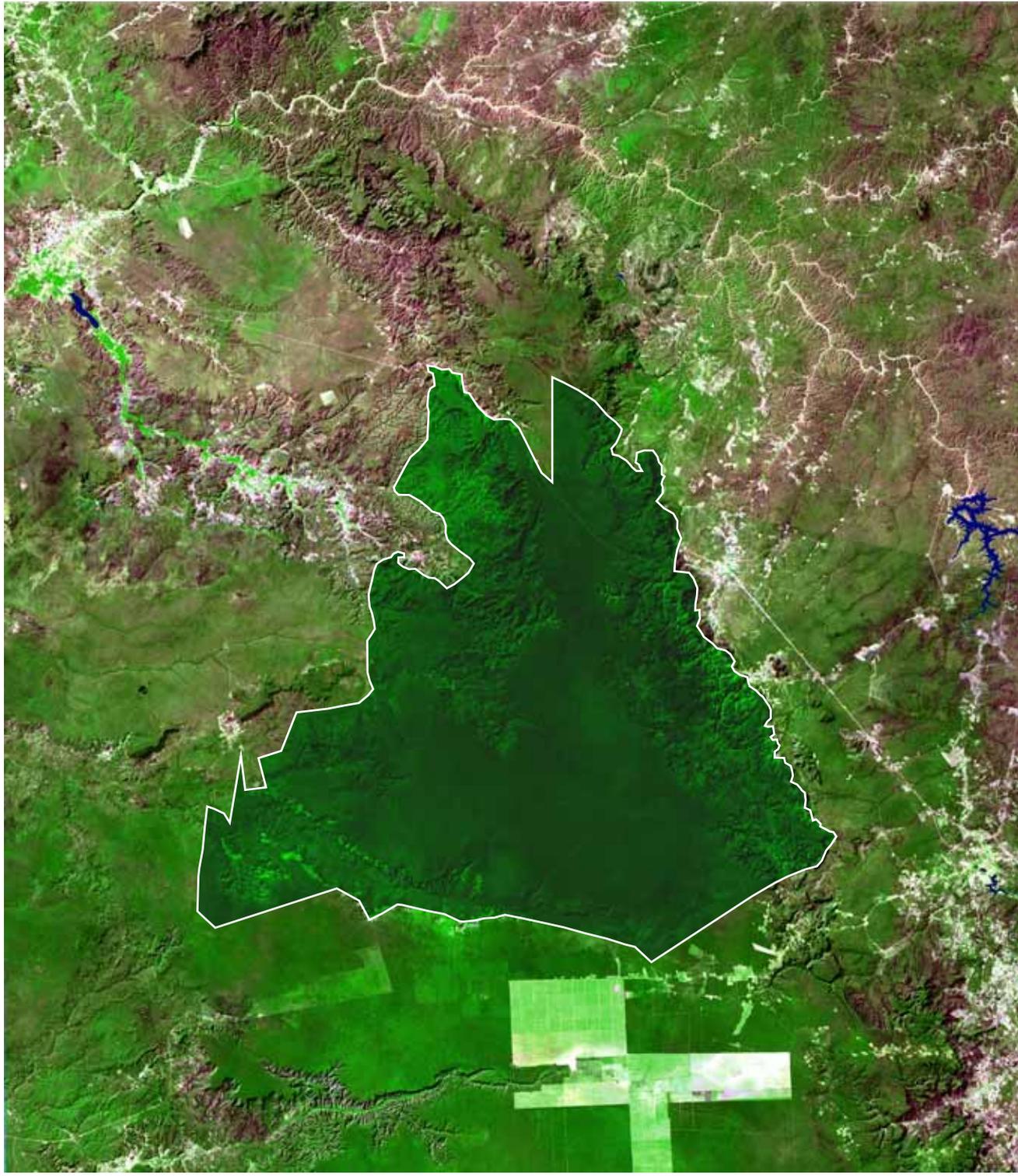
grande quantidade de abrigos pintados nos planaltos (ARAÚJO, 1998:10; PELLERIN, 1983:13-14).

Sobre os canyons, descreve Pellerin:

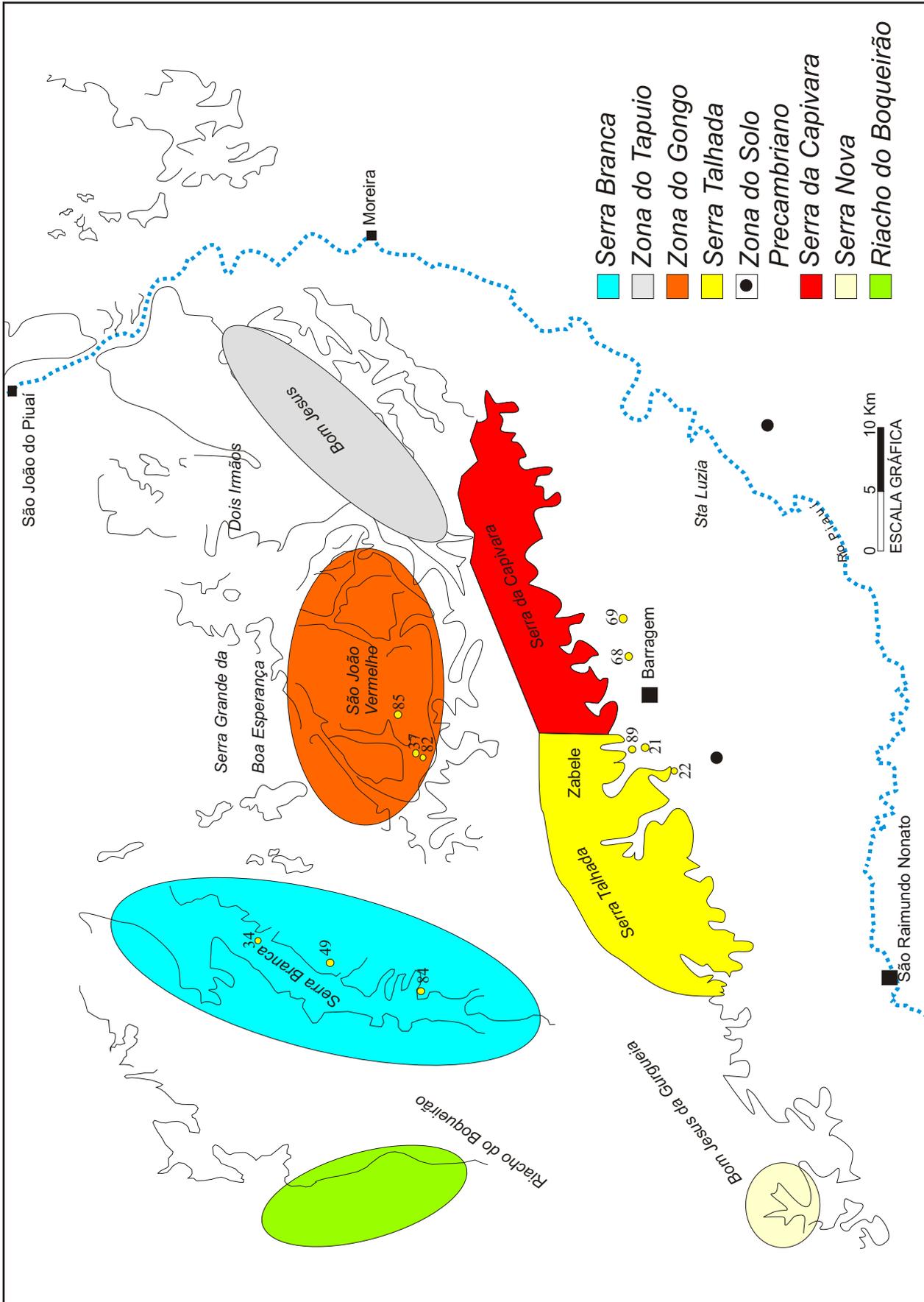
... a zona da cuesta ... um dos relevos maiores do nordeste, formada pelas rochas da Bacia do Parnaíba caindo sobre o maciço antigo, ela é uma região larga de 3 a 7 km onde a concentração de sítios rupestres é máxima. A amplitude total do desnível entre o planalto e o pedimento inferior varia de 200 a 250 m; mas a cuesta é dupla e apresenta um nível intermediário (zona típica: Zabelê), a segunda cuesta se situa no reverso dos níveis areníticos duros da base da série Devoniana o que reduz os paredões verticais muitas vezes a menos de 150m. Uma profunda dissecação em canyons muito digitados com paredões ruiformes afeta o arenito e o conglomerado: essas ravinas reduzem a montante os corredores largos de alguns metros terminando no “ fim de mundo” onde na estação das chuvas as trovoadas provocam enormes trombas de água de muitos metros em algumas dezenas de minutos, em estação seca a água pode se estagnar nas concavidades aumentadas no pé das quedas d’água. Essas cavidades são a origem da cobertura de seixos rolados espessos de muitos metros que recobrem o pedimento (1984:14).

A formação geológica da Depressão Periférica do médio São Francisco é, em relação ao planalto, a área mais baixa, e também a mais antiga, datando do Pré-Cambriano. Esta área forma uma grande planície, interrompida apenas por elevações dos serrotes de calcário, com grutas e *Inselbergs* de gnaiss, local de vários abrigos com vestígios arqueológicos (Mapa 5).

O clima atual da região foi definido por Emperaire (1987) como semi-árido, com duas estações bem definidas. As chuvas que caem sobre a região não ocorrem de forma constante ao longo do ano, mas apenas em períodos especiais, em torno de 5 a 6 meses. As chuvas, entretanto, são abundantes nesse período ocasionando um grande volume de água, suficiente para transformar os leitos secos em verdadeiros rios. No período seco, a vegetação se transforma: a imensa diversidade de espécies da flora, com suas cores vivas, dá lugar a um cinza sem fim, a maioria das folhas caem, sobrando apenas os espinhos e galhos retorcidos da vegetação.



Mapa 4: Localização da área do PARNA (Adaptado de: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), foto do Landsat).



Mapa 5: Distribuição dos sítios com vestígios cerâmicos. Os números correspondem ao registro na FUMDHAM, sendo: 21 - Barreirinho, 22 - Sítio do Meio, 34 - Toca do Povo da Extrema I, 37 - Toca do Arapua, 49 - Toca do Morcego, 68 - Aldeia Queimada Nova, 69 - Serrote do Limpo Grande, 82 - Toca do Gongo I, 84 - Toca do Loirinho, 85 - Acampamento dos Embuzeiros ou do Índio, 89 - Baixão da Serra Nova.  
 Fonte: Pellerin (1984).

A fauna do Parna “*apresenta uma variedade que diverge da crença generalizada de que o semi-árido é de acentuada pobreza em espécies endêmicas*” (PESSIS, 2003). Na região, foram identificadas 208 espécies de aves, dentre as quais se incluem as marrecas (*Dendrocygna viduata*), as araras vermelhas (*Ara Chloroptera*) e o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*). Os mamíferos totalizam 78 espécies, com destaque para a onça-vermelha (*Felis tigrina*), a onça-pintada (*Panthera onça*), o veado catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o guariba (*Alouatta caraya*), entre muitos outros animais (ARAÚJO, 1998).

O clima atual dos sítios arqueológicos estudados nesta dissertação, cujas datações mais antigas não alcançam 3000 a.C., é semelhante ao que existia à época em que estes grupos humanos povoaram a região. Todavia, nem sempre o clima foi o mesmo nesta área. Pesquisas coordenadas atualmente pela FUMDHAM trabalham com a hipótese de que em cerca de 12000 BP as condições ambientais eram diferentes. O clima anterior seria o tropical úmido, que perdurou até aproximadamente o início do holoceno.

Nos sítios estudados por Oliveira (2004:78) uma das características semelhantes é o tipo de assentamento. Estes sítios estão localizados num mesmo ambiente ecológico, a planície pré-cambriana, em distâncias próximas uns dos outros. O Sítio Aldeia Queimada Nova está localizado, em vôo de pássaro, a 6,79 Km do sítio Baixão da Serra Nova e do Sítio Barreirinho. Os dois últimos estão separados por 1,15 Km no meio da encosta de inclinação suave, numa distância aproximada de 2 a 6 Km da Serra da Capivara e da Serra Talhada.

O Sítio Cana Brava está localizado no povoado de Cana Brava, pertencente ao município de Jurema, ao sul do Parna, numa distância aproximada de 90 Km, seguindo pela estrada PI-114.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz está localizada na planície pré-cambriana, próxima a vários outros sítios, como a Toca da Bastiana e a Espeliotema Caído.

## 2.2 Levantamento historiográfico e pressupostos teóricos sobre os grupos ceramistas na região Nordeste

O estudo dos materiais arqueológicos no Nordeste brasileiro tem, nos seus primórdios, durante o século XIX, o caráter apenas de achados fortuitos e salvamentos superficiais divulgados em jornais e revistas. Naquele momento, não existia uma preocupação científica e, por isso mesmo, a interpretação dos achados, na maioria das vezes, era fictícia. Não obstante, os dados coletados por vários estudiosos acerca destes sítios ainda hoje são utilizados para embasar a realização de projetos de pesquisa. É o caso do *Manuscrito de uma civilização antiqüíssima*, de José Azevedo Dantas (1994), sobre a região do Seridó (Paraíba e Rio Grande do Norte) e das informações contidas nos estudos de Alfredo de Carvalho (1909), Luciano Jacques de Moraes (1924), Mário Melo (1930), L.F.R. Clerot (1969), Carlos Ott (1958), Ludwig Schwennhagen (1970), Richard Burton, J. Casper Branner (1903), Alfredo Brado, Carlos Estevão (1943), Pompeu Sobrinho e Carlos Studart (1962), dentre muitos outros.

Martin (1996, 37-42) assinala o início das pesquisas sistemáticas, no Nordeste, a partir da publicação denominada “*Pré-História na Bahia*”, de Carlos Ott, em 1958. Todavia, foi somente com a implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA (1965-1970) – que foram desenvolvidos os primeiros estudos com caráter científico sobre grupos pré-históricos ceramistas, com apenas uma pequena participação de pesquisadores no Nordeste, com destaque para os nomes de Valentin Calderón (1974), na Bahia, e Nassaro Nasser (1974), no Rio Grande do Norte.

Ainda na década de 70, a missão Franco-Brasileira, da qual um dos integrantes era Sílvia Maranca, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), iniciou pesquisas na escavação da Aldeia da Queimada Nova (MARANCA, 1976). Era o início dos trabalhos sistemáticos no sudeste do Piauí, dirigidos por Niède Guidon, que, anos mais tarde (1979), resultariam na criação do

*Parque Nacional Serra da Capivara* e, em 1986, na Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM.

O enclave arqueológico<sup>1</sup> de São Raimundo Nonato, onde se localiza o Parna, é uma área com um amplo espectro de potencialidades para as pesquisas arqueológicas, devido à grande variedade de ecossistemas. É constituído por duas formações geológicas: as bacias do Piauí-Maranhão e a bacia do rio São Francisco. Segundo Guidon (1980), essa situação poderia ter sido a base para que diferentes grupos culturais habitassem a área, dados estes comprovados pelas pesquisas arqueológicas, que demonstram uma grande diversidade de tradições rupestres ligadas a paisagens diferentes. A partir destas paisagens verifica-se também uma riqueza de vestígios cerâmicos, em principalmente dois tipos de ambientes: os de abrigo e os a céu aberto.

Com as pesquisas desenvolvidas no Parna, verificou-se o predomínio de sítios a céu aberto na zona de solo pré-cambriano e no sudeste de São Raimundo Nonato. Nos casos dos sítios Acampamento dos Imbuzeiros, Acampamento do Loirinho, Cachoeira do Riacho da Volta do Boi, Lagoa do Aldemar, Fazenda do Bongeador e Caldeirão da Passagem do Cavaleiro, descobertos por agricultores locais, existem publicadas apenas informações gerais sobre a localização, o tipo de sítio e o de vestígio (OLIVEIRA, 2004).

Por sua vez, nas aldeias estudadas foram encontradas cerâmicas caracterizadas por vasilhas de diferentes formas e tamanhos, cachimbos de vários tipos, fusos, e por uma riqueza de acabamentos superficiais, nos quais aparecem as técnicas do corrugado, ungulado, escovado, inciso e pintado, em peças extremamente finas, bem polidas ou brunidas com tintas de cor vermelha em vários motivos decorativos ou,

---

<sup>1</sup>Enclave arqueológico é entendido como “uma unidade territorial com densa concentração de vestígios arqueológicos indicadores da presença humana em diacronia contínua. Nestas áreas, escolhidas como unidades de estudos, considera-se a interação homem – meio desde a Pré-história até os dias atuais.” Área Arqueológica de pesquisa “constitui também uma unidade territorial, com importante quantidade de vestígios arqueológicos, mas, para a qual não se dispõe de dados suficientes que indiquem uma ocupação humana contínua. As áreas arqueológicas representam um ponto de partida para se identificar “enclaves” nos quais se poderá determinar a presença humana contínua durante longos períodos de tempo.” (GUIDON; PESSIS; MARTIN, 1990 : 124-125).

ainda, numa cerâmica mais espessa pintada sobre um engobo branco com desenhos geométricos em vermelho e preto (ARAÚJO, 1998).

Os sítios de abrigo que apresentam vestígios cerâmicos podem ser divididos nas seguintes áreas do Parque Nacional Serra da Capivara: Serra Talhada, com os sítios Toca do Pitombi, Toca da Ponta da Serra e o Sítio do Meio; Região do Gongo, com os sítios Toca do Arapoá, Toca do Gongo I e Toca do Gongo II; Região da Serra Branca, com os sítios Toca da Extrema II, Toca do Loirinho, Toca do Morcego e Toca do Pinga do Boi; Serra das Moendas/Borda, com a Toca do Serrote das Moendas; Serrote do Artur, com a Toca dos Cacos; e, no Município Gervásio de Oliveira, há a Toca da Baixa dos Caboclos. Os abrigos com vestígios cerâmicos da Serra da Capivara e da Serra Talhada estão localizados relativamente próximos dos sítios a céu aberto de aldeias ceramistas. As datações variam de  $8960 \pm 70$  BP, no Sítio do Meio (GUIDON; PESSIS, 1993) a  $230 \pm 50$  anos BP, no sítio Toca da Baixa dos Caboclos (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998).

No sítio Toca do Congo I foram encontrados quatro sepultamentos primários, enterrados em fossas na terra, e dois secundários, depositados em urnas. Nos sepultamentos primários os esqueletos estavam em posição fetal, decúbito lateral esquerdo, os corpos separados das cabeças, mesmo estando os esqueletos em conexão anatômica. Em um dos sepultamentos um vaso cobria o crânio. Todos esses enterramentos estavam no mesmo nível, o que poderia sugerir uma contemporaneidade. Conforme Maranca (1976:172), “*os restos de cinzas encontrados sobre algumas sepulturas parecem indicar o hábito de se fazerem fogueiras após o enterramento, sobre o corpo sepultado*”. Este mesmo padrão de sepultamento, em urna e em terra, se repetiu no abrigo Toca do Arapuá do Congo (OLIVEIRA, 2004). A datação por C14 para os sepultamentos do sítio Toca do Congo I é de  $2.090 \pm 100$  anos BP e, segundo Maranca (1976, 1991), as urnas apresentam forma globular em meia esfera alisada ou corrugada.

Na Serra Branca, no sítio de abrigo Toca da Extrema II, existe evidência de cerâmicas datadas de  $4.730 \pm 110$  BP, e no sítio Toca do Pinga do Boi datações de  $3.200 \pm 60$  anos BP, em que a sondagem permitiu a descoberta de uma mão de pilão (ALVARENGA; LUZ, 1991; MARANCA, 1991). A cerâmica da Toca do Pinga do Boi apresenta decoração incisa, excisa, escovada e tratamento de superfície alisado. Neste abrigo, foi possível reconstituir apenas a forma de uma vasilha de boca circular e borda direta, com decoração incisa (OLIVEIRA, 2004).

O abrigo Toca da Baixa dos Caboclos fica localizado no município de Gervásio de Oliveira. Neste local foram localizados 7 enterramentos de crianças e adultos, em urnas, e 1 enterramento em fossa escavada na própria rocha do abrigo. As urnas são alisadas, polidas e com decoração corrugada ou pintada. Numa destas urnas havia uma criança de pouca idade, com duas flechas confeccionadas a partir de varas de madeira, cujas pontas foram talhadas em viés. Junto delas, havia um pequeno galho com uma corda trançada de fibra vegetal amarrada nas duas pontas, formando um pequeno arco. Esse sepultamento foi datado de  $230 \pm 50$  BP e a urna n.º. 1, também de uma criança, de  $450 \pm 40$  BP (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998). Neste abrigo foi encontrada uma grande quantidade de seixos lascados, alguns com marcas de uso, chopper, chopping tool, lascas e raspadores de vários tipos, o que poderia sugerir a utilização dos abrigos para outras atividades.

No sítio da Toca do Pitombi, localizado no município de São João do Piauí, foram feitas sondagens, em 1980 e 1981, obtendo-se a datação de  $420 \pm 50$  BP em um carvão (MARANCA, 1991:95).

Nos dias atuais, os estudos de grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste adotam metodologias mais direcionadas a traçar perfis técnicos que auxiliem a compreensão do contexto cerâmico. Oliveira (2000:36) sintetiza o momento: “*As novas propostas colocam a cerâmica como mais um aspecto da cultura, procurando-se extrair deste tipo de vestígio outras relações para a reconstituição das sociedades*”.

A mudança na visão das pesquisas indica uma tendência cada vez maior para se estudar os grupos ceramistas em si e não apenas focar a atenção nas questões técnicas da cerâmica. O desenvolvimento de projetos com novas perspectivas analíticas – como no caso dos perfis técnicos – permite recuperar dados mais precisos que possam estabelecer características dos grupos étnicos ceramistas. No futuro, estes projetos poderão fornecer uma visão geral que permita situar os grupos ceramistas regionalmente e integrá-los no contexto da pré-história do Brasil.

### **2.3 – Considerações teóricas**

O estudo dos sítios do tipo abrigo Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz e Toca do Pitombi utiliza os mesmos procedimentos de caracterização aplicados aos outros sítios da área do Parna. Este posicionamento permite que os problemas e hipóteses possam ser discutidos de maneira integrada (CASTRO, 1999, 2000; OLIVEIRA, 1991, 2000, 2004), uma opção que viabiliza uma análise conjunta das pesquisas executadas até então, além de proporcionar um espaço para discussão de resultados e também para novas propostas de encaminhamentos das pesquisas.

Para o estudo dos grupos pré-históricos ceramistas do Parna e do seu entorno, procurou-se verificar, além das características técnicas, de que maneira a cerâmica reflete outros aspectos culturais. Nas populações humanas, a cultura material<sup>2</sup> é de importância fundamental na orientação das pessoas no seu ambiente natural e social e na transmissão e preservação de conhecimentos. Desempenha um papel ativo nas relações dos homens entre si, com o mundo natural e com o sobrenatural, atuando como um meio de construção e facilitação do ato de percepção e aquisição de conhecimento (RIBEIRO 1985, 1987; SILVA, 2002). Desta forma, para se chegar a

---

<sup>2</sup> Silva (2002:121) define a cultura material como o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo homem na transformação e utilização do mundo material.

certas generalizações da pré-história, deve-se obter todas as evidências da cultura material, que incluem desde as de natureza ecológica até as relacionadas ao contexto arqueológico.

A análise da dimensão técnica da produção da cerâmica é entendida, nesta pesquisa, como o estudo de uma forma de expressão cultural. Segundo Sanchez (1990:76), os elementos étnicos da consciência do grupo devem estar refletidos na condição material da cerâmica e o grupo social, por consequência, deve possuir algum tipo de identificação com as formas particulares que produzem e reproduzem sua vida por meio dos objetos materiais. Portanto, existe uma identificação entre o grupo e a sua produção cerâmica, a qual seria condicionada pela tradição e modo de trabalho.

Um dos problemas relativos a esta perspectiva refere-se à concepção do termo etnia. A delimitação de grupos étnicos nas ciências humanas e sociais passou por várias transformações (desde o século XIX até os dias atuais) e, para uma melhor compreensão da concepção contemporânea do termo, é necessário suscitar parte dos discursos adotados.

As discussões sobre identidades étnicas passam por duas vias básicas nos debates teóricos: as definições entre objetivistas e subjetivistas, e a tensão entre especificidade e generalidade. A dicotomia existente, no primeiro caso, é devida à separação entre definições *éticas*, dadas pelo pesquisador ao grupo estudado, e *êmicas*, que partem do grupo para os que não compartilham de sua identidade. “... Dada a decadência da idéia de objetividade científica, nos últimos quarenta anos as definições objetivistas têm desempenhado um papel fraco, se não nulo, na categorização de grupos humanos” (SCHIAVETTO, 2003:73). Já os debates entre especificidade e generalidade referem-se à tensão nas definições que propõem um uso restrito; são aplicáveis a um número reduzido de situações; e as definições genéricas são aplicáveis a qualquer estudo de caso ao redor do mundo, respectivamente. As discussões entre definições objetivas e subjetivas da identidade étnica desencadearam diversas tendências teóricas. A partir dos anos 60, podem ser destacados, por seu uso na maioria das análises etnográficas, o *primordialismo* e o *instrumentalismo-interacionismo* (SCHIAVETTO, 2003:74).

O primordialismo é considerado atualmente como ultrapassado, pela maioria dos autores. Merece destaque por ter sido o ponto de apoio para a elaboração da maioria dos conceitos posteriores. *“Sua importância como pólo teórico liga-se ao fato de ela postular uma especificidade das ligações étnicas baseada no caráter inefável, irracional e profundamente ressentido dos sentimentos inspirados por eles (...)”*. E remonta a *“uma concepção que faz da similaridade intrínseca entre aqueles que, sem tê-la escolhido, compartilham a herança cultural transmitida por ancestrais comuns, a fonte de ligações primárias e fundamentais”* (POUTIGNAT, STREIFF-FERNART, 1998:87-88).

Geertz postulou, em 1963, a existência de ligações “primordiais”, involuntárias, derivando de um sentimento de afinidade natural, mais do que da interação social. Sobre esta vertente, Schiavetto afirma:

Sendo algo dado **a priori** e constituído por grupos primários, anteriores à formação de uma sociedade global, isto é, que se deu antes de qualquer interação, o grupo étnico nos moldes primordialistas representa por excelência o refugio de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós (2003:75).

Os limites e principais problemas desta argumentação são apontados por Siân Jones (1997:71, *apud* SCHIAVETTO, 2003:76), enfatizando que estas teorias resultam na romantização e mistificação das identidades étnicas. E, entre outras explicações, o primordialismo induz que a identidade étnica é uma dimensão determinante e imutável, pois as ligações estabelecidas são involuntárias e coercitivas.

As teorias instrumentalistas têm como principais nomes Abner Cohen e Fredrik Barth, apesar do nome de Barth também ser associado ao interacionismo social. De acordo com Poutignat e Streiff-Fernart, as muitas formas de encarar a etnicidade que compreendem as teorias instrumentalistas possuem, em comum, o intuito de *“situar a etnicidade como um recurso mobilizável na conquista do poder político e dos bens econômicos”* (1998:95).

Segundo Schiavetto (2003), as várias abordagens instrumentalistas permitiram aos antropólogos a possibilidade de atestar o caráter situacional e dinâmico das identidades étnicas. Jones (1997:79, *apud* SCHIAVETTO, 2003:77) levantou uma série de problemas relacionados a essas abordagens, dentre os quais destaca o reducionismo de alguns vieses, o que leva à negligência das dimensões culturais da etnicidade. Critica também a simplificação da percepção de interesses dos agentes culturalmente situados, resultando na negligência da dinâmica do poder nas relações intra e intergrupais e na dificuldade de se distinguir grupos étnicos de outros grupos de interesse coletivo.

Do ponto de vista interacionista, a etnicidade não pode ser considerada uma qualidade adquirida desde o nascimento, com base em traços observáveis. Deste modo, a etnicidade é “um processo contínuo de dicotomização entre membros e ‘outsiders’, requerendo ser expressa e validada na interação social” (POUTIGNAT, STREIFF-FERNART, 1998:111). E conclui Schiavetto:

Assim, tanto de um ponto de vista instrumentalista quanto interacionista, levam-se em conta sobretudo os aspectos generativos e processuais dos grupos étnicos, encarando o processo cultural como fator essencial para a emergência e para a persistência desses grupos (2003:78).

As teorias da etnicidade assumem novas configurações quando são acionadas em uma dimensão arqueológica, que abarca o passado, por meio da análise da cultura material. Nesta pesquisa é utilizado o conceito de grupo cultural como equivalente ao grupo étnico, todavia, levando-se em consideração os limites que este conceito impõe aos estudos arqueológicos.

De acordo com Ribeiro (1987:15), a cultura material pode ser tratada como “*a exteriorização material de idéias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem*”. A partir desta idéia, procurou-se identificar, por meio do sistema tecnológico e, mais especificamente, pelo uso dos perfis técnicos, os elementos passíveis de serem

decodificados. Desta maneira, possibilitando a distinção dos grupos culturais que a produziram.

Bocanegra (1997) defende que a tecnologia se conceitualiza no subconsciente coletivo da sociedade, para formar parte de seu sistema sociocultural, atuando como modificador potencial do mundo real e reproduzidor dos bens culturais. A tecnologia é, então, um saber teórico, gerador de realidades materiais, e converte-se em um padrão cultural a mais para definir, junto a outros padrões, uma cultura arqueológica. Portanto, o estudo e caracterização das diferentes tecnologias encontradas nos sítios arqueológicos cria possibilidades de correlacionar determinadas tecnologias com grupos culturais específicos. Bocanegra conclui:

El sistema técnico de una sociedad puede determinar en parte la estructura y la organización social; el *modus operandi* de un proceso técnico influye, en particular, en la división social y sexual del trabajo y en la percepción del espacio cultural (unidades domésticas, espacios de trabajo, espacios sociales...), establecida por los roles acordados entre los miembros del grupo, y en general, en todo el elenco de sistemas tecnoeconómicos y culturales de la sociedad en cuestión (1997:150).

O estudo do sistema tecnológico, como indica Lemmonnier (1992:4-9), possibilita entender a tecnologia em sua dimensão sistêmica<sup>3</sup>. E deve ser discutido em três níveis distintos. O primeiro é o das técnicas em si. Sendo a técnica uma ação humana efetiva, levada a cabo a partir da interrelação de elementos como matéria, gestos, energia, objetos e conhecimento. O segundo é o estudo das diversas técnicas ou conjuntos técnicos<sup>4</sup>, é o sistema tecnológico propriamente dito. O terceiro é o estudo do sistema tecnológico em sua relação interna e externa com outros fenômenos culturais.

---

<sup>3</sup> Um sistema é um “conjunto de elementos que interagem entre si dando lugar às propriedades do sistema e, quanto mais elementos distintos tenha, mais possibilidades diferentes de interação existirá, com os quais o sistema será mais rico em funções ou mais complexo no sentido de menos previsível, menos rígido, mais variável e mais adaptável também” (ARSUAGA; MARTINEZ, 1998:23)

<sup>4</sup> Um conjunto técnico constitui-se da interrelação de técnicas que compartilham dos mesmos comportamentos e modos de ação sobre a matéria e que estão subordinadas aos mesmos princípios mecânicos (MAHIAS, 1989:170-171 *apud* SILVA, 2002:122).

Portanto, esta pesquisa utilizou procedimentos analíticos do tipo sistêmico para a reconstituição da tecnologia. O enfoque sistêmico, adotado como instrumento, permite identificar, ordenar, acompanhar e relacionar os diferentes níveis de um objeto de estudo. Desta forma, ao se avaliar uma sociedade sob este foco, pode-se entendê-la como um sistema formado de várias partes interdependentes. Esta qualidade permite o estudo de seus aspectos separadamente e de suas interações. Segundo Hodder (1994), no enfoque sistêmico o mais importante é a relação entre as partes.

Para Fontes (2003:21), um dos principais objetivos do enfoque sistêmico aplicado na arqueologia é correlacionar a estrutura dos restos materiais com os elementos da conduta de um sistema cultural ou ambiental. E completa: *“O estudo de grupos humanos pretéritos requer uma metodologia sistemática que permita uma conceitualização dos problemas a serem investigados e que leve a unidades analíticas apropriadas a estes problemas”*.

Por tratar-se de um modelo formal<sup>5</sup>, este nos permite descrever um fenômeno de maneira sistemática, analisando seu funcionamento e buscando as hierarquias dos seus componentes.

Além disso, como modelo explicativo, a perspectiva sistêmica restringe ou limita nosso universo de análise, pois, nem sempre podemos assinalar todas as variáveis determinantes da transformação de um sistema cultural pré-histórico (OLIVEIRA, 2004:62).

Então, identificar os elementos característicos dos diversos processos técnicos utilizados, ordenando esses elementos segundo as hierarquias e as relações entre os componentes, dentro das estruturas e dos sistemas é o que se objetiva nesta pesquisa.

---

<sup>5</sup> Modelo formal é um conjunto de elementos definidos precisamente, mais as regras lógicas para a sua combinação e manipulação (relações puramente lógicas entre os elementos) (KAPLAN, MANNERS 1981:246).

Nesta concepção, os elementos característicos de cada grupo não devem ser analisados de forma isolada, mas, sim, como parte de sua estrutura.

Portanto, *sistema técnico* pode ser definido como um conjunto de estruturas, no qual cada uma pode ser representada por um *perfil técnico* (Figura 1). Logo, este sistema representa o conjunto das técnicas desenvolvidas por um grupo, em que essas técnicas possuem diferentes níveis ou planos, com princípios qualitativamente distintos que se associam e se completam, em que cada um constitui um “nível estrutural”<sup>6</sup> (CASTRO, 1999; FONTES, 2003; OLIVEIRA, 1991, 2000, 2004).

Como modelo formal, define-se um *perfil cerâmico* como “*uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais, de designer (...) organizados segundo regras de hierarquia*” (OLIVEIRA, 2004:63). Para identificar o perfil cerâmico (Figura 2) será necessário perceber como se organizam estes elementos nas suas relações com outros elementos (técnica x técnica, morfologia x morfologia, função x função) e a maneira como se relacionam entre si, gerando a forma (técnicas + morfologias + funções = forma).

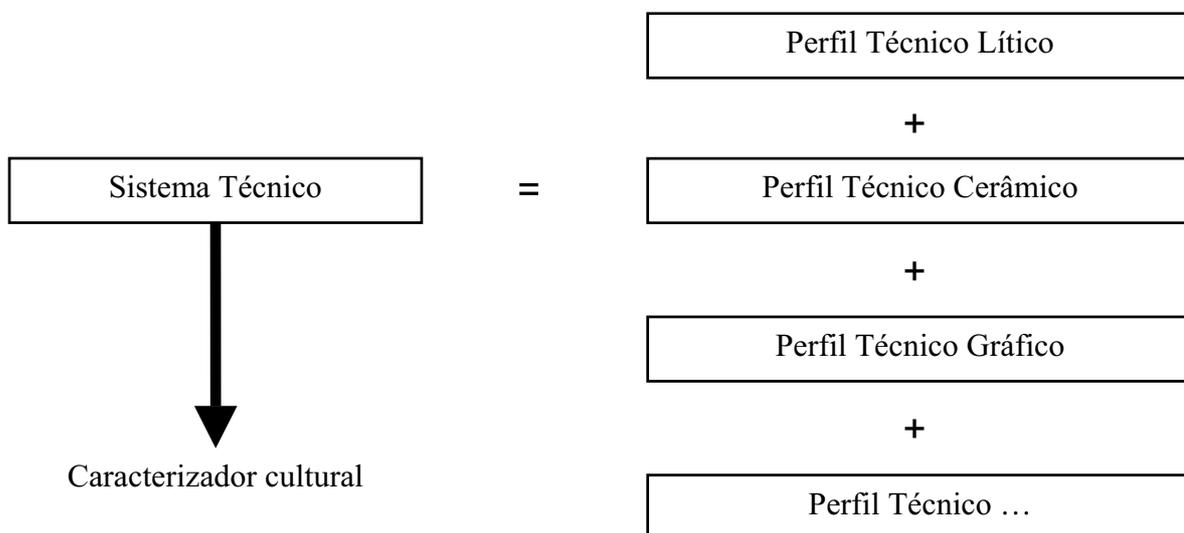


Figura 1: Composição do sistema técnico.

<sup>6</sup> O conceito de estrutura utilizado nesta dissertação procede da matemática e da lingüística e pode ser entendido como: “*uma correlação de propriedades, ou mais precisamente, uma entidade cujos componentes só são compreensíveis em função uns dos outros e do todo que constituem, de tal modo que o todo tenha uma realidade lógica e ontológica que transcenda a de seus componentes*” (OLIVEIRA, 2004:63).

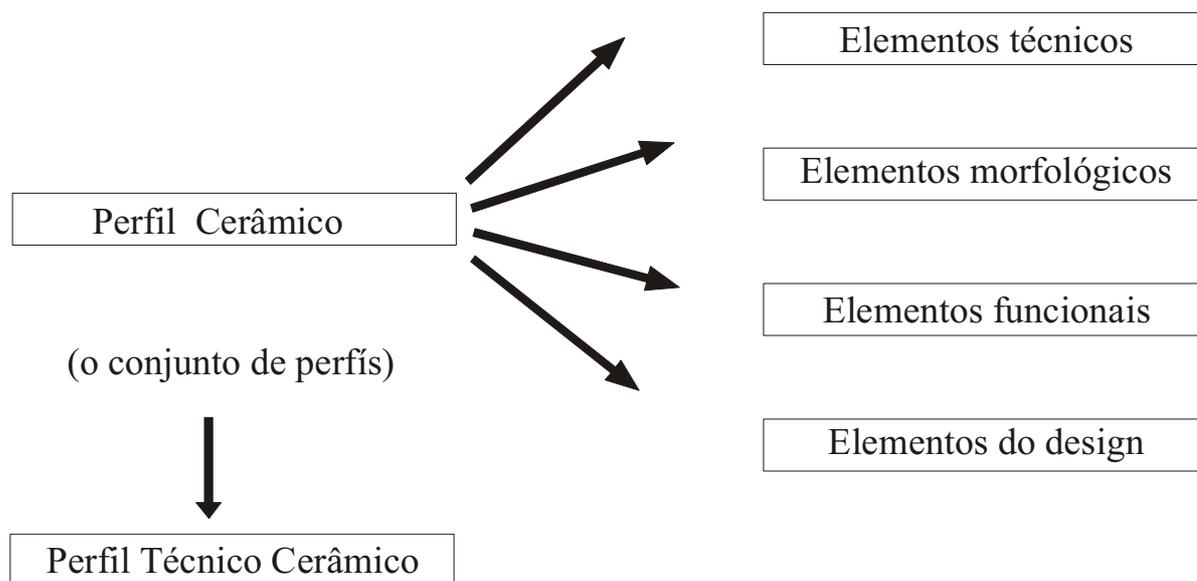


Figura 2: Composição do perfil técnico.

No perfil cerâmico, consideram-se elementos técnicos: as matérias-primas, os instrumentos utilizados na confecção dos artefatos, as técnicas de elaboração, as técnicas de queima da argila, ou seja, as técnicas de produção em si do objeto. Os elementos morfológicos são considerados aqueles atributos ligados à forma do objeto, como, por exemplo, o tamanho. Os elementos funcionais são definidos pela finalidade de utilização de cada objeto. Os elementos do design referem-se às técnicas decorativas, que abrangem os motivos, escolha de cores, associação de técnicas, entre outras.

A necessidade da compreensão das condições de fabricação de um objeto seja este utilitário, ritual ou decorativo, e de seu uso é enfatizada por Vital (1995:372), ao afirmar: “*O conhecimento pleno de um objeto requer, em suma, que o consideremos em seu contexto mais amplo e em sua característica de sistema*”. Para alcançar este patamar de compreensão é preciso explicitar a metodologia utilizada na caracterização cultural dos grupos responsáveis pela produção dos vestígios cerâmicos nos sítios de abrigo estudados.

#### **2.4 Pressupostos metodológicos para o estudo dos grupos ceramistas: o perfil técnico cerâmico (execução da análise e dos atributos avaliados)**

Para o estudo das cerâmicas encontradas em abrigos utilizaram-se os mesmos procedimentos de caracterização que foram aplicados nos sítios a céu aberto de grupos de aldeias. Tomou-se como base os elementos dos perfis cerâmicos dos sítios Aldeia da Queimada Nova, Barreirinho, Baixão da Serra Nova e Cana Brava. Desta forma, as hipóteses e os procedimentos foram levantados e discutidos de maneira integrada (conforme explicitado no item anterior). A partir da comparação dos perfis técnicos cerâmicos já estabelecidos para os sítios de aldeias com os novos perfis cerâmicos estabelecidos para os grupos de abrigos tentou-se analisar a utilização do espaço dos abrigos.

Os procedimentos para a análise do material cerâmico se iniciam com a identificação das técnicas utilizadas pelo grupo. O primeiro passo a ser adotado é a separação dos fragmentos cerâmicos em unidades. Em seguida são analisados os elementos que compõem cada unidade cerâmica. O terceiro passo é identificar os objetos dentro de cada unidade cerâmica. Por último, segregar as características que irão delinear o perfil cerâmico.

Primeiro passo – o nível de ordenamento:

Consiste em separar os fragmentos cerâmicos em unidades que permitam uma distinção imediata. Inicialmente serão três unidades específicas, pela presença de antiplásticos nos fragmentos e por seus tipos, pelo tratamento de superfície externa dos fragmentos e pela ausência de condições de se perceber um desses dois elementos.

Segundo passo – elementos de caracterização das unidades:

Consiste na identificação das pastas, ou antiplásticos, utilizados nos vestígios localizados nos abrigos. Estes servem para melhorar a manuseabilidade da argila, para

aumentar ou diminuir a porosidade e permeabilidade, além de aumentar a resistência mecânica após a queima. A identificação passa pela análise do tipo de aditivo, observando o tamanho, a distribuição na pasta e a formação de bolhas de ar.

O tratamento de superfície é um dos elementos da caracterização das unidades, separadas de acordo com a técnica utilizada:

- Alisamento		- Decorações Plásticas		
- Polimento	+	- Pinturas	=	Tratamento de Superfície
- Brunido				

Foram utilizadas as terminologias propostas por Chymz (1976), Meggers (1970), La Salvia e Brochado (1989). Para a análise das pinturas foram consideradas as informações sobre a matéria-prima e as etapas de execução.

No interior de cada unidade cerâmica é feita a análise do tratamento de superfície interna (grupos) dos fragmentos, para separar os elementos que podem fornecer informações sobre as técnicas e formas dos objetos daqueles que fornecem apenas dados das pastas e dos tratamentos de superfície. Através desta análise, são agrupados dois universos: de fragmentos e de objetos.

Terceiro passo - identificar os objetos dentro de cada unidade cerâmica:

É a procura da *identidade da forma*, ou seja, a recomposição dos objetos. Nesta etapa tenta-se remontar os fragmentos, a partir de sua espessura e forma. As partes remontadas são separadas de acordo com as formas que forem surgindo (por exemplo, do tamanho da base, formato da boca, formato do bojo). Montar a recomposição gráfica das vasilhas reconstituídas.

Quarto passo - segregar as características que irão delinear o perfil cerâmico:

Os dados provenientes dos fragmentos separados em unidades cerâmicas, somados à sua distribuição espacial no sítio, e à sua forma, podem delimitar a representatividade dos objetos da unidade. Inclui-se deste modo uma gama de possibilidades de análises, sobretudo, que permitirão entender as características técnicas e funcionais das cerâmicas dos grupos de abrigos.

### 3 – A TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NA ÁREA DO PARNA

Cada grupo humano possui objetos e técnicas absolutamente distintos de outros grupos: para uma mesma tendência técnica materializada no mundo em um objeto como, por exemplo, a colher, encontramos colheres esquimós, tuaregs, melanésias, etc., tão profundamente personalizadas que é impossível confundi-las (VIDAL, 1995:370).

#### 3.1 – Perfil técnico cerâmico dos abrigos estudados

No estudo dos fragmentos cerâmicos dos abrigos foram selecionados alguns atributos para serem avaliados. A eleição destes atributos foi devida principalmente a três motivos: a) por serem as características mais marcantes no que se refere às técnicas de produção, ou seja, os atributos indicados possibilitam um entendimento minucioso das escolhas técnicas dos seus fabricantes, b) os atributos escolhidos permitem resgatar as seqüências e as formas de aplicação das técnicas, abrangendo desde a aquisição da matéria-prima até a produção do artefato e; c) estes atributos também foram selecionados em pesquisas anteriores, o que permite, por meio do uso de uma “linguagem comum”, relacionar os elementos mais marcantes das cerâmicas de diferentes sítios arqueológicos.

A frequência dos fragmentos cerâmicos encontrados nos sítios Toca da Baixa dos Caboclos (TBC), Toca do Serrote do Tenente Luiz (TSTL) e Toca do Pitombi (TP) está registrada no quadro 3.

<b>Frequência da cerâmica nos sítios estudados</b>	
<b>Sítio*</b>	<b>Cerâmica</b>
TSTL	1575
TBC	660
TP	24
Total	2259

Quadro 3: Frequência da cerâmica nos abrigos pesquisados.

\* TSTL = Toca do Serrote do Tenente Luiz; TBC = Toca da Baixa dos Caboclos; TP = Toca do Pitombi.

A **pasta** foi o primeiro dos critérios analisados, e pode ser caracterizada pela variação na quantidade e qualidade do antiplástico, também por sua dureza e textura (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; OLIVEIRA, 1991, 2000; RYE, 1980). Desde 1964, questões relacionadas ao antiplástico vêm sendo discutidas nas pesquisas sobre a cerâmica pré-histórica brasileira. A distribuição, quantidade, tipo e tamanho do antiplástico proporcionam diferentes tipos de pasta que podem estar relacionados com a função do objeto. De acordo com Oliveira (2000:145), as variações referentes ao conjunto antiplástico e pasta representam uma opção, uma escolha técnica e, portanto, um parâmetro para distinguir perfis cerâmicos.

O critério seguinte considerado é relacionado à **técnica de manufatura**. Para inferir sobre as técnicas de manufatura é necessário observar a tendência das fraturas nos fragmentos, o tipo de fratura e traços de junção de roletes. Estes servem como indicadores da técnica utilizada, que, no caso dos abrigos estudados, foi do tipo acordelado, ou roletado; nos sítios de aldeia foram identificadas outras técnicas, como a moldada e a junção de técnicas mistas num mesmo objeto.

A **queima** é um dos atributos mais difíceis de serem identificados por observação direta, sendo necessário o uso de processos físico-químicos que controlem as diversas variáveis envolvidas na queima, como o tipo de atmosfera, o tipo de combustível e a quantidade de matéria orgânica de argila. Todavia, neste estudo utilizou-se apenas a marca do efeito que a queima apresenta no corte transversal dos objetos. Esta pode ser do tipo redutora (completa), apresentando coloração uniforme no núcleo e extremidades, ou do tipo oxidante (incompleta), com variação das cores no núcleo e extremidades.

A **espessura e largura** foram consideradas como um atributo, por relacionarem categorias morfológicas como bordas, bojo e base com o tamanho e forma das vasilhas. No quadro 4 estão relacionadas as medidas utilizadas para a sistematização dos dados.

Tamanho do Fragmento:		
1=	2x2	cm
2=	5x5	cm
3=	7x7	cm
4=	10x10	cm
5=	15x15	cm
6=	20x20	cm
7=	25x25	cm
8=	> 30	cm
Espessura do Fragmento:		
a=	0,01 até 5,0	mm
b=	5,1 até 10,0	mm
c=	10,01 até 15,0	mm
d=	> 15	mm

Quadro 4: Medidas utilizadas para sistematização dos fragmentos cerâmicos.

Os números (1, 2, 3, ...) referem-se ao comprimento máximo das duas extremidades mais distantes do fragmento, independente do formato deste. As letras (a, b, c, ...) referem-se à distância máxima entre as extremidades do corte transversal de cada fragmento.

Os **tratamentos de superfície** consistem em diversas técnicas que podem ser relacionadas a qualidades técnicas. Constituem os processos de acabamento da superfície do objeto propriamente dito, podendo ser: alisada, polida, brunida, corrugada, ungulada, carimbada, digitada, entalhada, exciso, inciso, entre outras, além de outros dos **tipos de decoração**.

A frequência do **tipo de objeto** também foi utilizada como parâmetro para identificar um perfil cerâmico e, conseqüentemente, levou-se em conta também a **forma** dos objetos inteiros e reconstituídos. Na reconstituição, todos os fragmentos de um mesmo objeto estavam separados pelo tipo de pasta e reunidos na mesma unidade.

### 3.1.1 – Toca da Baixa dos Caboclos

Em agosto de 1996 foi localizado, no município de Gervásio de Oliveira, na fazenda São Francisco, propriedade do Senhor Genésio Lopes da Silva, um abrigo sob rocha, com variadas formas de vestígios arqueológicos. O sítio está localizado ao sul da Bacia Sedimentar Maranhão-Piauí, entre as coordenadas 8° 26' 667''S e 42° 05' 034''W. A sede da fazenda fica em frente ao abrigo, e o terreno adjacente é utilizado há alguns anos como área de cultivo (Mapa 6).

O abrigo mede 51 m de comprimento por 15 m de largura, com orientação sudoeste-noroeste, abertura a sudeste. Sua formação é arenítica, com estratificações cruzadas e intercaladas de níveis conglomeráticos, ricos em óxidos de ferro, de espessura variando entre 15 e 30 cm. Nestes níveis conglomeráticos predominam seixos de quartzo, seguidos de quartzitos de pequena a média dimensão. O solo do abrigo apresenta uma inclinação natural em direção ao vale, no qual se encontram blocos de arenito abatidos devido ao deslocamento natural da rocha (VIDAL, 1998).

Os trabalhos arqueológicos ocorridos neste abrigo foram do tipo salvamento, conforme indicam Guidon, Vergne e Vidal (1998):

Em julho de 1996, foram descobertos vários sepultamentos humanos na Toca da Baixa dos Caboclos, abrigo sob rocha com pinturas rupestres pertencentes à tradição Geométrica. Parte do teto do abrigo tinha caído, expondo à chuva o lado nordeste do seu interior. A queda d'água fez aflorar na superfície um crânio e a apófise proximal do fêmur de um esqueleto humano. Comprovando o interesse do achado, a equipe da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM entrou em contato com a Prefeitura Municipal de São João do Piauí, a fim de obter os recursos que viabilizassem o salvamento.

Vidal (1988) completa o quadro situacional do abrigo:

... o solo do abrigo estava sendo destruído pela chuva e pelos animais que nele [no abrigo] se refugiam, fugindo do intenso calor. A constante ocupação do abrigo por animais de grande porte tais como cavalos, jumentos e bois, colocava em grande perigo os materiais arqueológicos existentes. Pudemos comprovar durante a escavação, que varias urnas situadas na primeira camada, foram pisoteadas e destruídas pelo gado, além de aparecerem contaminadas com fezes e urina. Ante o perigo da destruição do sítio e pela impossibilidade de se proceder a uma escavação demorada *in situ*, realizou-se a retirada dos enterramentos seguindo-se a técnica de engessamento, preparando blocos fechados para serem abertos e escavados, posteriormente, no laboratório (1998).

Em decorrência dos trabalhos de campo realizados neste sítio foram publicados os resultados de duas campanhas arqueológicas (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998:128). A primeira, em 1996, quando ocorreu o salvamento da sepultura que havia aflorado com as enxurradas. A segunda, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1998 (dividida em duas partes), abrangendo o levantamento e o desenho planimétrico e altimétrico do sítio e seus arredores. Foram também estabelecidos os setores no sítio e realizado o planejamento da primeira área a ser escavada (Planta 1).

Foi aberta uma trincheira de 5 m de comprimento por 1 m de largura (cinco quadrículas de 1 x1 m) que alcançou a profundidade máxima de 87 cm. O intuito da abertura desta trincheira era permitir a leitura estratigráfica, além de avaliar o potencial arqueológico do sítio.

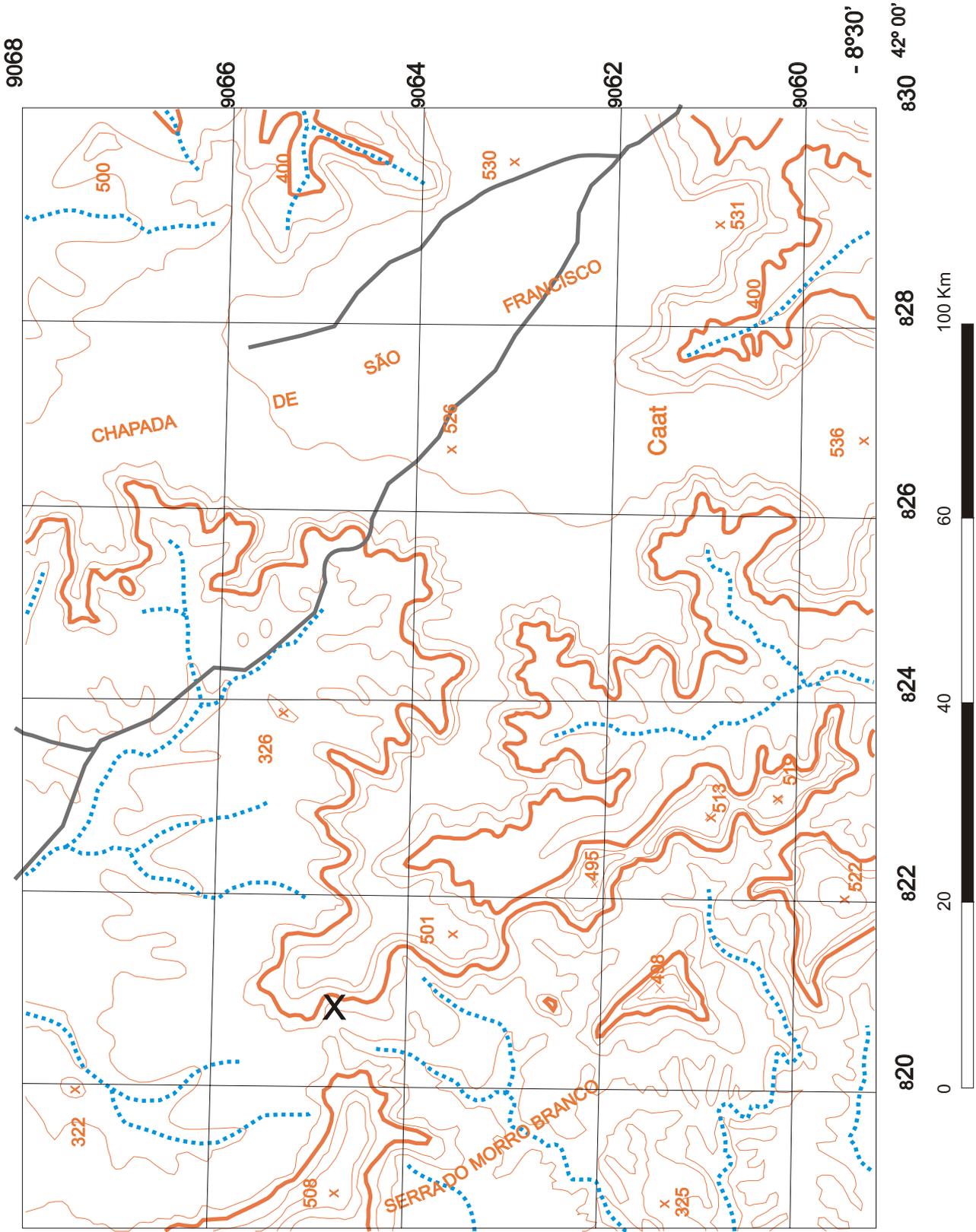
A estratigrafia observada nesta trincheira determinou a delimitação de quatro camadas. A camada 1, com 7 cm próximas à superfície, é composta por sedimento arenoso cinza escuro (Munsell, 10YR4/4). A camada 2 tem 3 cm de sedimento arenoso e presença de pequenos seixos (Munsell, 10YR 8/5). A camada 3 é a mais espessa de todas, com 52 cm, em cuja composição existe sedimento arenoso (Munsell, 10YR 1/8) e blocos

de arenito friáveis. A camada 4 é a mais profunda do perfil, com 25 cm de espessura, atingindo a rocha base do abrigo, também é composta por sedimento argiloso (Munsell, 7.5YR 4/7). Os arqueólogos responsáveis pela escavação do abrigo concluíram que a não existência de solos arqueológicos ou de ocupação caracterizava aquele espaço apenas para a prática de pinturas rupestres e para enterramentos (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998:129).

As escavações compreenderam três decapagens. A decapagem 1 evidenciou os bojos das urnas 1, 2, 3, 4, 5 e 7, além de fragmentos cerâmicos dispersos e material lítico diverso. A urna número 8 não pôde de ser removida, devido à presença de blocos de arenito. Foi localizado também um enterramento, número 6, nesta parte, os arqueólogos atingiram a base rochosa do abrigo; todavia, “*a sua profundidade não pode ser definida nesta decapagem*” (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998:129).

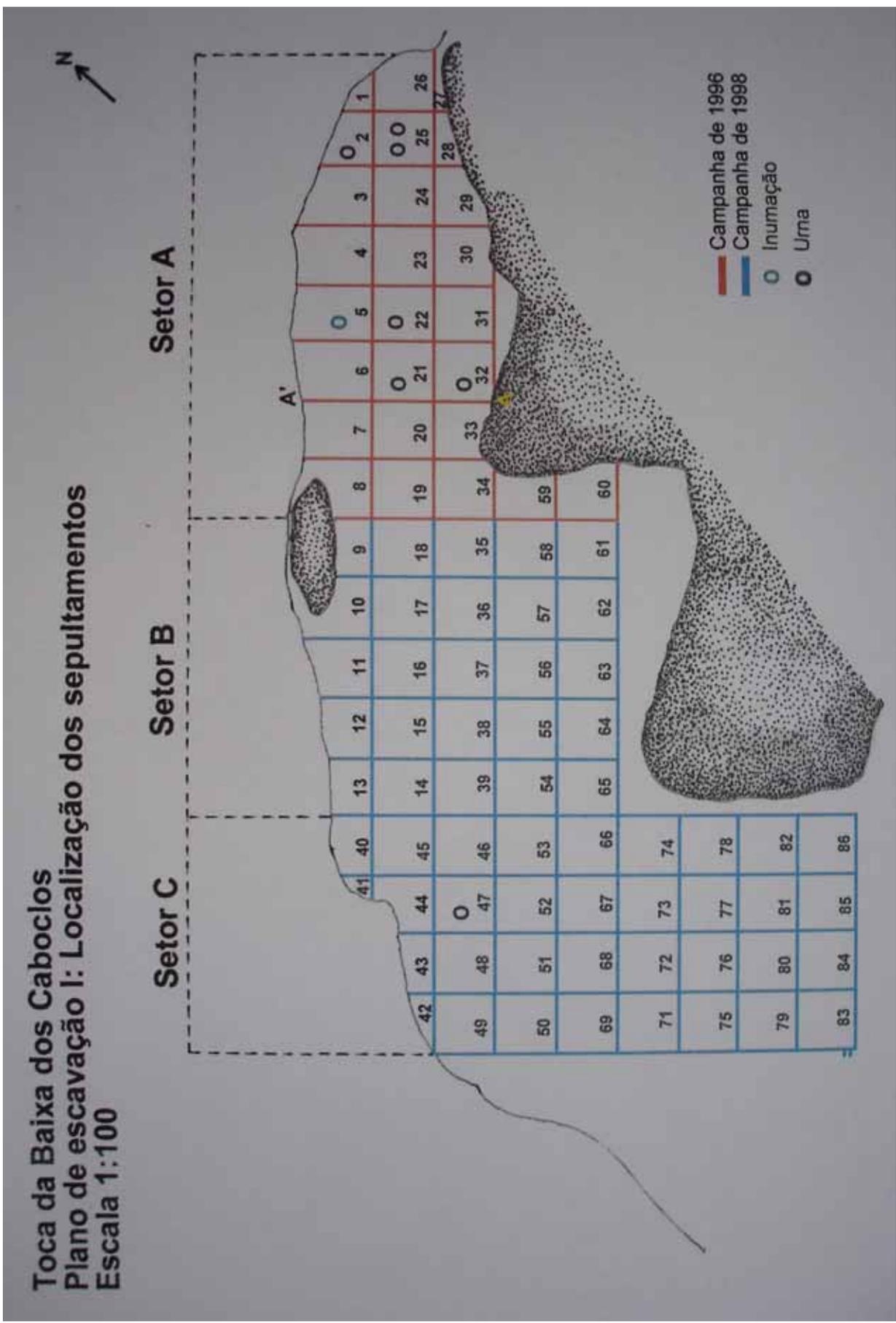
A decapagem 2 alcançou a base rochosa do abrigo na área próxima à parede. Isto permitiu evidenciar as bases das urnas 1, 2, 3 e 7. Durante esta decapagem não foi possível evidenciar as bases das urnas 4 e 5, nem o enterramento 6. Neste momento, começou o processo de engessamento destes vestígios, para que, num momento posterior, estes objetos fossem escavados em contexto de laboratório. Para as urnas 1, 2, 3 e 4 o processo ocorreu conforme as expectativas; a aplicação desta técnica permitiu envolver os objetos em gesso, formando um verdadeiro casulo. Esse procedimento garante o transporte do vestígio com segurança. Todavia, nas urnas 5, 7 e 8 e no enterramento 6 ocorreram alguns problemas:

Ao virarmos os casulos que envolviam os enterramentos 5, 6, 7, 8, parte dos ossos e fragmentos cerâmicos ficaram presos no embasamento rochoso. (...) Utilizamos todos os cuidados necessários para escolher os ossos e os fragmentos cerâmicos que foram recolocados dentro dos casulos para que não se quebrassem durante o transporte. Recolhemos também o sedimento que existia dentro das cavidades sobre as quais foram depositados os enterramentos 3, 4 e 6 (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998:130).



EQÜIDISTÂNCIA DAS CURVAS DE NÍVEL : 40 METROS

Mapa 6: Localização da Toca da Baixa dos Caboclos. Fonte: carta da Sudene - SC.23-X-B-III.



Planta 1: Plano de escavação da Toca da Baixa dos Caboclos.  
 Fonte: Vidal (1998).

A decapagem 3 terminou com a escavação total da área demarcada para a primeira escavação. A base rochosa do abrigo foi escavada, formando pequenas cavidades, pelos grupos humanos responsáveis pelos enterramentos no abrigo. Cada cavidade foi preenchida com uma urna ou um corpo, o restante destes espaços foi coberto com sedimentos diferentes do encontrado no abrigo, possivelmente oriundos de outra área.

Ao final da primeira parte da segunda campanha foram contabilizadas seis urnas funerárias, fragmentos do bojo de uma sétima urna, um esqueleto enterrado diretamente no sedimento, fragmentos cerâmicos dispersos e vestígios de materiais líticos. Ainda no ano de 1998, a segunda etapa, ou uma segunda campanha arqueológica, foi realizada na Toca da Baixa dos Caboclos. A limpeza da área já escavada e também do resto do abrigo iniciou os trabalhos na volta da equipe de arqueólogos. A limpeza consistiu na retirada de 7 cm de areia da superfície, a qual continha fezes de animais domésticos, seixos misturados e detritos vegetais diversos. Durante a ablução do abrigo os pesquisadores acharam um núcleo de sílex e sete fragmentos de cerâmica.

Entre as quadrículas 47 e 48 foi localizado uma urna cerâmica, esta recebeu o número 9, medindo 30 cm de altura e com diâmetro de boca de 35 cm. Os arqueólogos que participaram da escavação desmontaram a urna em campo, devido ao estado fragmentado em que esta se encontrava. No interior jaziam os restos de uma criança de pouca idade (0 e 5 anos) e um enxoval funerário composto por um pequeno arco com corda trançada de fibra vegetal e duas flechas confeccionadas a partir de varas de madeira. O corpo, conservado num processo de mumificação natural, apresentava a mão esquerda intacta, estando preservadas inclusive as unhas:

O corpo tem o aspecto de estar impregnado de sais minerais que aparecem incrustados na matéria orgânica. Talvez o sedimento do arenito decomposto contenha algum sal mineral específico em grande quantidade. Isso explicaria a magnífica conservação dos restos humanos que aparecem neste abrigo (GUIDON; VERGNE; VIDAL, 1998:131).

Nesta última campanha foram escavados os setores B e C (Planta 1). As camadas estratigráficas se diferenciaram das do setor A, pois apesar da camada superficial se manter igual em toda a área do abrigo, a segunda apresenta a mesma coloração e seixos maiores em relação ao setor A e não apresenta blocos em decomposição. Foram recolhidos carvões, fragmentos cerâmicos e líticos.

Foram analisados 660 fragmentos cerâmicos provenientes da Toca da Baixa dos Caboclos, dos quais 324 não forneceram o mínimo de informações necessárias, apresentando pelo menos uma das superfícies (interna ou externa) totalmente destruída e/ou largura inferior a 2 x 2 cm, denominados, a partir de então, de classe residual. Os fragmentos incluídos nesta categoria não foram contabilizados nas análises seguintes, portanto, se trabalhou com 336 fragmentos para definir o perfil cerâmico deste sítio.

Apenas um tipo de pasta (Pasta 1) foi identificado neste grupo de fragmentos; a dureza dos fragmentos está entre 2 e 3 segundo a escala de Mohr. A cor dos fragmentos varia entre o marrom (Munsell, 7.5 YR5/2 e 10 YR5/3) e o marrom acinzentado (Munsell, 10 YR6/2 e 10 YR5/2), com alguns fragmentos chamuscados por fuligem (Quadro 5).

Descrição	TBC
Pasta I	areia fina, quartzo, hematita, mica, caco de cerâmica e bolo de argila.
obs.:	a quantidade de cacos moídos e de bolos de argila varia muito, em alguns cacos tem-se mais cacos moídos e em outros mais bolos de argila.

Quadro 5: Descrição da Pasta I referente ao sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

Todos os fragmentos analisados no conjunto recolhido neste sítio foram confeccionados pela técnica de manufatura acordelada ou roletada. O tipo de queima, em sua maioria, foi identificado como oxidante, correspondendo a 83,92 % do universo de fragmentos, e 16,08 % foram identificados como queima do tipo redutora (Quadro 6).

Queima	
Redutora	Oxidante
54	282

Quadro 6: Tipo de queima identificado nos fragmentos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

A espessura e a largura dos fragmentos da Toca da Baixa dos Caboclos podem ser verificadas no quadro 7:

Tamanho dos fragmentos				
1a	1b	1c	1d	Total
2	-	-	-	2
2a	2b	2c	2d	
19	8	-	-	27
3a	3b	3c	3d	
91	77	-	-	168
4a	4b	4c	4d	
29	58	-	-	87
5a	5b	5c	5d	
8	20	1		29
6a	6b	6c	6d	
-	11	-	-	11
7a	7b	7c	7d	
-	9	-	-	9
8a	8b	8c	8d	
-	3	-	-	3
				336

Quadro 7: Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

A maior parte dos fragmentos deste sítio possui as superfícies internas e externas alisadas (45, 53 %), seguido pela aplicação do corrugado (na maior parte dos fragmentos corrugado simples), na superfície externa, e alisamento, na superfície interna (36, 41 %). Em apenas 1, 48 % (cinco fragmentos) foi utilizado o engobo natural, acompanhado de alisamento, nas superfícies interna e externa (Quadro 8).

Tratamento de superfície*								
A ext	A int	%	A ext	ES int	%	A ext	A + Pint int	%
153		45,53	1		0,29		58	17,26
C ext	A int	%	ES ext	A int	%	A + EN ext	A + EN int	%
119		35,41	-				5	1,48

Quadro 8: Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

\* A ext = alisado externo; A int = alisado interno; ES ext = escovado externo; ES int = escovado interno; A + Pint int = alisado + pintura interna; C ext = corrugado externo; A + EN ext = alisado + engobo natural externo; A + EN int = alisado + engobo natural interno.

A identificação morfológica dos fragmentos permitiu o reconhecimento de três partes dos objetos: as bases, os bojos e as bordas, subdivididos em dois tipos de bases, dois tipos de bordas e dois tipos de lábios identificados na borda (Quadro 9).

Tipo de objeto			
Base	Bojo	Borda	Outros
4	278	54	-
Tipo de base			
Cônica	Convexa		
4	-		
Tipo de borda			
Direta	Outra		
54	-		
Tipo de lábio			
Arredondado	Plano		
14	40		

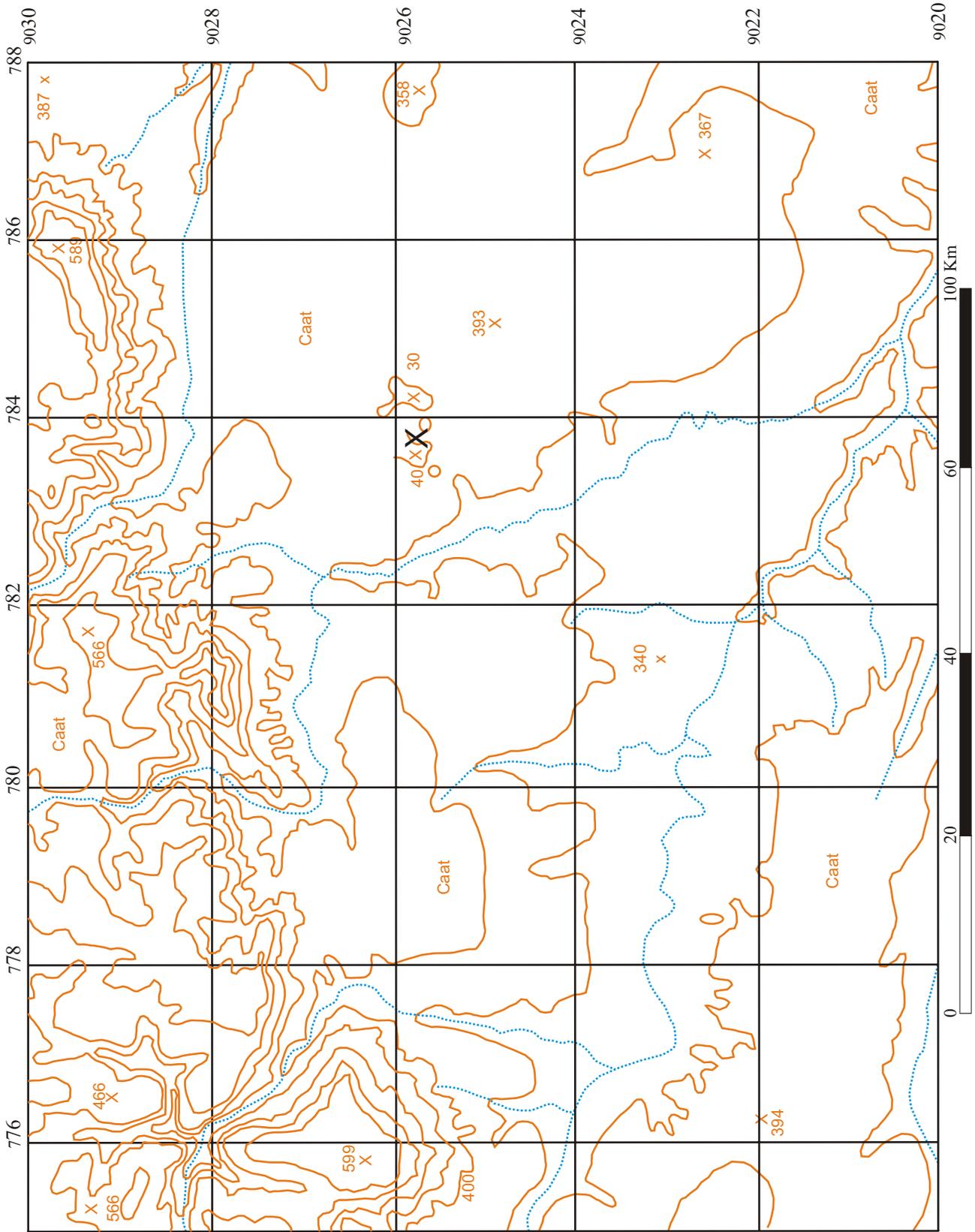
Quadro 9: Características morfológicas da cerâmica do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.

A forma e o tipo de objeto estão descritos no final do item 3.1.3 – Toca do Pitombi.

### **3.1.2 – Toca do Serrote do Tenente Luiz**

A Toca do Serrote do Tenente Luiz é um abrigo sob rocha, situado num serrote de calcário na Depressão Periférica do médio São Francisco. O sítio está localizado no município de São João do Piauí, entre as coordenadas 08° 48' 43.0" S e 030° 25' 09.3" (Mapa 7). Todos os sítios desta área correm risco de desaparecer, devido à extração do calcário, para a produção de cal, e a outros tipos de explorações predatórias e ilegais. Atualmente, o uso de dinamite e outros explosivos acelerou a destruição dos vestígios arqueológicos, obrigando a equipe da FUMDHAM a cercar algumas destas áreas, incluindo o serrote e o abrigo em estudo. Durante as prospecções, somente na área do entorno deste sítio foram localizadas seis caieiras, fornos especiais para produção de cal, atualmente desativados.

As campanhas de escavação do sítio ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2002, e até o momento nenhum trabalho foi publicado sobre os vestígios encontrados ou como se processou o trabalho de campo. As referências sobre as campanhas de escavação, mencionadas nesta pesquisa, foram recolhidas do caderno de campo de um dos arqueólogos responsáveis pela pesquisa (consultado nas dependências da FUMDHAM), além de alguns croquis desenhados pelo topógrafo responsável.



EQÜIDISTÂNCIA DAS CURVAS DE NÍVEL : 40 METROS

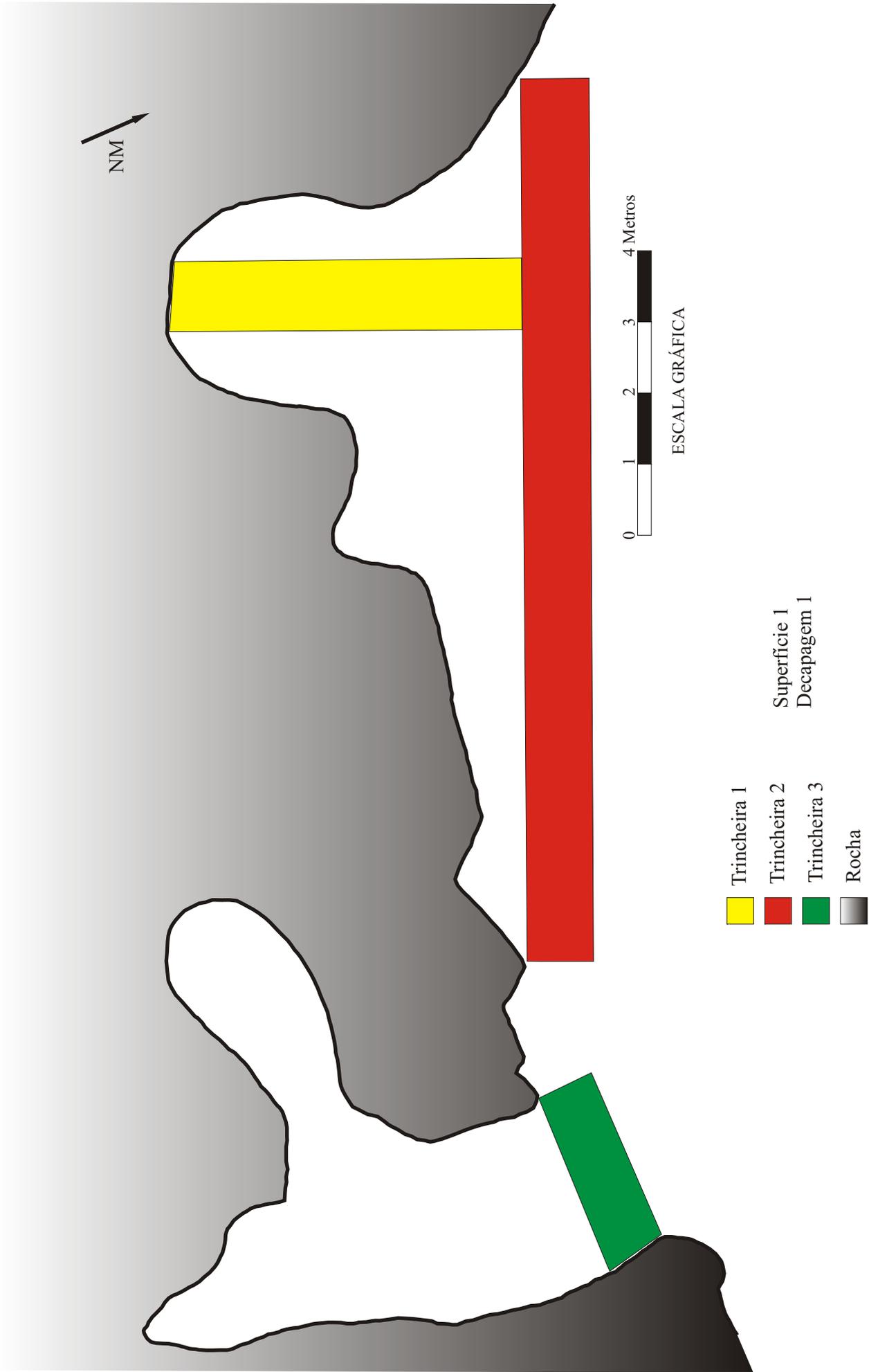
Mapa 7: Localização da Toca do Serrote do Tenente Luiz.  
Fonte: Carta da SUDENE - SC.23-X-B-VI.

Inicialmente, foram determinadas três trincheiras, com a função de sondar a área do sítio, chamadas de trincheiras 1, 2 e 3, conforme se observa no croqui 1. A escavação foi iniciada utilizando-se níveis naturais; todavia, a partir da decapagem 6 (que alcançava a profundidade de 60 cm), adotou-se, na trincheira 2, e conseqüentemente para as outras duas trincheiras, o uso de níveis artificiais de 10 cm, conforme preconiza Kesting (2002:14): *“Por não ter camadas definidas, a escavação prossegue por decapagens artificiais de 10 cm, em média”*. O sedimento encontrado no sítio é argilo-arenoso (com coloração variando entre Munsell 5YR7/5 e 5YR6/4), com grande quantidade de blocos de calcário, que ora apresentam forma laminar alongada, ora de estalactites que se desprenderam ou foram quebrados do teto da toca.

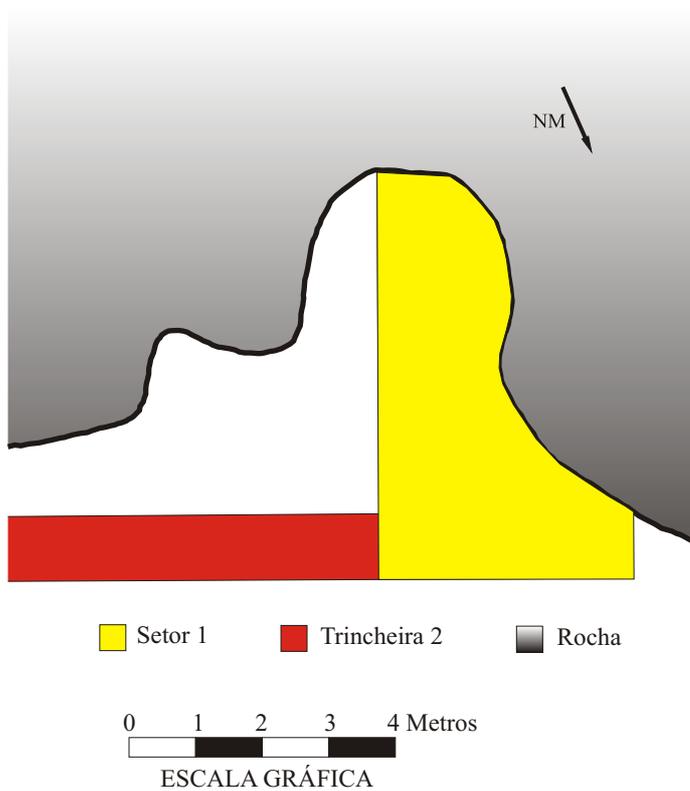
Na segunda decapagem da trincheira 1 foi localizado um vasilhame cerâmico, identificado como urna funerária 1. Na oitava decapagem foram localizados vestígios ósseos, que se estendiam para além da parede norte desta trincheira. A solução adotada pela equipe de escavação foi a de ampliar a área e transformar a trincheira 1 no setor 1, que passou a compreender toda a lateral, conforme o croqui 2. Na quarta decapagem foram evidenciados líticos, cerâmica, ossos e também o crânio do esqueleto 2, além da estrutura de uma fogueira.

Na trincheira 2, a presença de ossos humanos extrapolando os seus limites motivou a ampliação e criação de dois pequenos anexos longitudinais (2 metros de comprimento e 1 m de largura), denominados extensões B e C. Diversos vestígios líticos, cerâmicos e ósseos foram recolhidos, dentre estes o esqueleto 3 (Croqui 3).

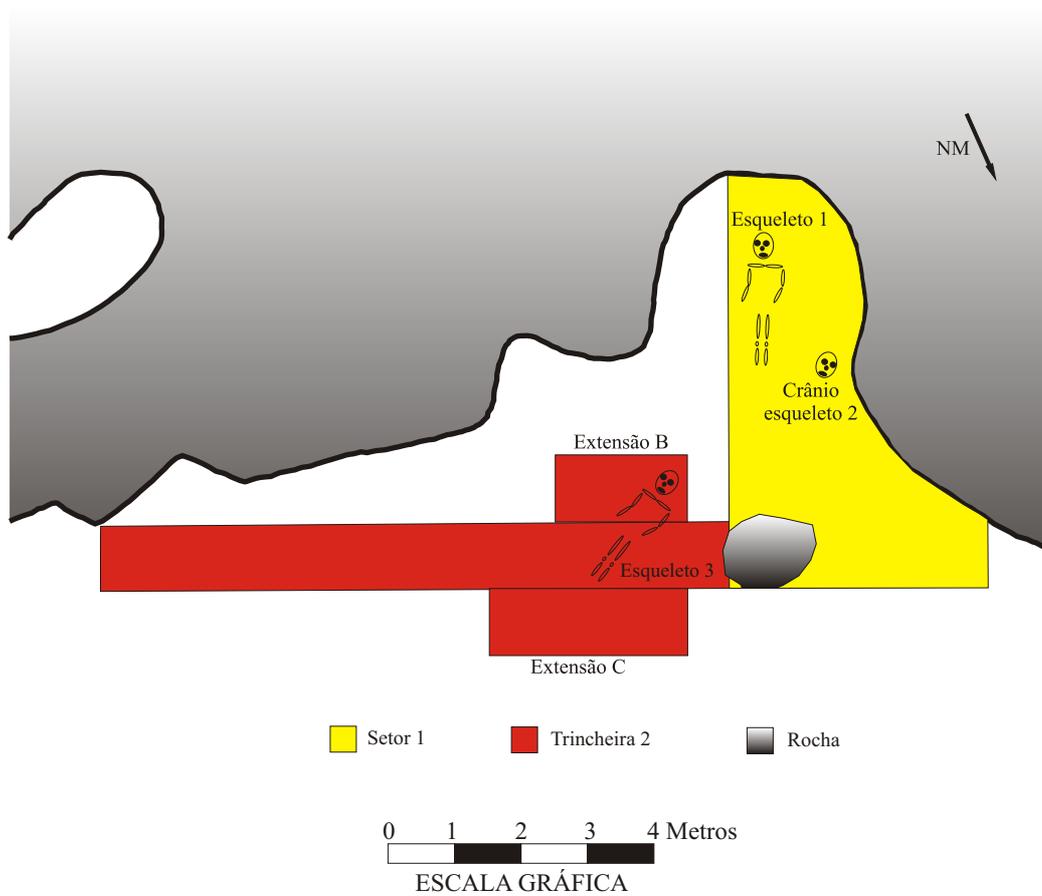
Sobre a fogueira 1, situada nas decapagens 3 e 4 do setor 1, vale ressaltar uma das notas do caderno de campo:



Croqui 1: Área do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (Adaptado dos croquis da caderneta de campo).



Croqui 2: Setor 1, resultado da expansão da trincheira 1.



Croqui 3: Ampliação da trincheira 2 e localização dos esqueletos 1, 2 e 3.

... Eram compostas de quartzito. Isso revela que os grupos humanos pré-históricos que utilizaram a Toca do Serrote do Tenente Luiz tinham conhecimento tecnológico semelhante aos montadores de forno de calcário atuais, no que se refere à reação da rocha de calcário na presença do fogo. Quando se lhe aplicava fogo alto a rocha fragmenta-se, provocando estampido semelhante a uma arma de fogo, estilhaçando-a. Por esse motivo os grupos pré-históricos devem ter evitado utilizar fragmentos de calcário nas estruturas de fogo. Então utilizaram seixos de quartzito que apresentam maior estabilidade em situações de altas temperaturas. Isso explica porque a maior parte dos líticos (ou pelo menos boa parte deles) encontrados na Toca são seixos de tamanho grande. Eles devem ter sido predominantemente utilizados em estruturas de fogo que podem estar relacionadas com os rituais funerários no enterramento dos esqueletos encontrados” (KESTERING, 2002:327).

A terceira trincheira passou pelo mesmo processo de ampliação que ocorreu nas outras duas e, conforme o número de vestígios aumentava, a escavação ampliava-se também. No último layout as trincheiras 1 e 2, juntamente com as ampliações citadas e outras que ocorreram posteriormente, passaram a ser consideradas um único conjunto, denominado setor 1. A trincheira 3 e suas respectivas ampliações foram denominadas setor 2 (Croqui 4).

Diversos vestígios cerâmicos, líticos e ósseos foram coletados nesta escavação. Diferente do que normalmente ocorre nos solos ácidos do clima tropical brasileiro, o elevado número de enterramentos conservados vem comprovar a importância arqueológica deste sítio e a necessidade da escavação por completo da área do abrigo.

Foram analisados 1575 fragmentos cerâmicos provenientes da Toca do Serrote do Tenente Luiz, dos quais 1369 não forneceram o mínimo de informações necessárias, apresentando pelo menos uma das superfícies (interna ou externa) totalmente destruída e/ou largura inferior a 2 x 2 cm (classe residual). O alto índice alcançado pela classe

residual (88,63% dos fragmentos) pode ter sido ocasionado por múltiplos fatores, desde o pisoteio de animais, até a quebra voluntária dos vasilhames cerâmicos. Todavia, é quase impossível determinar o verdadeiro motivo. A maior parte dos fragmentos desta classe apresentam um grau avançado de erosão, causado geralmente por ação da água, o que impediu a detecção de algum traço que pudesse mostrar o motivo da quebra. Desta forma, trabalhou-se com 179 fragmentos e 7 urnas funerárias para definir o perfil cerâmico deste sítio.

Dois tipos de pasta foram identificados no sítio, a dureza não variou em relação à encontrada na cerâmica da TBC (entre 2 e 2,5 Mohr). A coloração dos fragmentos é, em sua maioria, marrom (Munsell, 10 YR5/3), apresentando pequena variação de manchas provenientes do processo de queima (Quadro 10).

Descrição	TSTL
Pasta I	areia fina, quartzo, caco de cerâmica e mica; não muito compacta, com bolhas de ar.
Pasta II	areia fina

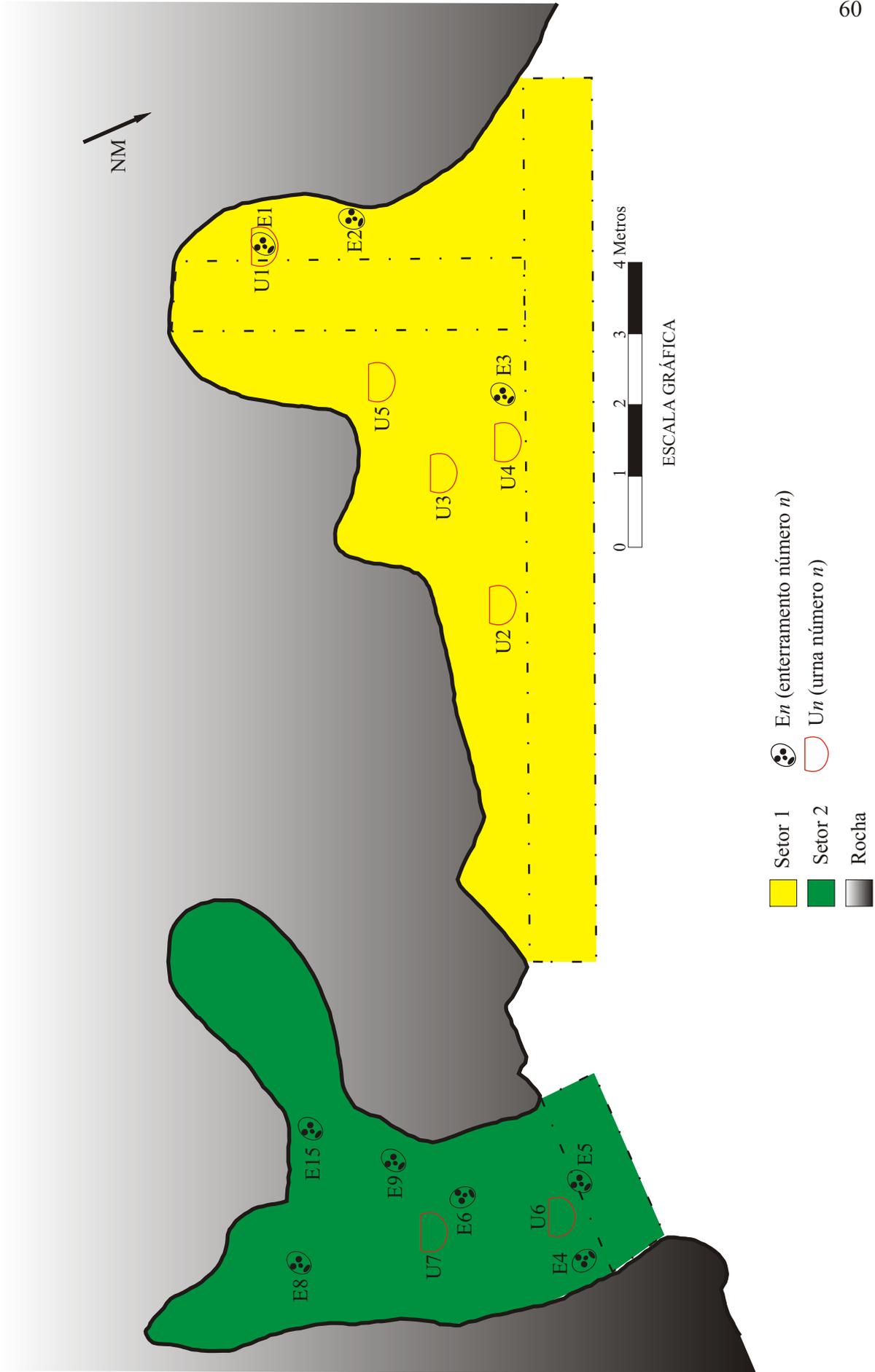
Quadro 10: Descrição das Pastas I e II referentes ao sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

A técnica de manufatura acordelada ou roletada foi usada em todos os fragmentos analisados no conjunto deste sítio. O tipo de queima redutora foi predominante, com 79, correspondendo a 78% do universo, e 20 (22%) foram identificados como queima do tipo oxidante (Quadro 11).

Queima	
Oxidante	Redutora
36	142

Quadro 11: Tipo de queima identificado nos fragmentos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

A espessura e a largura dos fragmentos da Toca do Serrote do Tenente Luiz podem ser verificadas no quadro 12:



Croqui 4: Distribuição espacial dos enterramentos e urnas na área do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz (Adaptado dos croquis da caderneta de campo).

Tamanho dos fragmentos				
1a	1b	1c	1d	Total
2	-	-	-	2
2a	2b	2c	2d	
7	-	-	-	7
3a	3b	3c	3d	
22	43	4	1	70
4a	4b	4c	4d	
7	66	11	5	89
5a	5b	5c	5d	
-	3	-	-	3
				171

Quadro 12: Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

O alisamento é a técnica de tratamento de superfície mais utilizada nos fragmentos (70, 76%), o corrugado (com predomínio do corrugado tipo simples) na superfície externa e alisamento na superfície interna e a segunda técnica empregada, com 37 fragmentos reconhecidos (21, 63%). A técnica de pintura foi utilizada apenas em 9 fragmentos (5, 26%) na superfície interna, o engobo natural foi identificado em 10 fragmentos, sendo 6 (3, 50%) em ambas as superfícies, e 4 (2, 33%) somente internamente. Apenas um fragmento (0, 58%) apresentou a técnica escovada em sua superfície externa (Quadro 13).

tratamento de superfície							
A ext	A int	A ext	EN int	A ext	A + Pint int	A + EN	A + EN
121		4			9		6
C ext	A int	ES ext	A int				
37		1					

Quadro 13: Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

A morfologia dos fragmentos reconhecidos foi a mesma entre os sítios TBC e TSTL: as bases, bojos e bordas. Esses fragmentos foram novamente subdivididos em dois

tipos de base, dois tipos de bordas e dois tipos de lábio identificados na borda (Quadro 14).

Tipos de objeto			
Base	Bojo	Borda	Outros
17	127	27	7
Tipo de base			
Cônica	Convexa		
6	11		
Tipo de borda			
Direta	Outra		
27	-		
Tipo de lábio			
Arredondado	Plano		
21	6		

Quadro 14: Características morfológicas da cerâmica do sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

A forma e o tipo de objeto estão descritos no final do item 3.1.3 – Toca do Pitombi.

### 3.1.3 – Toca do Pitombi

A Toca do Pitombi foi prospectada no ano de 1975, sendo coletados alguns fragmentos cerâmicos, em 1980 uma sondagem forneceu alguns carvões e vestígios alimentares. A rocha predominante do abrigo é o arenito, a Toca está localizada na Serra Talhada nas seguintes coordenadas: 8° 47' 16.9" e 42° 31' 13.5"W. O sítio tem 304 m<sup>2</sup> de área, com pinturas das tradições Nordeste e Agreste.

Existem apenas 24 fragmentos de cerâmica oriundos da Toca do Pitombi, sua importância está justamente na datação de 420 ± 50 BP (GIF – 6437). Apesar da escassez de fragmentos, foram identificados dois tipos de pasta (Quadro 15), todos produzidos pela técnica acordelada. A queima oxidante (58, 33%) foi detectada em apenas 4 fragmentos a mais que a queima redutora (47, 67%) conforme está demonstrado no

quadro 16. A espessura e largura dos fragmentos, bem como o tratamento de superfície estão explicitados nos quadros 17 e 18. É interessante destacar que não foi encontrada a técnica do corrugado. A maioria dos fragmentos é constituída por bojós, as bases identificadas são do tipo cônica e há uma única borda (Quadro 19).

Descrição	TP
Pasta I	areia fina, mica; pouco compacta, com bolhas de ar, carvão.
Pasta II	areia fina, mica; pouco compactada, sem carvão.

Quadro 15: Descrição das Pastas I e II referentes ao sítio Toca do Pitombi.

Queima	
Oxidante	Redutora
14	10

Quadro 16: Tipo de queima identificado nos fragmentos do sítio Toca do Pitombi.

Tamanho dos fragmentos				
1a	1b	1c	1d	Total
-	-	-	-	-
2a	2b	2c	2d	
2	2	2	-	6
3a	3b	3c	3d	
-	4	8	-	12
4a	4b	4c	4d	
1	3	2	-	6
				24

Quadro 17: Espessura e largura dos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Pitombi.

Tratamento de superfície				
A ext	A int	Es	A	Total
9		15		24

Quadro 18: Tratamento de superfície nos fragmentos cerâmicos do sítio Toca do Pitombi.

Tipo de objeto			
Base	Bojo	Borda	Outros
3	20	1	-
Tipo de base			
Cônica	Convexa		
3	-		
Tipo de borda			
Direta	Outra		
1	-		
Tipo de lábio			
Arredondado	Plano		
1	-		

Quadro 19: Características morfológicas da cerâmica do sítio Toca do Pitombi.

Foram identificadas cinco formas de objetos nos fragmentos cerâmicos provenientes da Toca da Baixa dos Caboclos (Pranchas 1 e 2) e da Toca do Serrote do Tenente Luiz (Pranchas 4, 5, 6, 7 e 8). Os vestígios cerâmicos da Toca do Pitombi não permitiram remontar nenhuma forma, portanto, este sítio não obteve, no seu perfil técnico, o número mínimo de critérios estabelecidos para poder ser relacionado com outros perfis técnicos e, em vista disso, não será incluído nesta etapa da pesquisa. De acordo com os critérios e as descrições de Oliveira (2004) e Castro (1999), foram estabelecidas as características seguintes, para cada forma:

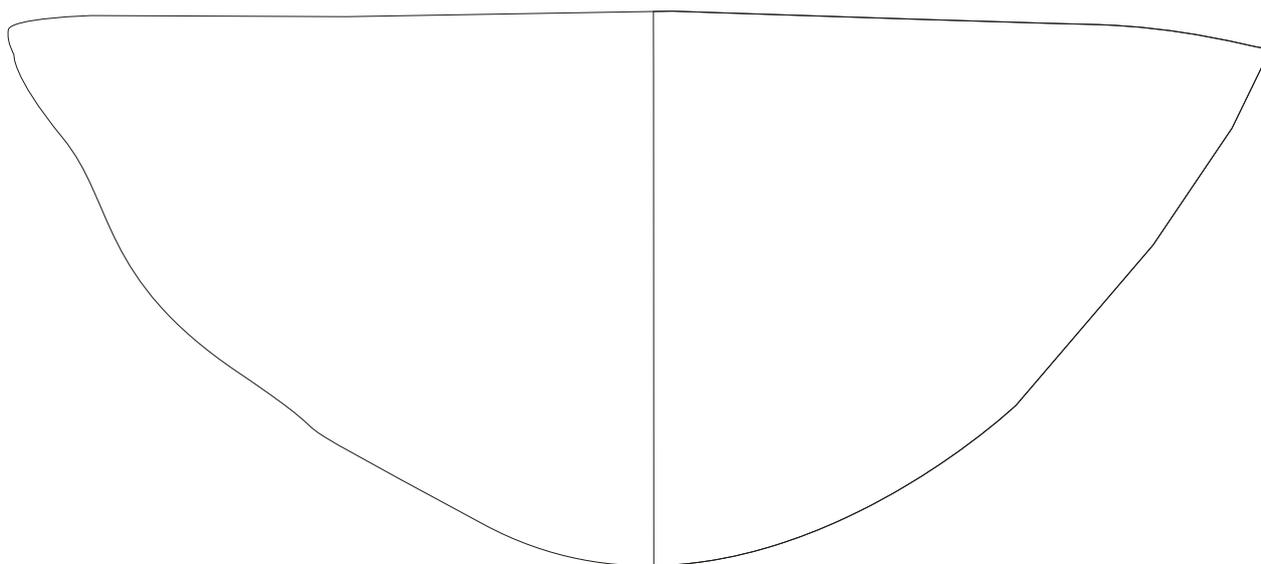
Forma 1: Elipsóide horizontal, contorno simples, boca ampliada e altura total menor ou igual a  $\frac{1}{2}$  do diâmetro da boca (Prancha 1).

Forma 2: Cilíndrica, contorno simples, diâmetro máximo do bojo e da boca próximos do diâmetro da base (Prancha 2).

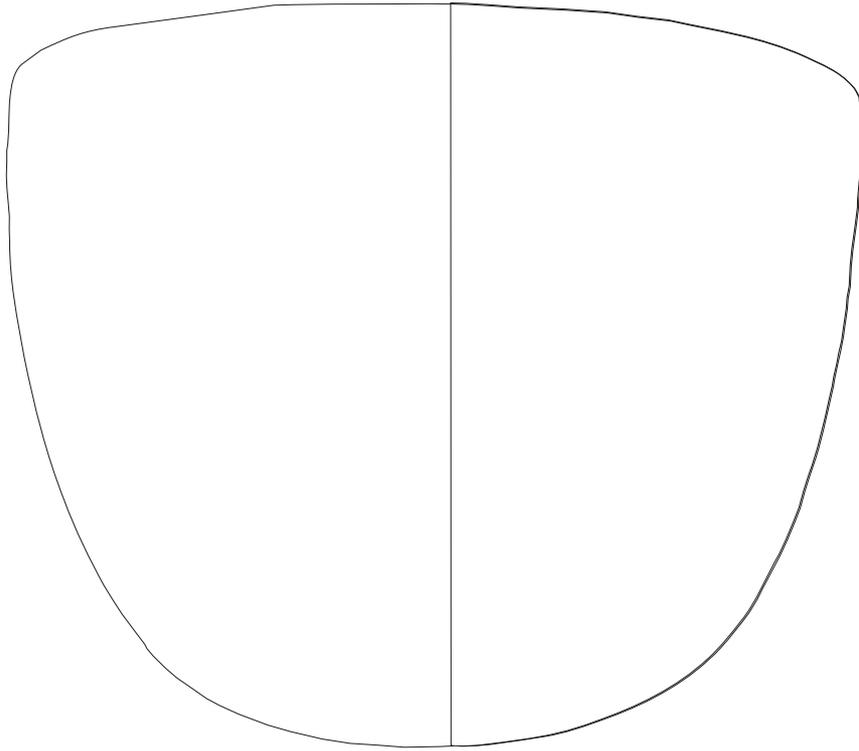
Forma 3: Elipsóide vertical, contorno simples, boca constricta, altura maior que o diâmetro máximo do bojo (Prancha 3).

Forma 4: Esfera, contorno simples, boca constricta, altura mínima igual ao diâmetro máximo do bojo (Pranchas 4, 5, 6 e 7).

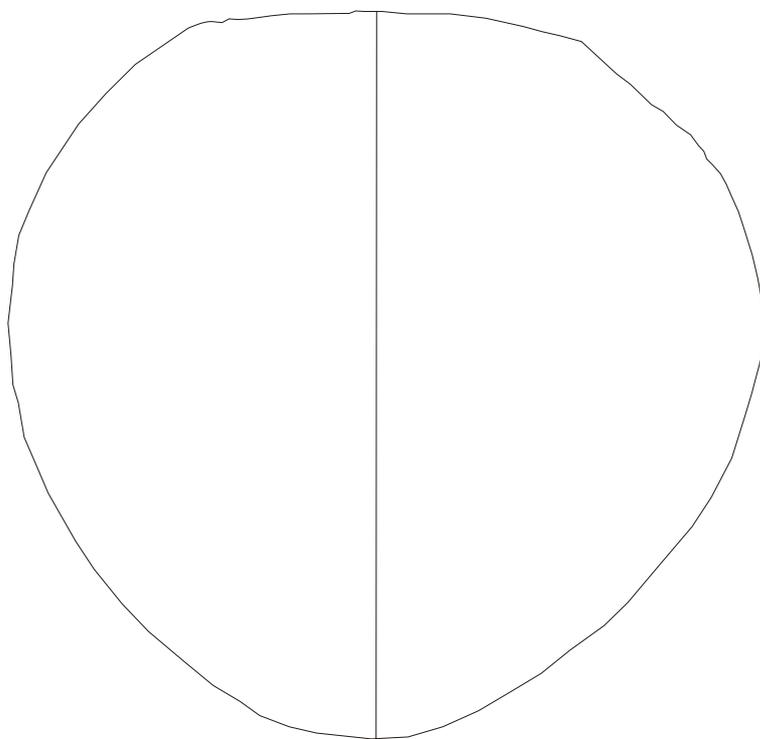
Forma 5: Ovóide invertido, boca constricta, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que  $\frac{3}{4}$  da peça (Pranchas 8 e 9).



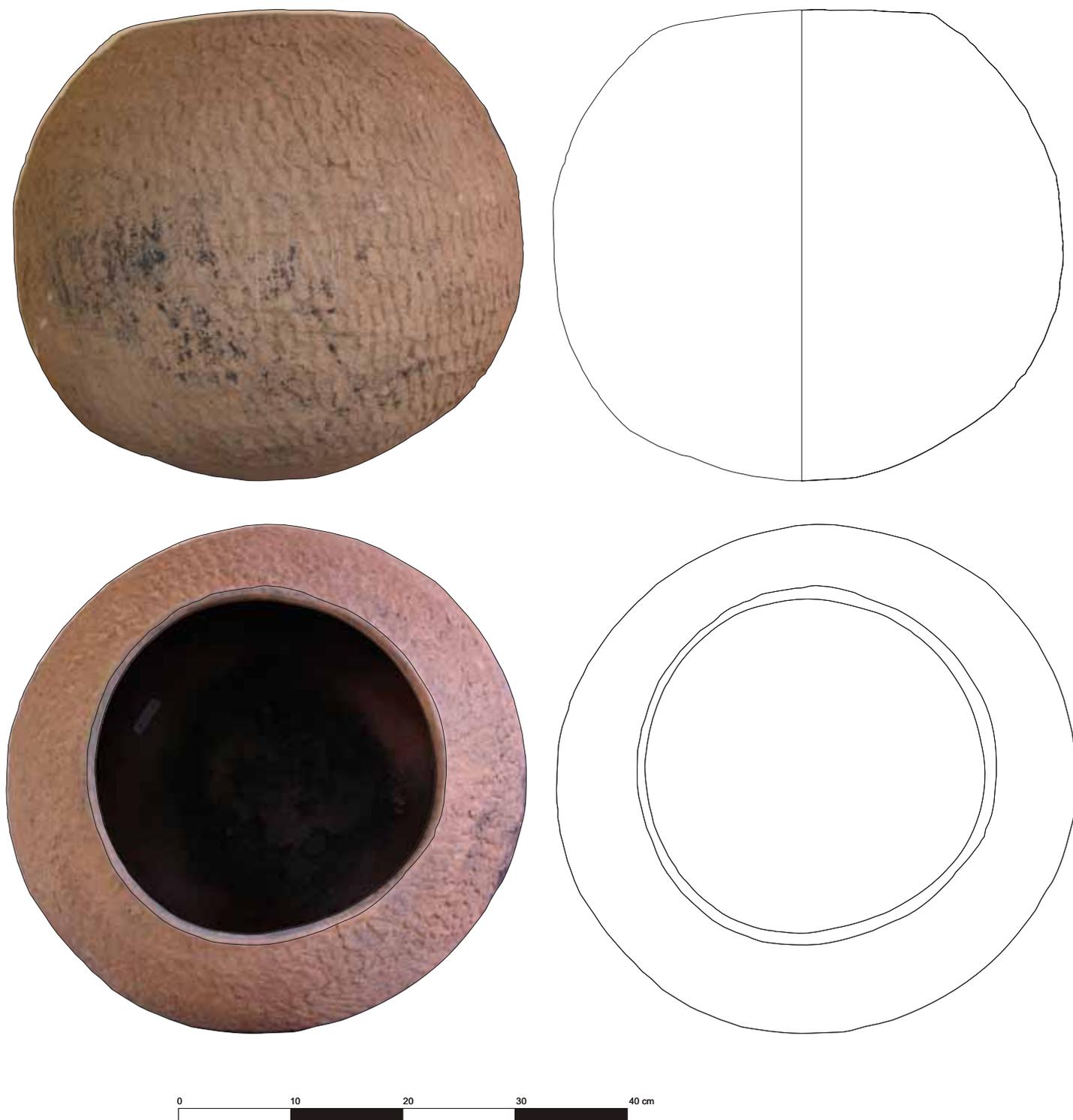
Prancha 1- Tampa de urna da Toca da Baixa dos Caboclos.



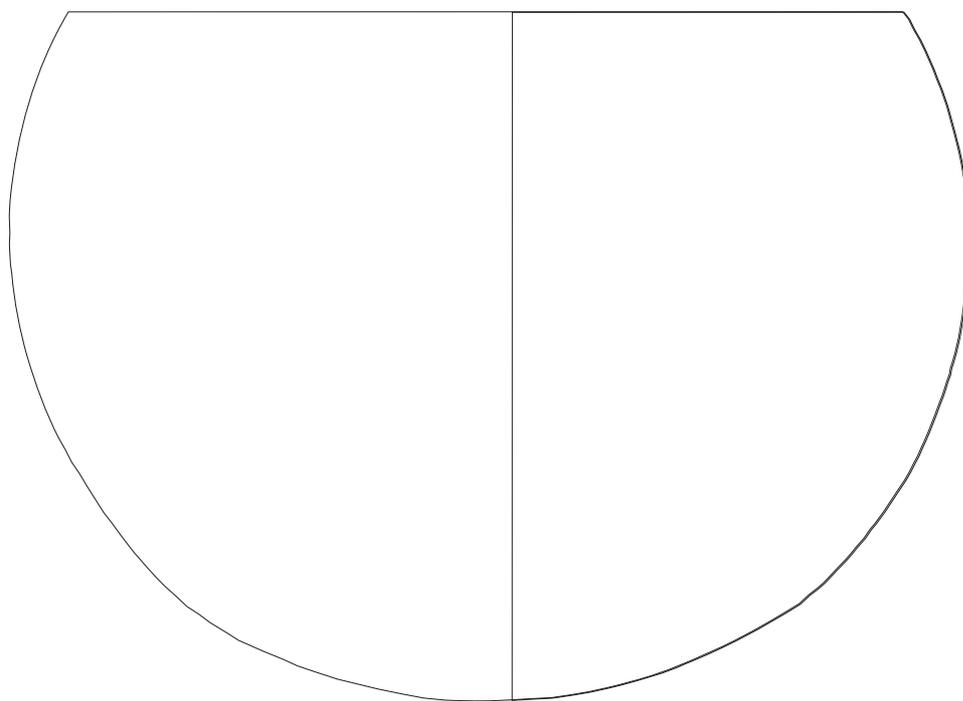
Prancha 2 - Urna do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos.



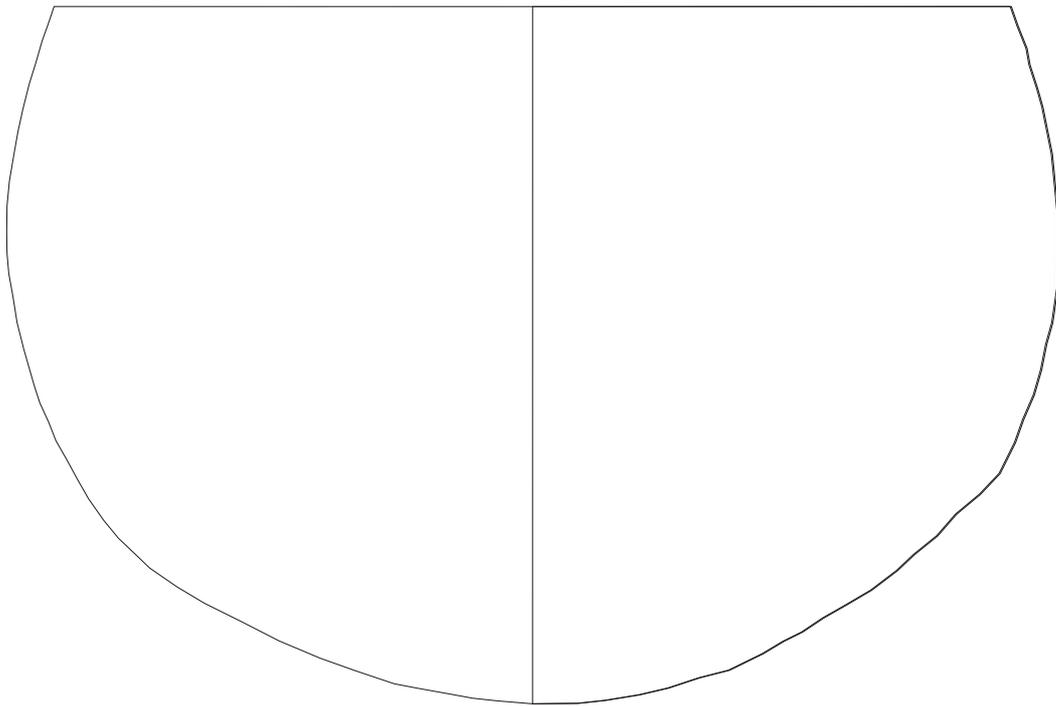
Prancha 3 - Urna n. 643-100325-20 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



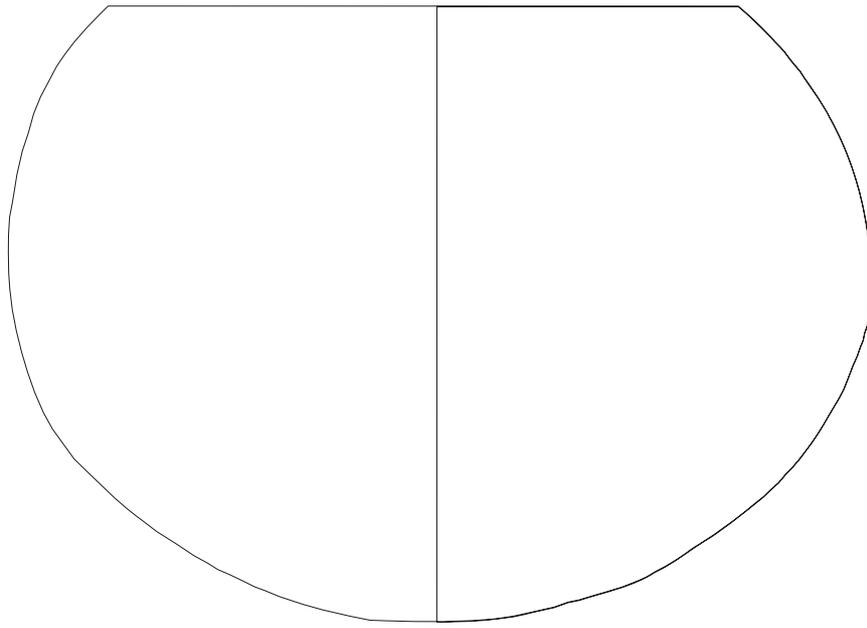
Prancha 4 - Urna 643-100324-15 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



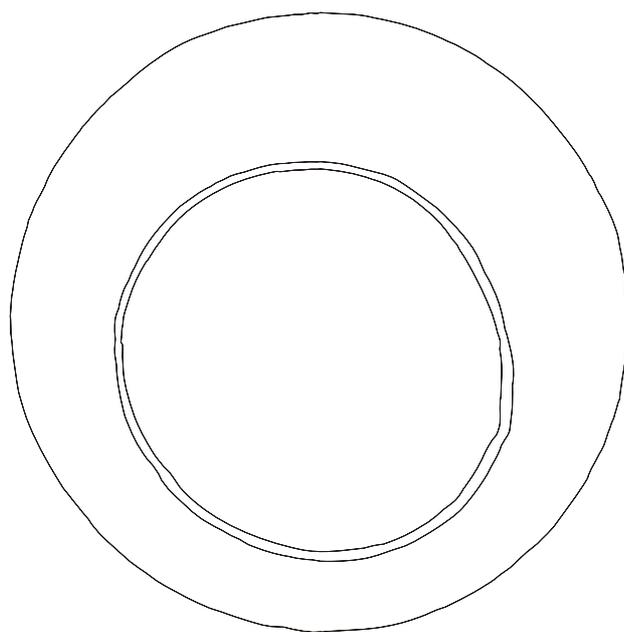
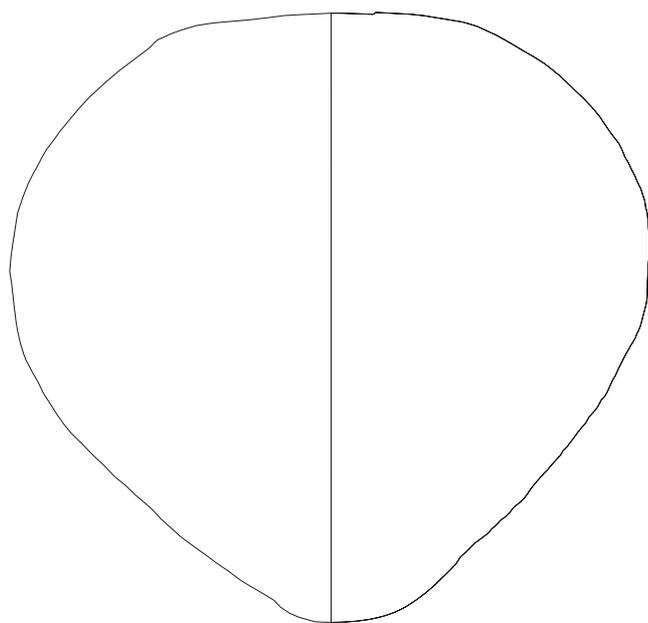
Prancha 5 - Urna 643-100325-21 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



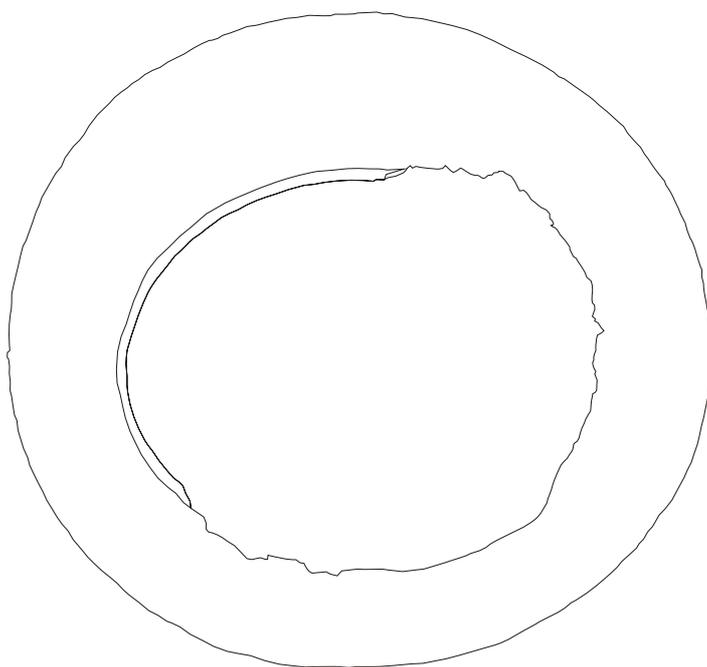
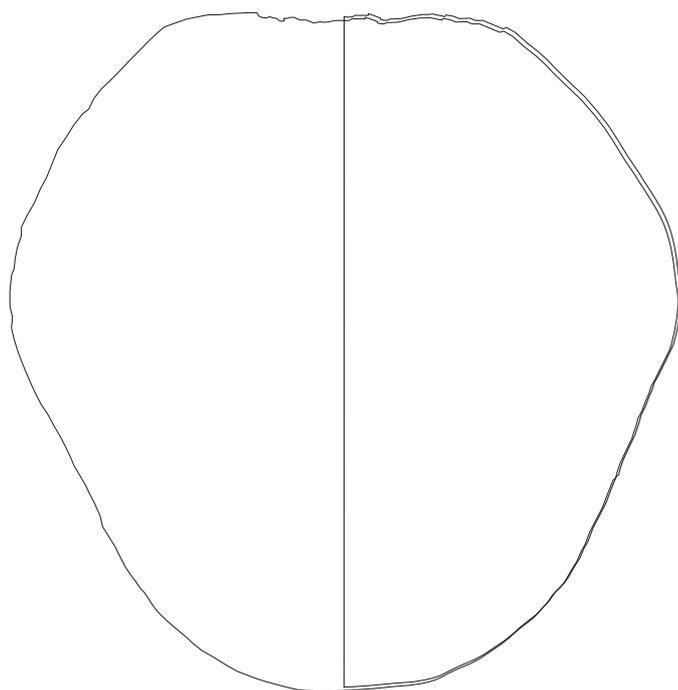
Prancha 6 - Urna 643-100323-7 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



Prancha 7 - Urna 643-100324-16 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



Prancha 8 - Urna 643-100323-1 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.



Prancha 9 - Urna 643-110445 do Sítio Toca do Serrote do Tenente Luiz.

### 3.2 Perfil técnico cerâmico dos grupos de aldeias

O sítio Aldeia Queimada Nova (AQN), localizado nas coordenadas 8° 48' 04" S e 42° 27' 18" W foi pesquisado durante a década de 70. O sítio pode ser caracterizado como uma aldeia de forma elíptica (Planta 2). O sítio foi delimitado numa área de 176 x 156, m, com quinze manchas de fundo de cabana (algumas em formato circular). Na parte interna do sítio foram localizadas vinte e quatro concentrações líticas (MARANCA, 1976a, 1976b, 1977, MARANCA; MEGGERS, 1980; VILHENA DE MORAES, 1976).

O sítio Barrerinho (BA), localizado nas coordenadas 8° 49' 02" S e 42° 30' 58" W, foi pesquisado nos anos de 1973, 1984 e 1990. Foram delimitadas três manchas com concentração de vestígios arqueológicos; a área do sítio é de aproximadamente 25 000 m<sup>2</sup> (Planta 3). Oliveira (2004:77) sugere um tamanho original para este sítio, superior a 40000 m<sup>2</sup>, devido à destruição decorrente da erosão na declividade em que ele se encontra.

O sítio Baixão da Serra Nova (BSN), localizado nas coordenadas 8° 48' 26" S e 42° 31' 03" W, foi pesquisado no ano de 1987 (Planta 4). O sítio não estava bem preservado, conseqüentemente, não foi possível determinar sua forma. A área total delimitada para a aldeia foi de 15 400 m<sup>2</sup>. Duas grandes trincheiras de 65 m e 60 m e mais três menores serviram de referência para demarcar este espaço.

Oliveira (2004) verificou que estes três sítios apresentam perfís semelhantes, podendo representar um mesmo perfil técnico cerâmico. As características utilizadas pela autora, para esta interpretação, são as seguintes:

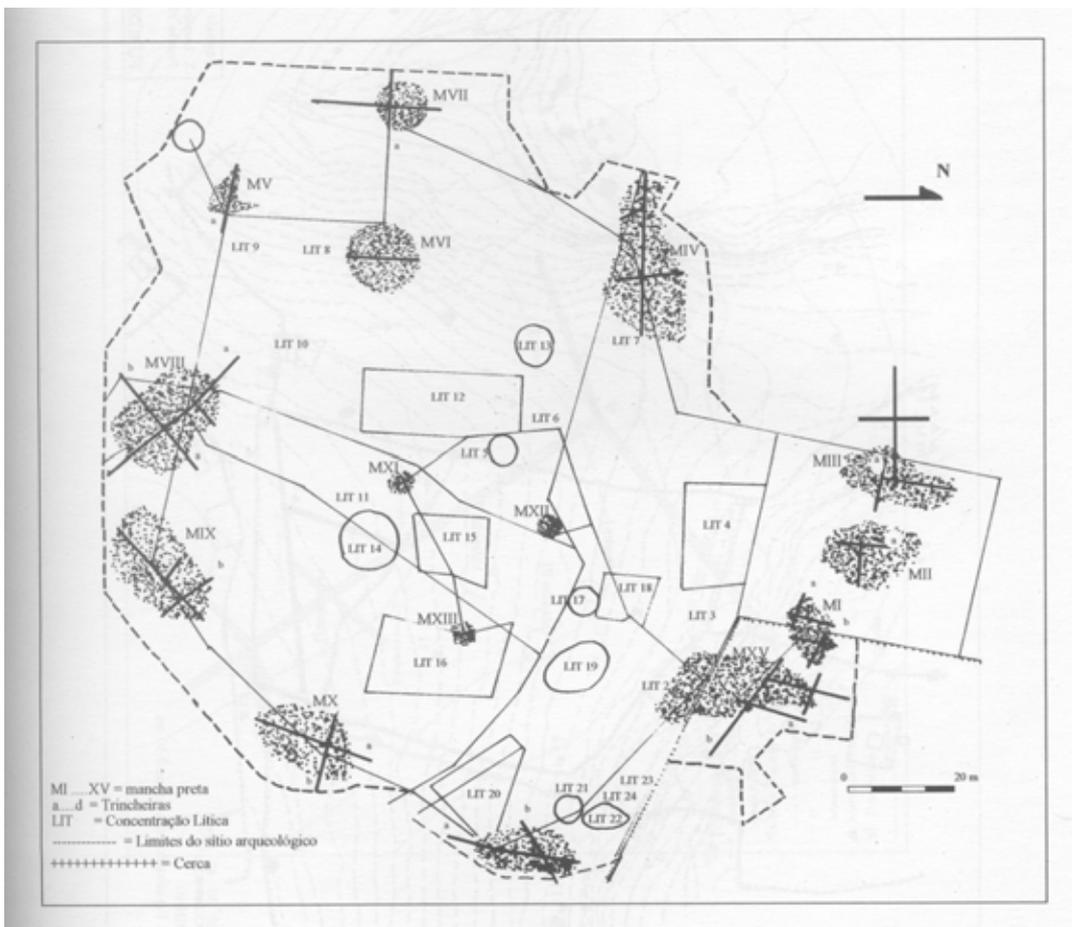
- 1) a associação da pintura a peças polidas e brunidas em vasilhames de tamanho médio ou pequeno, de espessura de parede muito fina; 2) domínio da técnica de polir a cerâmica, utilizada em vasilhas apenas polidas e em vasilhas brunidas, as quais são também polidas e impregnadas de substâncias vegetais para se

obter a cor negra e lustrosa; 3) vasilhas polidas e brunidas, associadas à pintura com pigmentos de cor vermelha, com desenhos feitos em linhas bem finas, traçadas paralelamente, no sentido oblíquo (esquerda ou direita) e vertical; 4) a utilização do pigmento branco é muito rara e não se encontra associada ao uso do pigmento vermelho, sendo este empregado como um engobo ou um banho, de forma isolada; 5) vasilhas mais corrugadas (em diversos tipos: simples, complicado, imbricado, ungulado e espatulado) do que pintadas; 6) a utilização de bolos de argila como antiplástico; 7) a presença de cachimbos; 8) vasilhas de formas cônicas; 9) vasilhas com bordas diretas e bases convexas; 10) como outro exemplo do design, em forma de composição entre duas técnicas (uma faixa alisada – sem decoração – próximo ao lábio, e, o restante da vasilha, corrugada) (2004: 108).

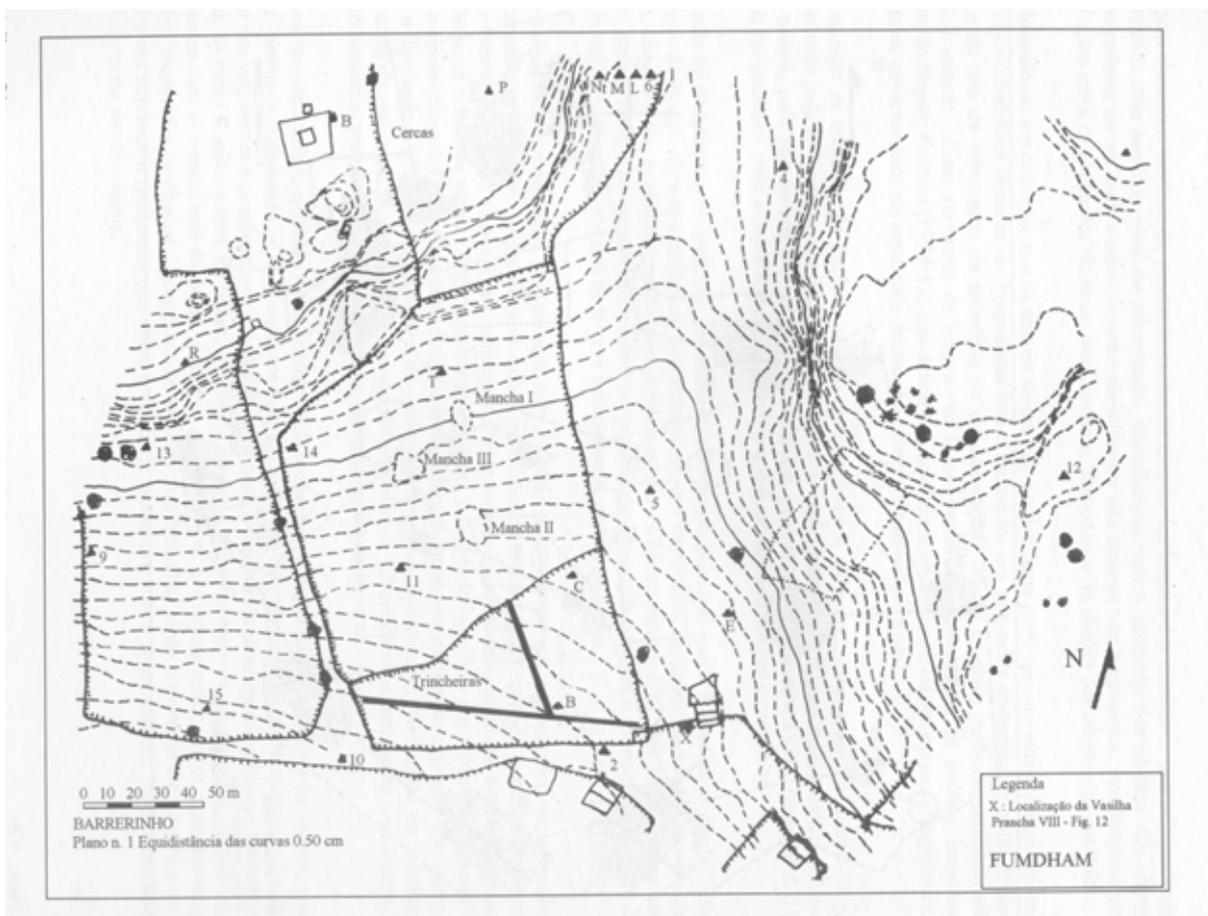
Oliveira (2004) identificou ainda dois conjuntos – A e B – de fragmentos cerâmicos, com características técnicas distintas da maioria produzida nestes três sítios.

O sítio Cana Brava (CB), localizado nas coordenadas 9° 06' 18" S e 43° 09' 35" W, foi pesquisado em função do salvamento arqueológico que ocorreu nos anos de 1996 e 1997 (Planta 5). Não foi possível perceber o formato da aldeia e nem manchas, as concentrações de vestígios indicavam apenas áreas com maior ou menor quantidade destes. Segundo Castro (1999:40), a dificuldade de se identificar as manchas pretas foi devido ao uso de arado, tratores e da abertura de mais cinco mil covas (60 x 60 cm) para uma plantação de banana e, principalmente, por não ter ocorrido uma escavação do sítio.

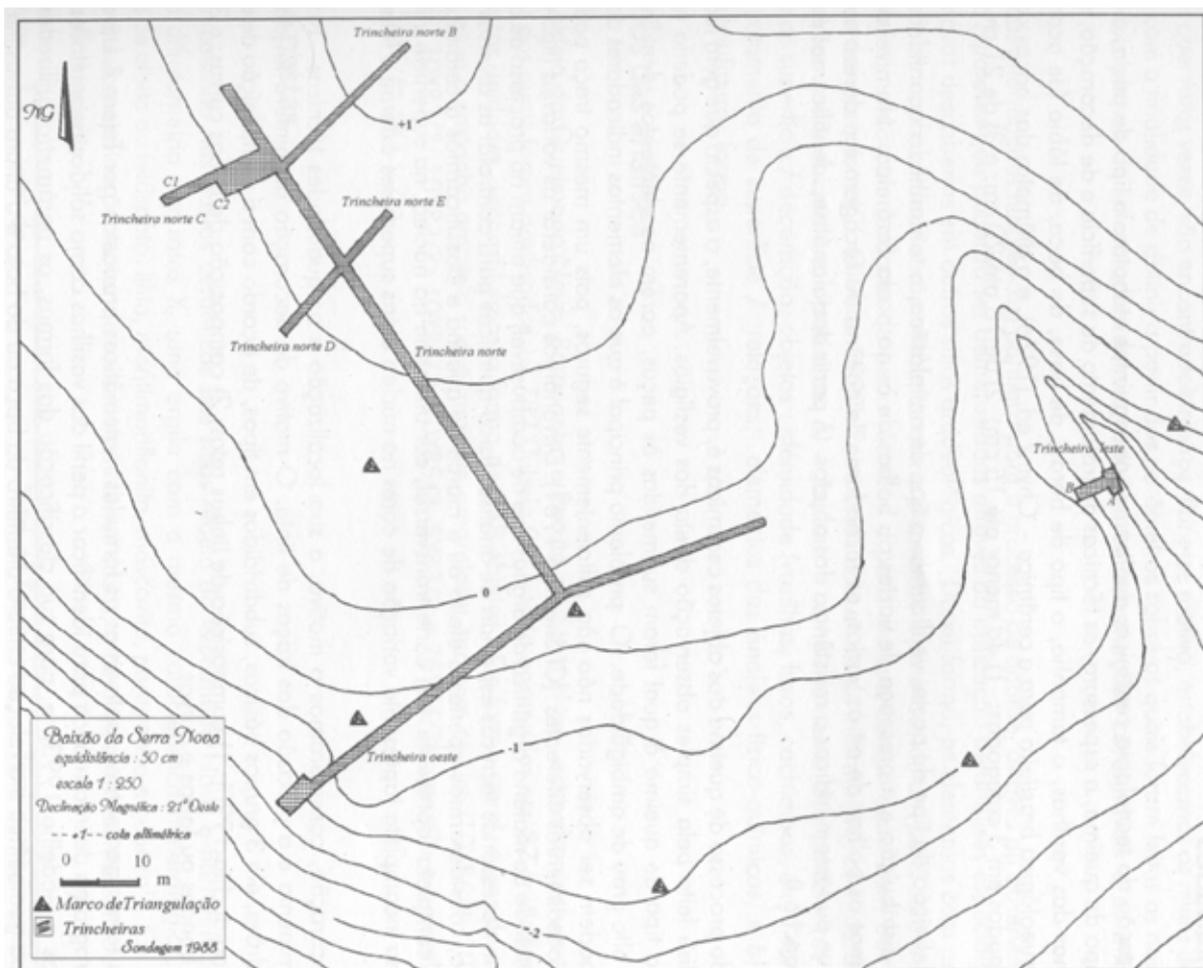
De acordo com Castro (2000:188), o perfil técnico cerâmico deste sítio apresenta diferenças, apesar de alguns elementos serem comuns, como a queima ou a base convexa. A autora apresenta, como diferenças mais significativas entre este sítio e os estudados por Oliveira (2000), a morfologia das vasilhas, a freqüência maior de vasilhas abertas e com profundidade, a existência de vasilhas com apêndices de formas diferentes, a predominância do alisado e do brunido utilizados como técnicas de tratamento de superfície. E também o uso de decorações incisas e impressos, estes últimos considerados como indicadores indiretos da técnica do trançado, além da presença de adornos e fusos usados para a fiação.



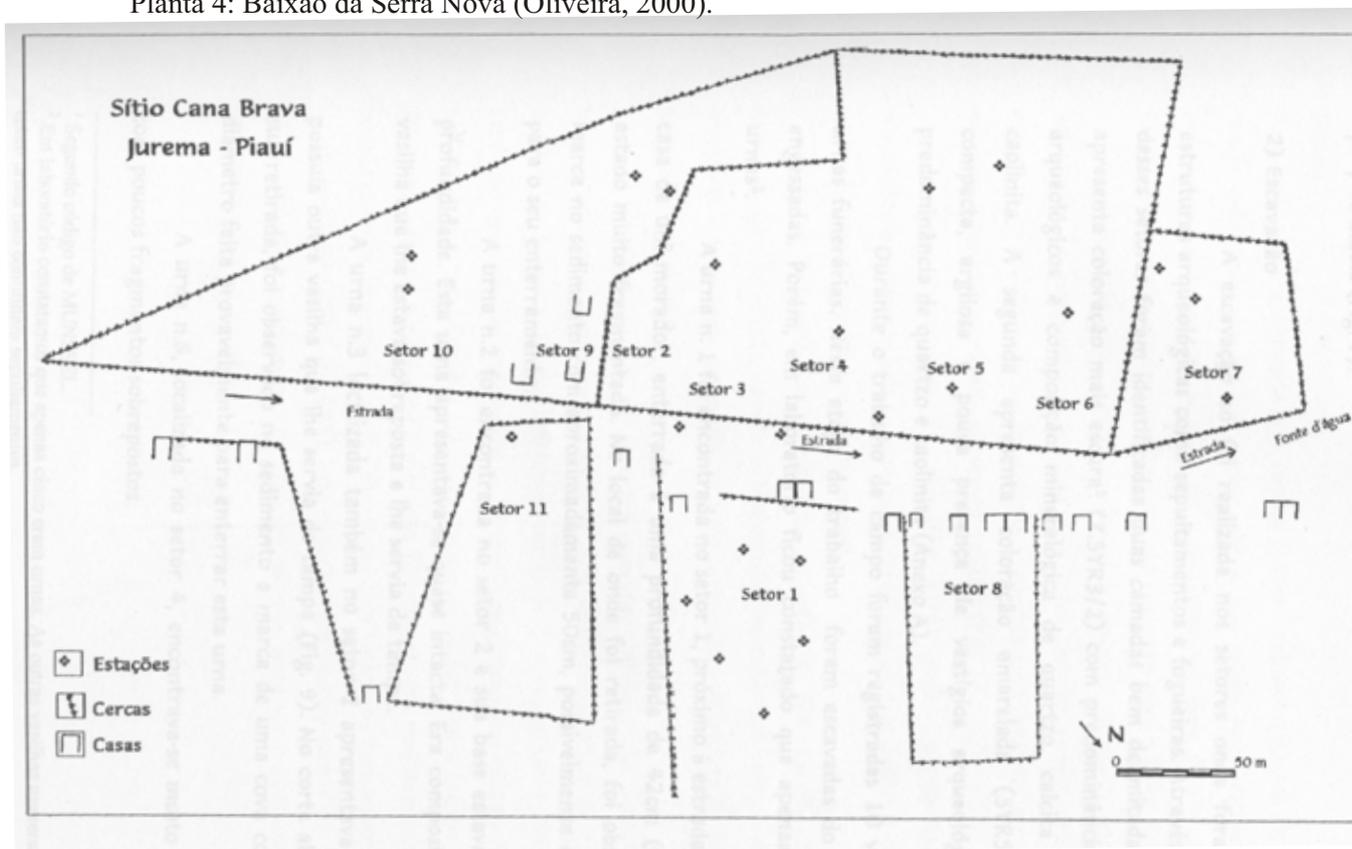
Planta 2: Aldeia Queimada Nova (MARANCA, 1976).



Planta 3: Sítio Barrerinho (OLIVEIRA, 2000).



Planta 4: Baixão da Serra Nova (Oliveira, 2000).



Planta 5: Aldeia Cana Brava (CASTRO, 1999).

### **3.3 Relação entre os dados e conclusão das análises de tecnologia cerâmica**

A forma de um objeto cerâmico pode ser relacionada diretamente com sua utilização. Todavia, vários autores alertam sobre os perigos de uma interpretação direta e mecanicista, pois diversas funções podem ser relacionadas à mesma forma de objeto e objetos semelhantes podem ter usos completamente diferenciados, conforme cada grupo cultural que os utiliza (RYE, 1980, SHEPARD, 1963).

Na TBC e TSTL todos os objetos cerâmicos estão relacionados ao contexto funerário, sendo utilizados como urnas. A utilização destes objetos se deu de duas maneiras: por meio da reutilização ou através de produção específica para a função de urna funerária. No primeiro caso, a observação de marcas de fuligem nas partes inferiores do bojo e nas bases, além do desgaste nas paredes internas de algumas urnas atestaria o uso anterior e conseqüente reutilização. Os objetos feitos especificamente para a função de urna apresentam pintura de listras paralelas na parede interna, tendo inclusive sido interrompida a produção de um objeto (Prancha 6). Neste caso, a argila foi processada até alcançar a forma, porém sem passar pela etapa de queima.

Os sítios de aldeia AQN, BSN, BA e CB apresentam variação funcional bem diferenciada dentre os objetos cerâmicos. O uso de fusos é associado à produção de tecidos, a presença de alças e apêndices tipo alça ou asa e de orifícios nas vasilhas indica a necessidade de suspensão e movimentação destes, os adornos são representados por contas de colar, considerados objetos de uso pessoal (CASTRO, 1999: 187).

As formas de vasilhas predominantes para a TBC foram as cilíndricas, as elipsóides verticais e elipsóides horizontais, as formas abertas são maioria. Na TSTL as formas identificadas foram as elipsóides verticais, as esféricas e as ovóides invertidas, a

maior parte com formas de boca fechada. Nas vasilhas dos sítios AQN, BSN e CB as formas abertas são as mais presentes, e no sítio BA existem formas mais fechadas.

Todos os fragmentos de borda identificados e também das urnas inteiras nos sítios TBC e TSTL são do tipo direta. Os lábios das bordas da TBC, em sua maior parte (74, 07%) são planos e os da TSTL, em sua maior parte (77, 77%) são arredondados. No sítio CB, cerca de 90 % dos lábios das bordas são arredondados. Nos sítios AQN, BN e BA a maioria dos tipos de bordas são diretas.

Os minerais mais característicos e presentes na pasta da TBC foram a hematita e a mica. Os cacos moídos de cerâmica e o bolo de argila apresentam-se em menor quantidade; esta quantidade varia de um para outro. Na TSTL predominam os cacos de cerâmica moídos e o quartzo na pasta 1; para a pasta 2, o elemento caracterizador foi a areia fina. No Sítio Cana Brava a albita, um tipo de feldspato, é o mineral mais presente nos tipos de pastas identificados. Para os sítios AQN e BA, o bolo de argila foi o antiplástico de maior uso. A textura grosseira da pasta do sítio BSN é justificada pela grande presença de grãos de quartzo.

Dando continuidade às análises, o tratamento de superfície do sítio TBC é, em sua maioria, alisado (45, 53%) e corrugado simples (36, 41%); para o sítio TSTL, mais da metade dos fragmentos estudados foram alisados (58, 33%), seguidos do corrugado de tipo simples (18, 12%). Nos sítios AQN, BN e BA foram utilizados diferentes técnicas de tratamento de superfície, com variadas associações entre estas. No sítio CB a técnica mais freqüente foi também o alisado, o diferenciador foi a grande freqüência de fragmentos brunidos.

O único padrão decorativo utilizando pintura nos sítios TBC e TSTL são os motivos de linhas verticais paralelas, na parte interna das vasilhas. Este padrão coincide com a pintura apresentada nos sítios AQN, BSN e BA, porém sem as variações em faixas ou espirais. No sítio BSN foram encontradas vasilhas pintadas apenas em vermelho.

Castro (2000: 187) destaca: “*A pintura é, sem dúvida, um elemento expressivo nos sítios Aldeia Queimada Nova, Baixão da Serra Nova e Barrerinho*”. Nos sítios de abrigo estudados, os fragmentos cerâmicos com pintura e as urnas inteiras pintadas representam um percentual pequeno, atestando o uso mais comum das técnicas do alisamento e do corrugado.

Na tabela 1 estão explicitados os atributos analisados em cada sítio.

A partir da análise desses elementos, conclui-se que o perfil técnico da Toca da Baixa dos Caboclos apresenta diferenças do perfil técnico da Toca do Serrote do Tenente Luiz. Por sua vez, o perfil técnico desses dois abrigos apresenta diferenças dos perfis técnicos dos sítios Aldeia Queimada Nova, Baixão da Serra Nova, Barrerinho e Cana Brava. As preferências na aplicação das técnicas de tratamento de superfície, na composição da pasta, nas escolhas das formas e na textura demonstram a não semelhança desses dois abrigos com outros sítios.

Tabela 1: Relação dos atributos analisados em cada sítio.

Sítios	AQN	%	BA	%	BSN	%	CN	%	TBC	%	TSTL	%
Tipos de objeto												
Adorno	-		-		-		3		-		-	
Cachimbo	10		6		-		1		-		-	
Fuso	-		-		-		33		-		-	
Vasilha	55		98		61		95		7		8	
Outros	-		-		1		-		-		-	
Formas / vasilhas												
Elipsóide ♣	9	16,3	16	16,3	7	11,4	22	23	2	28,5	-	
Elipsóide ♦	-		-		-		18	19	-		-	
Elipsóide ♥	15	27,2	26	26,5	10	16,3	-		-		1	12,5
Cônica	2	3,6	7	7,1	14	22,9	-		-		-	
Ovóide ♣	12	21,8	26	26,5	20	32,7	8	8,4	-		-	
Ovóide ♠	11	20	14	14,4	1	1,6	12	13	-		-	
Ovóide #	4	7,2	9	9,1	6	9,8	21	22	-		-	
Ov. Invert. Φ	2	3,6	-		3	4,9	7	7,3	-		-	
Ov. Invert. Ω	-		-		-		7	7,3	-		2	25
Esfera									-		5	62,5

Cilíndrica									5	71,4	-		
Formas / vasilhas													
Abertas		56.8		48.9			70.7		52	7	100	8	100
Fechadas		43.1		51			29.2		48	-		-	
Tamanho													
PP	-	-	-	-	-	-	-	6	6.3	-			
P	6	10.9	10.9	16	22	36	52	55	-				
M	18	32.7	32.7	35	23	37.7	31	33	5	100	8	100	
G	26	47.2	47.2	34	12	19.6	5	5.2	-				
EG	5	9	9	13	4	6.5	1	1	-				
Borda													
cambada	X		x		-		-		-			-	
contraída	X		-		-		x		-			-	
direta	X		x		x		x		x			x	
extrovertida	X		x		x		-		-			-	
expandida	-		-		-		x		-			-	
ref.ext.	X		x		-		x		-			-	
ref.int.	-		x		-		x		-			-	
vertical	-		-		-		x		-			-	
Lábio													
arred.	X		x		x		x		x			x	
apont.	X		x		x		x		-			-	
biselado	-		-		-		x		-			-	
entalhado	-		x		-		-		-			-	
plano	X		x		x		x		x			x	
Boca													
Circular	X		x		x		x		x			x	
não circular	-		x		-		-		-			-	
Base													
Cônica	X		-		-		x		x			x	
Convexa	X		x				x		-			x	
em pedestal	-		x		-		-		-			-	
Plana	X		x		x		x		-			-	
Apêndices													
Alça	-		x		x		x		-			-	
Asa	-		-		-		x		-			-	
Tratamento de superfície													
Alisado	26	40	37	35.5	33	51.5	76	58	153	45,3	121	70,7	
Banho							23	18	-		-		
Brunido	1	1.5	7	7.6	3	4.6	25	19	-		-		
Corrugado	15	23	25	24	3	4.6	-		119	35,4	37	21,6	
Engobo	-	-	-	-	-		-		5	1,4	10	5,8	
Escovado	1	1.5	6	5.7	7	10.9	-		-		1	0,5	
Pintado	15	23	2	1.92	2	3.1	-		58	17,2	9	5,2	
Polido	5	7.6	8	6.7	15	23.4	8	6	-		-		
Raspado	-	-	1	0.9	-		-		-		-		
polido/raspado	-	-	1	0.9	-		-		-		-		

Brunido pintado	-	-	11	10.5	-	-	-	-	-	-	-	-
Decorativo												
Impressão fibra	X		-	-		x	-		-		-	
Inciso	-		-	-		x	-		-		-	
linhas verticais	X		x	-		-	x		x		x	
faixas	X		x	-		-	-		-		-	
gregas	X		x	-		-	-		-		-	
Queima												
completa	9	13.4	15	14.4	7	10.9	44	33	282	83,9	142	78,7
Incompleta	56	86.5	89	85.5	57	89	88	67	54	16,1	36	20,2

Legendas – ♣ com boca ampliada e altura < ou igual a ½ do diâmetro da boca, ♦ - com boca constricta e altura > ½ do diâmetro da boca, ♥ - com boca constricta e altura < diâmetro máximo do bojo, ♠ - com boca ampliada e altura > ½ do diâmetro da boca, # - com boca constricta e altura > diâmetro da boca, Φ – com boca constricta e altura > diâmetro da boca e Ω – com boca ampliada e altura > ½ do diâmetro da boca.

Fonte: Castro (1999:99).

#### 4 – ETNO-HISTÓRIA E DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS DE GRUPOS INDÍGENAS NO NORDESTE

Aqueles que perdem suas origens, perdem sua identidade também. Ballart (1997:43)

As datações dos sítios de abrigo estudados são contemporâneas ao processo de colonização desta região. Todavia, não existem elementos, na cultura material destes sítios, que caracterizem um contato direto entre os colonos e os grupos culturais estudados, ou seja, apesar da contemporaneidade, os traços identificados confirmam tratar-se de grupos culturais pré-históricos. Este fato não impede que influências indiretas ou mesmo diretas do colonizador tenham ocorrido naquele período. Neste capítulo, procurou-se analisar o contexto histórico que, por seu caráter belicoso e destrutivo, poderia explicar, numa amplitude generalista, o deslocamento dos grupos autóctones no interior do país.

O processo de colonização do interior do Brasil se iniciou com a definitiva expansão do gado para os *sertões*<sup>1</sup>, em fins do século XVII. Concomitante a este processo, ou mesmo desencadeado por ele, intensificaram-se as guerras de extermínio e/ou a escravização das populações indígenas, que de certa forma destaca o processo de resistência dos grupos indígenas. Desta forma, as fazendas de gado tornaram-se uma vastíssima rede de propriedades, com seu ápice nos três últimos decênios do século XVII – 1670, 1680 e 1690. Suas bases fundiárias seguem os mesmos princípios legais que regeram a estrutura fundiária da *plantation* açucareira, a doação de sesmarias ocorria nas terras recém-conquistadas ou por conquistar (TEIXEIRA DA SILVA: 1996). A concessão acontecia principalmente como remuneração pelo serviço militar prestado contra alguns grupos indígenas da região; as terras eram concedidas com limites e extensão incertos.

---

<sup>1</sup>No contexto da colonização portuguesa as terras americanas significavam um imenso vazio a ser preenchido com seus interesses, concepções e valores. O sertão era um espaço que exercia atração por suas riquezas desconhecidas e medo por seus seres reais e imaginários como plantas fantásticas ou índios considerados bárbaros e selvagens.

O Piauí, num momento anterior à instalação da Capitania<sup>2</sup>, fazia parte do que se chamava “Sertão de Dentro” ou “Sertão de Rodelas”. Estes termos se referem às terras localizadas a oeste do rio São Francisco. A delimitação do Piauí, desde seu início, englobou a área territorial situada no lado oriental da bacia do rio Parnaíba. Os aspectos da paisagem se diferenciavam, por se tratar de uma área de transição entre a Amazônia e o Sertão, apresentando ampla variação climática, da subumidade, ao longo da calha do rio Parnaíba, até a semi-aridez, no leste e sudeste do Estado.

Havia quatro formas de posse e uso da terra nos espaços de predominância da pecuária sertaneja. A primeira forma a ser destacada é a grande propriedade, surgida na doação da sesmaria, com exploração direta e mão-de-obra escrava; a segunda forma, os sítios e situações, terras arrendadas através de um foro contratual, com gerência do foreiro e trabalho escravo; a terceira forma, as terras indivisas ou comuns. Diferentemente das terras devolutas ou da Coroa, as terras comuns tinham exploração direta, “*com caráter de pequena produção escravista ou familiar, muitas vezes dedicado à criação de gado de pequeno porte*”. E, por último, as áreas de uso coletivo, constituídas por malhadas<sup>3</sup> e pastos comunais, utilizados por grandes criadores e pelas comunas rurais (TEIXEIRA DA SILVA, 1996:14).

O desejo por obtenção das novas terras pelos colonizadores gerou uma forte tensão social neste período, tendo as leis relacionadas às doações sido alteradas várias vezes. De um lado, havia os grandes proprietários de terras e, do outro, os novos homens da fronteira que estavam submetidos ao arrendamento. O ápice dessas disputas ocorreu no ano de 1714, quando o Ouvidor Geral do Maranhão declarou devolutas todas as sesmarias do Piauí. Em 1715, a Coroa reafirma a validade das sesmarias, mas transfere o

---

<sup>2</sup> Em 1718, foi criada a Capitania do Piauí e, em 1762, houve a instalação do aparelho político-administrativo (BRANDÃO, 1995:24).

<sup>3</sup> A denominação Malhada indicava, ainda, uma outra forma de acesso à terra e de organização do trabalho: os campos de cultivo do tabaco. Trata-se de um sistema de rotação de cultivos: no primeiro ano, a terra era deixada ao gado, para pastar e adubá-la com esterco. Na etapa seguinte, que podia durar dois ou três anos, dependendo da fertilidade do solo, era plantado o tabaco. No terceiro ou quarto ano plantava-se a mandioca, para fazer retornar novamente o gado.

Piauí para a jurisdição do Maranhão – diminuindo a manipulação da justiça pelos politicamente poderosos de Salvador. Como explicita Monteiro de Santana (1955:32), ao relatar o que ocorreu em 1743 na Câmara da Vila do Mocha, hoje Oeiras, :

... deram por sesmarias neles e indevidamente grande quantidade de terras a três ou quatro pessoas particulares moradores na cidade da Bahia, que cultivando algumas delas deixaram a maior parte devolutas sem consentirem que pessoa alguma as povoasse, salvo quem a sua custa e com risco de suas vidas as descobrisse e defendesse do gentio bravo, constringendo-lhe depois a lhes pagarem dez mil réis de renda por cada sítio em cada ano.

Os rios São Francisco e Parnaíba foram as duas grandes vias de penetração para o colono no Estado do Piauí. As grandes propriedades não eram organizadas uniformemente como fazendas de gado. Esses domínios estavam arrendados ou subdivididos em inúmeros currais. Um só fazendeiro normalmente possuía vários currais, dependendo da existência de pastos e água. De acordo com Porto (1974:64), a distância média de uma fazenda para outra era de três léguas, podendo existir uma légua de terra para uso comunal, entre as fazendas (TEIXEIRA DA SILVA, 1996:6; ROTEIRO . . . , 1900:89).

O processo de doações de sesmarias no Piauí foi o mecanismo jurídico que deu origem ao latifúndio. Dois sertanistas merecem destaque neste processo, Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense. *“Há indicações, inclusive, de que os dois Domingos – Mafrense e Jorge Velho travaram luta antes de chegar a um acordo sobre as áreas reservadas à ação de cada um”* (CASTELO BRANCO, 1990:31). Esta ocupação, porém, não se fez pacificamente. Os pimenteira, os gurguéia, os acroá, os caratin resistiam à conquista, até serem dizimados ou incorporados, transformando-se em vaqueiros ou boiadeiros nas caatingas. Os gurguéia atacavam, matando e afugentando o gado dos colonos, sendo reprimidos pelo paulista Estevão Ribeiro Baião Parente (PIRES, 2002: 63). José Martins Pereira D’Alencastre (*apud* BRANDÃO, 1995:45) descreveu como Domingos Afonso Serra e seu irmão Julião Afonso Serra, reideiros de Francisco Dias de Ávila, armaram uma bandeira e entraram por terras de Pernambuco, perseguindo

e conquistando alguns grupos indígenas da região, os que provavelmente resistiam de forma mais explícita ao avanço do colonizador (Mapa 8):

... transpuseram os dois cabos a Serra do [sic] Dois Irmãos, e continuando a marchar para o Norte, descobriram as férteis terras que tinham o Canindé e seus afluentes...

De volta os conquistadores da empresa (...) cuidaram logo de tirar destes vastos terrenos o mais real e duradouro proveito.

Os dois irmãos criavam em terras alheias, de agora em diante, podiam povoar com seus gados, terras próprias, e talvez melhores... em 1676, pediram de sesmarias 40 léguas de terras, para situação de suas fazendas.



Mapa 8: Divisão das terras entre os sertanistas. Mapa sem escala.  
Fonte: Batista (1986).

As populações indígenas do Sertão diminuía de densidade sendo pressionadas pelo elemento colonizador, cuja população aumentava a cada dia, e pelas próprias disputas entre grupos inimigos. Brandão (1995:54) analisou a evolução demográfica do Piauí (Quadro 20):

Período	Nº de anos	População nos limites do período	Aumento populacional	Média anual de crescimento
1697/1762	65	438 – 12.744	12.036	183.32
1762/1772	10	12.744 – 19.191	6.447	644.70
1772/1777	05	19.191 – 26.094	6.903	1.380.60
1777/1797	20	26.094 – 51.263	25.196	1.258.45
1797/1810	13	51.263 – 70.000	18.737	1.441.31
1810/1822	12	70.000 – 100.000	30.000	2.500.00

Quadro 20: Evolução demográfica do Piauí – 1697 / 1822.

Fonte: Brandão (1995: 54).

Mott (1979: 68) fez uma análise da composição da população do Piauí, por etnia e cor (Tabela 2):

Tabela 2: Composição da população do Piauí por etnia e cor – 1697 / 1772.

	1697	%	1772	%
Branços	155	35,3	3.205	16,7
Índios	59	13,5	1.131	5,9
Negros	210	48,0	6.343	33,0
Mamelucos	-	-	1.354	7,0
Mulatos	4	0,9	4.050	21,1
Mestiços	10	2,3	3.108	16,3
Total	438	100	19.191	100

Fonte: Mott (1979: 68).

A população indígena mencionada na tabela 2 refere-se possivelmente a índios que viviam nas missões ou estavam a serviço do colonizador, não ao gentio bravo. Todavia, é marcante o peso da população negra que, somada à dos mulatos (33 % e 21,1%, respectivamente) expressa claramente o esforço dos sesmeiros em expulsar o

elemento nativo dessas terras. De acordo com Oliveira (2000: 49), nesta região foram fundadas três missões religiosas: São João do Sende (1768), localizada a 8 léguas ao norte de Oeiras, onde foram agrupados os índios Gueguê e Jaicó; São Gonçalo de Amarante (1731), hoje cidade de Regeneração, onde ficaram os Gueguê, Acroá e Timbira. E a missão de Cajueiro (1679), sem referências sobre sua localização, tendo como maioria os índios Jaicó (Mapa 9).

Os dados etno-históricos permitem localizar vários grupos indígenas no Estado do Piauí e seus arredores. Todavia, há uma imprecisão na nomenclatura utilizada. Mott (1979) comenta que “Gamela” era a designação dada pelos sertanejos aos índios Timbira, Acroá e Gueguê. De acordo com Oliveira (2000: 50), os Xavante e Xerente eram conhecidos por “Acuéns”. Hemming (1997: 121) aponta os Xicriabá e os Acroá com a denominação de “guenguéns”.

Desde o início da colonização do Brasil tem-se ocultado a diversidade étnica dos grupos indígenas que habitaram o Nordeste. A generalização dos diferentes grupos pelos termos Tupi e Tapuia é apenas a ponta do “iceberg” do descaso e falta de interesse com a história destes povos<sup>4</sup>.

Costa (1980: 158), na sua introdução à arqueologia brasileira, apresenta os seguintes grupos no Piauí: os Teremembé, Kirirí, Sacamecran e Acroá, nas margens do rio Parnaíba. O autor destacou a família *Jê*, classificando, entre outros povos, os Timbira, os Aimoré-Botocudo, os Augé e os Temembé, além de alguns grupos que habitavam o interior de Pernambuco e Maranhão, que prestaram auxílio aos holandeses nas lutas do século XVII (1980: 160).

---

<sup>4</sup> Puntoni (1997) destaca sobre esses termos: “Podemos notar que em relação a classificação dos povos indígenas, a literatura tem comumente se respaldado em generalizações recorrentes. Destaca-se recorrentemente a reposição da classificação desses povos em duas unidades culturais (ou mesmo raciais), que funciona como pólos antagônicos: os Tupi e os Tapuia. Assim, não seria afirmar que esse binômio tem sido a chave classificatória fundamental a perpassar a documentação e a historiografia, dos cronistas do século XVI até mesmo dos trabalhos coevos. Nesse particular, registro e interpretação se misturam, de tal maneira que não podemos mesmo dela prescindir.”

Outra família citada por Costa (1980: 166) são os Kiriri ou Cariri, vítimas de muitas perseguições:



Mapa 9: Localização das missões e cidades com nomes de grupos indígenas. Nota: os círculos referem-se às cidades e os triângulos às missões. Mapa sem escala.  
Fonte: Batista (1986).

muitas eram as tribos da família Kiriri, sendo das principais os Teremembé que, desde o Itapicuru, ou o Gurupi até Camocim, estendiam o seu domínio, sendo em 1679 barbaramente perseguidos. Dos Teremembé, atacados por portugueses do Maranhão, que se faziam acompanhar de cento e tantos brancos e aproximadamente, quatrocentos e cinquenta índios rivais, só escaparam, em uma maloca de trezentos, trinta e sete indígenas. Após essas atrocidades, em 1687, o padre Miguel de Carvalho aldeou os Teremembé no Ceará.

Nimuendaju (2002), em seu mapa etno-histórico (Mapa 10), apresenta o deslocamento de várias populações indígenas na área do Estado do Piauí. O autor localiza os Jaicós, em 1674, na região sudeste, margeando o rio Piauí, e indica sua movimentação por meio de uma seta, focalizando seu deslocamento para o norte, cruzando o rio Canindé e o rio Itaim, alcançando os limites com a Paraíba, nos séculos XVIII e XIX. Outro grupo indígena cuja movimentação está registrada no mapa etno-histórico de Nimuendaju é o dos Timbira, que viveram próximos a Oeiras. Entre os anos de 1674, 1728 e 1786 este grupo se movimentou rio acima, o que poderia ter causado o deslocamento dos Guegué para o norte, entre 1765 e 1786, atingindo as margens do Parnaíba, em meados do século XIX

Oliveira chama a atenção para o fato de que muitos nomes das “tribos” citadas como existentes no Estado do Piauí não foram registrados por Nimuendaju em seu mapa etno-histórico e “*outros restaram apenas como denominações de localidades, como é o caso de **Gilbué**, situada no sudoeste do estado...*” (2000: 53).

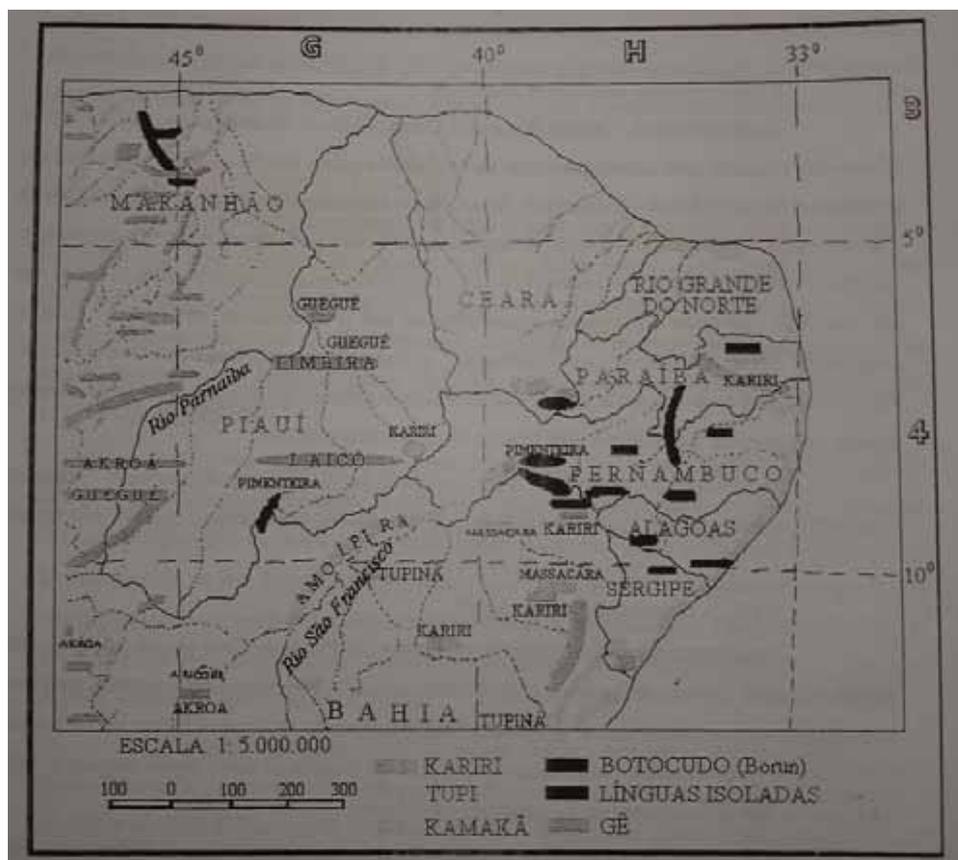
Três troncos lingüísticos parecem compor os diversos grupos na área do Piauí: oTupi, o Macro-Jê e, possivelmente, da família Karibe, o Caraíba ou karib (Mapa 11).

Os grupos do tronco Tupi localizavam-se nas margens dos rios São Francisco e Parnaíba, segundo Oliveira (2000: 53): os Amoipira, Tabajara, Ubirajara, Potiguara e Guarani. Nunes (1975: 29) deduz que os Amoipira descendem dos Tupinambá. Já Hemming (1997: 116) acredita que o processo de povoamento colonial é responsável pela migração dos Tupi para o Maranhão e para as terras situadas às margens do rio Parnaíba.



Mapa 10: Detalhe do mapa etno-histórico de Nimuendaju (2002). A cor amarela corresponde à família linguística Tupi; verde corresponde à família linguística Jê; rosa corresponde à família linguística Kariri.

Os grupos do tronco Macro-Jê, de acordo com Oliveira (2000: 54), são os Akroá, Canella, Botocudo, Guegué, Jaicó e Timbira. Estes grupos concentraram-se mais na parte central e sul do Piauí. Pessis (1994: 234), no plano de manejo do Parna, refere-se ao uso de enfeites labiais ou de orelha (rodela ou batoques), de cocares na cabeça, bem como ao costume de pintarem a barriga da perna, que pode ser a razão de certos nomes atribuídos aos índios encontrados no Piauí pelos colonizadores: Rodeleiros, Botocudos, Beiçudos, Coroados, Canelas. Segundo a autora, “O nome *Macoazes*, por exemplo, poderia vir do costume dos Jê de transportar sempre uma cesta, cujo nome, em língua Jê, é *maco*” (1994: 234).



Mapa 11: Distribuição lingüística dos índios no Nordeste.  
Fonte: Oliveira (2002: 184).

Aires de Casal (*apud* OLIVEIRA, 2002:54) afirma que os Pimenteiras seriam um grupo da família Karib, enquanto Nimuendaju (2002) acredita que pertenciam ao tronco Macro-Jê. Pinto (1935: 147) afirma que se deve ponderar e aguardar avaliações mais precisas sobre os caraibas na área nordestina.

A possibilidade dos índios Kamakan, pertencentes à família Jê, terem chegado até São Raimundo Nonato é indicada por Pessis (1994:237):

Praticavam o enterramento secundário em urnas de cerâmica. O morto era inicialmente enterrado em posição fetal em uma fossa de 1, 20 a 1, 50 m de profundidade, tendo ao seu lado armas e uma jarra contendo uma bebida; tudo era em seguida coberto de terra, fazia-se uma fogueira sobre a sepultura e recobria-se com ramagens (informação interessante, pois as escavações em abrigos da área do Parna permitiram a descoberta de enterramentos com o corpo coberto de ramos, tendo sido ateadado um grande fogo sobre a sepultura depois desta ter sido recoberta de sedimentos). Um pote de cerâmica na fossa indicava a idade e o sexo do morto. Depois que a carne desaparecia, os ossos eram coletados e introduzidos em uma urna funerária, a qual era enterrada em um buraco não muito fundo.

A diversidade de grupos indígenas registrados nos estudos etno-históricos levanta a possibilidade de grupos culturais diferentes daqueles que ocuparam os sítios do tipo aldeia, apresentados nesta pesquisa, terem se deslocado para a região do Parna. Os condicionantes históricos do processo de colonização do interior, por meio da expansão do gado para o Sertão e das guerras justas, explicam por que um grupo externo se deslocaria para a região do Parna. Essa hipótese é reforçada por Pessis:

Durante milênios, desde há 500 séculos, a ocupação humana indígena foi contínua na região do Parque Nacional. Evidências arqueológicas indicam que, em épocas históricas, como resultado dos processos de colonização, a região teria se transformado em ponto de refúgio para populações indígenas, que fugiam do invasor europeu que ocupava o litoral e as margens do Amazonas. Provenientes dessas regiões, pressionados pela presença dos criadores de gado que avançam

na região, pelo norte e pelo leste, diferentes etnias recuaram, convergindo para as serras do Parque Nacional. Ali, como última etapa de quatro séculos de perseguição, coabitaram grupos indígenas de diversas origens (2003:40).

Apesar de não ser possível determinar a etnia e o tronco lingüístico do grupo cultural responsável pela produção dos vestígios arqueológicos da Toca da Baixa dos Caboclos, pode-se contudo afirmar, com base nas informações oriundas das pesquisas etno-históricas e das datações, que este grupo pertence a um contexto histórico de migrações e dispersões populacionais catalisadas por pressões demográficas tanto de outros grupos autóctones, quanto dos colonizadores do Sertão.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva adotada neste estudo, o perfil técnico cerâmico, permitiu distinguir duas tecnologias diferentes nos vestígios cerâmicos dos abrigos Toca da Baixa dos Caboclos e Toca do Serrote do Tenente Luiz. Além destes dois abrigos, também foram estudados os vestígios cerâmicos da Toca do Pitombi. Todavia, o número de fragmentos foi insuficiente para traçar o perfil técnico cerâmico, os dados obtidos nas análises desses vestígios indicam diferenças tecnológicas em relação aos outros dois abrigos.

A Toca da Baixa dos Caboclos possui um perfil técnico cerâmico diferenciado daqueles identificados nos sítios a céu aberto Aldeia Queimada Nova, Barrerinho, Baixão da Serra Nova e Cana Brava, ou seja, o grupo cultural responsável pela produção dos vestígios cerâmicos deste sítio de abrigo não representa uma continuidade daqueles grupos culturais que ocuparam as aldeias. E, com base nas informações oriundas das pesquisas etno-históricas e das datações para este sítio, pode se afirmar que este grupo pertence a um contexto histórico de migrações e dispersões populacionais catalisadas por pressões demográficas tanto de outros grupos autóctones, quanto de colonizadores do Sertão.

Os sepultamentos na Toca da Baixa dos Caboclos ocorreram num período em que os processos de expansão de colonos, em sua maioria relacionados à agropecuária extensiva, já alcançavam as terras da então chamada Capitania do Piauí. Em decorrência da conquista do Sertão, vários povos autóctones tiveram seus destinos alterados, sendo obrigados a migrar de região para região, quando não foram simplesmente exterminados em uma das inúmeras “guerras justas”. O grupo humano responsável por estes sepultamentos pode fazer parte de uma das populações vítimas daquele momento histórico. Todavia, é prematuro afirmar com certeza a veracidade deste fato. Para comprovar tal afirmativa seria necessário a ocorrência de uma dessas situações:

descoberta de um outro sítio arqueológico, em área diferente do Parna, com vestígios cerâmicos suficientes para atestar a semelhança da tecnologia adotada. A segunda situação seria a localização de outro sítio com o mesmo perfil técnico cerâmico na área do Parna, com datações que recuassem à presença deste grupo cultural no período pré-contato.

Como os vestígios arqueológicos independem da vontade humana, essa questão talvez permanecerá aberta. O que se pode precisar é que o grupo responsável pela produção daqueles vestígios encontrados na Toca da Baixa dos Caboclos não apresenta semelhanças com as aldeias já estudadas, e, no entanto, por se tratar de um grupo contemporâneo a um processo de tamanha magnitude, a colonização do interior do Piauí, seria perfeitamente plausível seu envolvimento neste contexto.

Para a Toca do Serrote do Tenente Luiz é preciso ainda determinar com exatidão se os enterramentos em urnas e aqueles feitos diretamente no solo foram executados por grupos alheios entre si, ou se as mesmas pessoas conheciam e adotavam práticas funerárias diferenciadas.

Esta dúvida fica evidente ao se analisar as três datações existentes para este sítio. Duas destas, mais antigas ( $935 \pm 40$  BP e  $920 \pm 35$  BP), foram obtidas a partir dos dentes de um mesmo esqueleto, sepultado, a princípio, sem urna funerária. Conseqüentemente, estas datações podem representar os enterramentos de um outro grupo cultural, pois a terceira datação, mais recente ( $365 \pm 40$  BP), está associada diretamente aos enterramentos em urnas. A resposta para dúvidas como esta poderá vir através do pronunciamento dos arqueólogos responsáveis pela escavação do sítio, em artigo ou monografia a ser publicada sobre o assunto.

Outro elemento a ser considerado na Toca do Serrote do Tenente Luiz é que, de um total de 1575 fragmentos, apenas 171 possuem tamanho superior: 2 x 2 cm, e espessura maior que 5,0 mm. Em outras palavras, a maior parte dos fragmentos (1404)

passou por um processo de desgaste elevado e, talvez, intencional. Este achado pode ser o sintoma de uma prática proposital de destruição da cerâmica, quiçá a fragmentação da cerâmica fosse um tipo de acompanhamento funerário, ou mesmo servisse para algum tipo de ritual ligado aos sepultamentos. Esse índice elevado de fragmentação da cerâmica é um dado concreto e sua interpretação, pelo menos até o momento, somente pode ser feita num plano de conjecturas. O estudo de outros vestígios deste sítio, como o dos materiais líticos e dos vestígios orgânicos, poderá trazer nova luz sobre as práticas funerárias desse grupo cultural.

A produção cerâmica, no caso desta pesquisa, é um dos indicadores de diferenciação entre sítios arqueológicos; contudo, trata-se de resultados parciais. A constatação de um perfil técnico cerâmico distinto, como parte de um conjunto de outros perfis já estabelecidos, é um elemento concreto e indicador de diferenciação. A partir desta premissa, pode-se sugerir uma divisão preliminar na interpretação das datações dos grupos ceramistas pré-históricos da área do Parna, conforme está apresentado no apêndice A.

Neste quadro, o *Conjunto A* abrange as datações mais antigas para os grupos ceramistas da área do Parna. Todas as datações referem-se a sítios do tipo abrigo. O *Conjunto B* representa datações mais recentes que as do Conjunto A, se entendendo até o momento do contato. Este conjunto refere-se a dois tipos de ambientes distintos: as aldeias, ou sítios a céu aberto, e os sítios de abrigo. E, finalmente, o *Conjunto C* engloba as datações mais recentes para os grupos ceramistas da área do Parna, sendo estas associadas à movimentação de grupos culturais no período de contato.

O estudo dos grupos ceramistas da área arqueológica de São Raimundo Nonato representa um grande passo no conhecimento dos grupos pré-históricos do Nordeste. Neste sentido, considerando sua abrangência, esta pesquisa representa uma contribuição a mais no aprofundamento dos conhecimentos sobre o tema. Primeiramente, por estudar de dois tipos de ambientes específicos na pré-história: os abrigos e as aldeias. Segundo, por

reunir dados de pesquisas anteriores e apoiar-se nestes, dando continuidade ao processo de ampliação do conhecimento. E, em terceiro lugar, por pesquisar, do ponto de vista da tecnologia de produção cerâmica, de um terreno até então não trabalhado de forma sistemática por outros autores, o dos abrigos.

## BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Leonete; LUZ, Maria de Fátima. Interpretação estilística de painéis de sítio da Toca do Baixão do Perna I e sua implicação na cronologia das tradições rupestres. Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1987. **Clio**. Recife, v.1, n.4, p. 137-140, 1991. (Série Arqueológica).

ARAÚJO, Adauto J. G. et al. **Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil**. Teresina: FUMDHAM, 1998.

BAPTISTA, João Gabriel. **Mapas geohistóricos**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOCANEGRA, Francisco Javier Aceituno. La cadena tecnológica: modelo de análisis de los conjuntos líticos. **Boletín de Antropología**, v. 11, n. 28, p. 146-192, 1997.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial do piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

\_\_\_\_\_. *O escravo na formação social do Piauí – perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 1999.

BRANNER, J. Casper. Inscrições em rochedos do Brasil. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**. V.11, p. 249-261, dez. 1903.

- CALDERON, V. **Contribuição para o reconhecimento da arqueologia do Recôncavo e do sul do Estado da Bahia**. Belém: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 1974. p. 141-155. (publicação avulsa n. 26).
- CARVALHO, Alfredo de. Pré-história sul-americana. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, v. 14, 1909.
- CASTELO BRANCO, Renato. **Domingos Jorge Velho e a presença paulista no Nordeste**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí**. 1999. 122f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- \_\_\_\_\_. O perfil técnico cerâmico do sítio Cana Brava, Jurema, sudeste do Piauí. **Clio**, Recife, v.1, n.14, p. 175-192, 2000. (Série Arqueológica).
- CHMYZ, I. (Ed.). **Terminologia brasileira para a cerâmica**. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, 1976. (Manuais de arqueologia, n. 1).
- CLEROT, Leon F. R. **Trinta anos na Paraíba – memórias corográficas e outras memórias**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.
- COSTA, Angyone. **Introdução à arqueologia brasileira**. São Paulo: Brasiliana, 1980. v. 34.
- DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiqüíssima**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1994.

EMPERAIRE, Laure. **Végétation et gestion des ressources naturelles dans la caatinga du sud-est du Piauí (Brésil)**. 1987. 445 f. Thèse (Doctorat d'Etat en Sciences Naturelles) Université Pierre et Marie Curie, Paris, 1987.

FONTES, Mauro A. F. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN**. 2003, 129 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

GUIDON, Niède. O arcaico no Piauí. **Anuário de Divulgação Científica**. Temas de Arqueologia Brasileira, Goiânia, n.2, p. 42-47, 1980.

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n.6, p.123-126, 1990. (Série Arqueológica).

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie. Recent discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio rock-shelter, Piauí, Brazil. **Clio**, Recife, v.1, n. 9, p. 77-80, 1993. (Série Arqueológica).

GUIDON, Niède; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irma Asón. Sitio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara. **Clio**, Recife, v.1, n.13, p. 127-144, 1998. (Série Arqueológica).

HEMMING, John. Os índios do Brasil em 1500. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: a América Latina colonial**. São Paulo: USP/Fundação Alexandre Gusmão, 1997. v. 1.

HODDER, I. **Interpretacion en arqueologia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

KESTERING, Celito. **Caderno de campo**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2002.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEMMONIER, P. **Elements for an anthropology of technology**. Michigan: Ann Arbor, 1992.

MARANCA, Sílvia. Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v.3, p.102, 1976.(Série Arqueologia).

\_\_\_\_\_. Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato, Piauí. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro,1987. **Clio**, Recife, v.1, n.4, p.95-97, 1991. (Série Arqueológica).

MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J. Uma reconstituição de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da Tradição Tupiguarani. **Pesquisas**, São Leopoldo, n. 31, p.227-247,1980. (Série Antropologia).

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1996. 440 p.

MEGGERS, Betty J. **Como interpretar a cerâmica arqueológica**. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro v. 46, p. 9-32, 1958.

MELLO, Mário. Arqueologia pernambucana. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, v.29, p. 7-14, 1930.

MONTEIRO de SANTANA, R. N. **Evolução histórica da economia piauiense**. [A.L.]: Editora Progresso, 1955.

MOTT, Luís. Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 22, p.61-78, 1979.

NASSER, Nássaro A. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. Belém: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 1974. p. 156-164. (Publicação avulsa n. 26).

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 1.

OLIVEIRA, Cláudia A. *A cerâmica pré-histórica no Brasil. Avaliação e proposta*. **Clio**, Recife, v. 1, nº 7, p. 11-88, 1991. (Série Arqueológica).

\_\_\_\_\_. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil**. 2000. 302f. Tese (Doutorado) - USP/MAE, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Perspectiva etno-histórica no Estado do Piauí – Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n.15, p.171 – 188, 2002. (Série Arqueológica).

\_\_\_\_\_. Os ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas. **Fundamentos**, n. 3, 57-127, 2004.

OTT, Carlos F. **Pré-história da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

PELLERIN, J. Missão geomorfológica em São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí, Brasil. **Cadernos de Pesquisa. Série Antropológica**, Teresinha, N.3, p. 201-225, 1983.

PESSIS, Anne-Marie. **Plano de Manejo – Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília: IBAMA/FUMDHAM, 1994.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Pré-História**. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.

PINTO, Estevão. **Os indígenas do Nordeste**. São Paulo: Brasiliana, 1935. v.1.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **“Guerra dos Bárbaros” resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 2002.

PORTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, p.13-41, 1985.

RIBEIRO, B. (Coord.). **Suma etnológica brasileira. Tecnologia indígena**. Petrópolis: Vozes, 1987. v.2.

ROTEIRO do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Tomo 62, Parte I, 1900.

RYE, Owen S. **Pottery technology principles in reconstruction**. Washington: Taraxacum, 1980 (Manuals on Archaeology, 4).

SÁNCHEZ, Rodrigo Navarrete. Cerámica y etnicidad. Una aproximación al estudio de las formas culturales como expresión de lo étnico. **Boletín de Antropología Americana**, n.22, p 47-80, 1990.

SCHIAVETTO, Solange. **Arqueologia Guarani**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, F.A. *As Tecnologias e Seus Significados*. **Canindé**, UFS, nº2, p.119-138, 2002.

SHEPARD, Anna. **Ceramics for the archaeologist**. Washington: Camegie Institution, 1963.

STEWART, Julian H. Handbook of South American indians. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, Washington, n. 143, p. 1-16, 1955.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 7, p. 1- 41, dez. 1996.

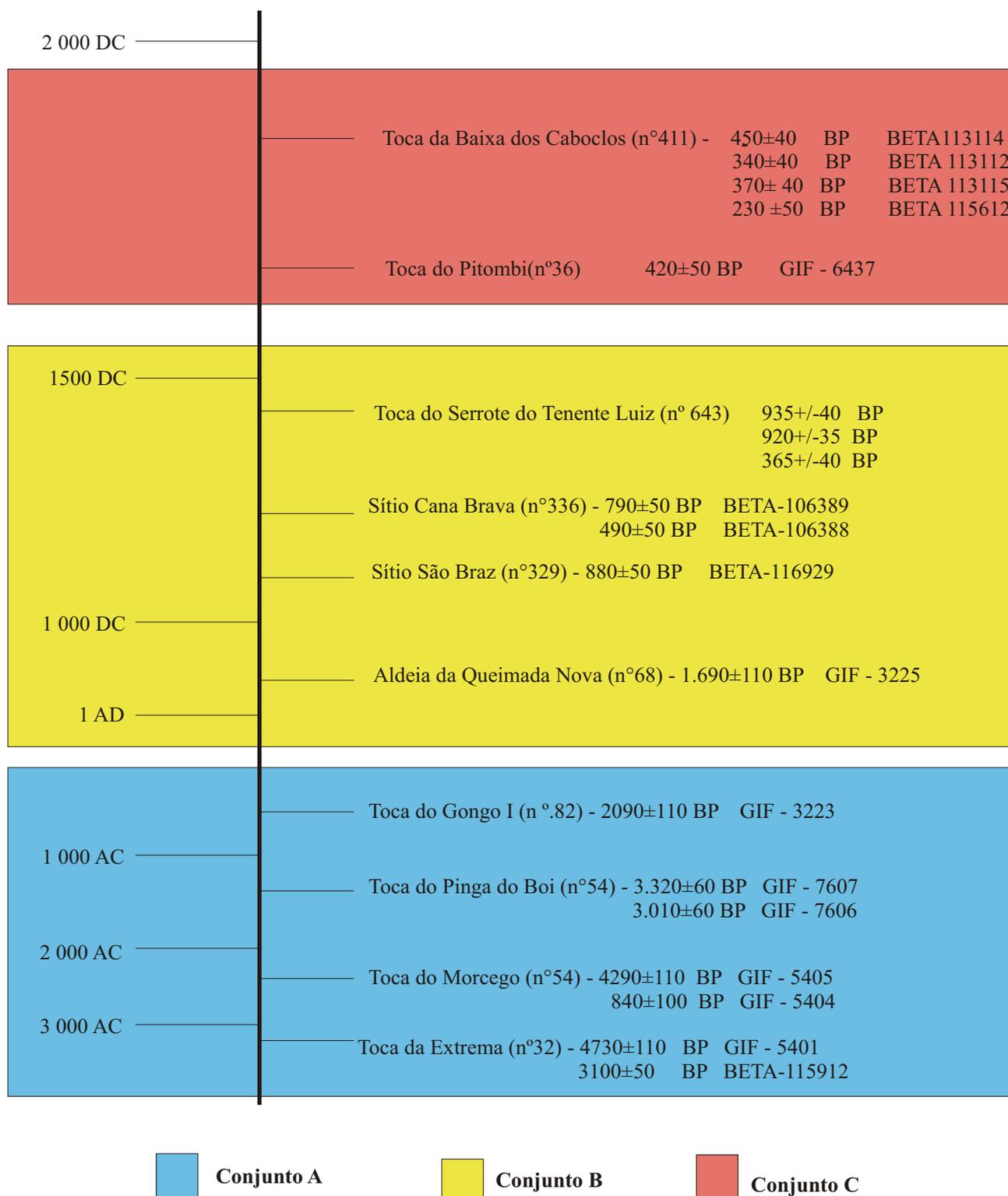
VIDAL, I. A. **Relatório de escavação da Toca da Baixa dos Caboclos**. São Raimundo Nonato, FUMDHAM, 1998.

VILHENA DE MORAES, A. A indústria lítica do sítio Aldeia da Queimada Nova, Município de São Raimundo Nonato, Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, n.23, 1976.

WILLEY, Gordon R. Ceramics. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, Washington, v.5, n. 143, p. 139-204, 1949.

Apêndice A: Interpretação preliminar para as datações dos grupos ceramistas na área do Parna.

**Permanência de grupos culturais cerâmistas na área do Parna:**



## Apêndice B - Toca da Baixa dos Caboclos

Etiqueta	Nível	Setor	Queima	Largura	Espessura	Trat - externo	Trat - interno	Tipo de objeto	Tipo de Borda	Tipo de Base	Tipo de Lábio
411-51390	Decapagem 10	URNA 7	2	5	B	-	-	Bojo	-	-	-
411-51256-1	Decapagem 03	URNA 7	2	5	B	-	-	Bojo	-	-	-
411-51122	Decapagem 02	URNA 8	1	4	B	A		Borda	Reta	-	2
411-51285	Decapagem 05	URNA 7	2	6	B	A	A	Base	-	1	-
411-51432	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	A	A	Base	-	1	-
411-51123	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51119-1	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51119-7	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44867-5	Decapagem 01	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-5111-3	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44861-1	Superfície	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44867-4	Decapagem 01	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51117	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51116	Decapagem 02	URNA 8	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51126	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-

411-51118	Decapagem 02	URNA 8	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48258-20	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44336-2	Dec. da urna 2	-	1	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44337-4	Dec. da urna 2 f	-	1	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-4867-3	Decapagem 01	URNA 8	1	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-3	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48256-32	Decapagem 01	-	1	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48230-6	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-8	Decapagem 01	-	1	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48205-3	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48201-33	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44779-1	Peneira	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44862-5	Superfície	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48203-10	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-9	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-26	Superfície	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-

411-44861-2	Superfície	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51119-5	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51121	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-5	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51125	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48258-6	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-16	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-22	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48203-12	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48256-99	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48258-31	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-15	Superfície	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48256-59	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48240-5	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-14	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-48	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-11	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202=29	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-

411-44780-3	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48256-4	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-51	-	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48201-28	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-68	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-20	Superfície	-	2	2	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44862-2	Superfície	URNA 8	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-52	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-17	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48233-6	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-27	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-37	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-19	Decapagem 01	-	1	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-11	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-10	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-16	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48230-15	Decapagem 01	-	2	2	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48257-9	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-

411-48202-27	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48203-11	Superfície	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-12	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48258-4	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-15	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-42	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48240-3	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48236-9	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-5	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-12	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51307	Decapagem 06	URNA 7	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48257-13	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-42	Superfície	-	1	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48203-9	Superfície	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48258-18	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44861-3	Superfície	URNA 8	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44779-3	Peneira	-	2	2	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-30	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-

411-51412	Decapagem 11	URNA 7	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-51397	Decapagem 10	URNA 7	2	5	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48205-2	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-13	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51266	Decapagem 04	URNA 7	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51389	Decapagem 10	URNA 7	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48255-36	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-2	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-7	Decapagem 01	-	2	5	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48222-16	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-4	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48240-1	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-482563	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48230-2	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-3	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48224-1	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-

411-48225-4	Decapagem 01	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-10	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44780-2	Superfície	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48233-7	Decapagem 01	-	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-51378	Decapagem 10	URNA 7	2	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48202-2	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-45	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-29	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-16	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48256-50	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44354	Decapagem 01	URNA 3	1	5	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48222-14	Superfície	-	1	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44381-6	-	URNA 1	2	6	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44381-5	-	URNA 1	2	6	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-48222-15	Superfície	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-44381-4	-	URNA 1	2	5	C	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-42	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-14	Decapagem 03	URNA 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-

411-51128-19	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-13	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-15	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-9	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-8	Decapagem 03	URNA 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51128-11	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-44381-3	-	URNA 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
411-51225-2	Decapagem 03	URNA 7	2	5	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48259-19	Decapagem 01	-	2	3	2	A	A	Bojo	-	-	-
411-44727-4	Peneira	-	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
411-48225-1	Superfície	-	1	5	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-48225-21	Decapagem 01	-	1	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-48255-39	Decapagem 01	-	1	4	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48222-10	Superfície	-	1	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48225-25	Decapagem 01	-	1	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48225-16	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-82319-1	Decapagem 07	URNA 7	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2

411-94862-1	Decapagem 02	URNA 8	1	4	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48236-8	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-51235	-	-	2	6	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-51115	Decapagem 02	URNA 8	1	4	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-51119-6	Decapagem 02	URNA 8	1	4	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48259-35	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48201-30	Superfície	-	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	1
411-51119-4	Decapagem 02	URNA 8	1	3	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48256-49	Decapagem 01	-	2	2	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48202-22	Superfície	-	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-48259-50	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48203-8	Superfície	-	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-48201-26	Superfície	-	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-48258-5	Decapagem 01	-	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	1
411-44311-8	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-51128-17	Decapagem 03	URNA 1	2	5	B	A	A	Borda	Reta	-	1

411-44341-2	Dec. da urna 2	-	1	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
411-51128-12	Decapagem 03	URNA 1	2	4	B	A	A	Borda	Reta	-	1
411-51128-18	Decapagem 03	URNA 1	2	5	A	A	A	Borda	Reta	-	1
411-44352	Decapagem 01	URNA 3	1	5	A	A	A + PINT	Borda	Reta	-	2
411-44351	Decapagem 01	URNA 3	1	5	A	A	A + PINT	Borda	Reta	-	2
411-48258-21	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44328-1	Dec. da urna 2 fase 4	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-32	-	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44308-1	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-29	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-18	-	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48258-7	-	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48257-8	Decapagem 01	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48205-7	Superfície	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48258-33	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48205-6	Superfície	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-

411-44336-3	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48205-5	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44341-4	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48258-12	Decapagem 01	-	2	1	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48256-47	Decapagem 01	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48255-13	Decapagem 01	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48222-9	Superfície	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-39	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48256-39	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44338-2	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-4858256-48	Decapagem 01	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44338-3	Dec. da urna 2 fase 5		1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48259-20	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-

411-44339-1	Dec. da urna 2 fase 5	-	2	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44314	Dec. da urna 2 fase 2	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-24	Superfície	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44341-3	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44338-1	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48246-6	-	-	2	1	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44309	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44338-4	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44337-2	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44337-7	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-

411-48247-1	Decapagem 01	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48203-1	Superfície	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48230-5	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44313	Dec. da urna 2 fase 2	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48201-38	Superfície	-	2	2	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44336-4	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	4	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-48255-14	Decapagem 01	-	2	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44308-2	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	3	A	A	A PINT	Bojo	-	-	-
411-44321-1	Dec. da urna 2 fase 3	-	1	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44337-6	Dec. da urna 2	-	1	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-48202-38	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-48258-15	Decapagem 01	-	2	2	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44310-3	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	4	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44310-1	Dec. da urna 2 fase 1	-	1	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2

411-48256-45	Decapagem 01	-	2	2	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	1
411-48201-37	Superfície	-	2	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44321-2	Dec. da urna 2 fase 3	-	1	4	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44322-1	Dec. da urna 2 fase 3	-	1	4	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44337-3	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-48236-1	Decapagem 01	-	2	2	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44337-1	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	4	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-44336-5	Dec. da urna 2 fase 5	-	1	3	A	A	A PINT	Borda	Reta	-	2
411-48230-3	Decapagem 01	-	2	3	A	A	ES	Bojo	-	-	-
411-48236-4	Decapagem 01	-	2	2	A	A EN	A EN	Borda	Reta	-	1
411-48256-35	Decapagem 01	-	1	2	A	A EN	A EN	Borda	Reta	-	2
411-48202-35	Superfície	-	2	2	A	A EN	A EN	Borda	Reta	-	2
411-48222-1	Superfície	-	2	2	A	A EN	A EN	Borda	Reta	-	2

411-48236-7	Decapagem 01	-	2	3	A	A EN	A EN	Borda	Reta	-	2
411-44850-28	-	URNA 4 e 5	2	7	B	C	A	Base	-	1	-
411-48203-6	Superfície	-	2	3	B	C	A	Base	-	1	-
411-48225-35	Decapagem 01	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-3	-	URNA 5	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-9	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-10	-	URNA 4	2	7	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-19	-	URNA 4	2	7	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-17	-	URNA 4	2	7	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-7	-	URNA 4	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-24	-	URNA 4	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-18	-	URNA 4	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-23	-	URNA 5	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-4	-	URNA 5	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-26	-	URNA 5	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-20	-	URNA 5	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-20	-	URNA 4	2	8	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51124	Decapagem 02	URNA 8	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51369-1	Decapagem 09	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-14	-	URNA -	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-12	-	URNA 4	2	3	A	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-37	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-48258-24	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48225-23	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48203-7	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-85	Decapagem 01	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48201-27	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-7	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48258-17	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-49	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44858-13	-	URNA 5	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51398	Decapagem 11	URNA 7	2	8	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51435-3	Decapagem 11	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51312	Decapagem 06	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51286-1	Decapagem 05	URNA 7	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51343	Decapagem 08	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51435-4	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51435-5	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51435-7	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51367	Decapagem 09	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-51370	Decapagem 09	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51286-3	Decapagem 05	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51376-1	Decapagem 10	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44850-16	-	URNA 4	2	7	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51434-4	Decapagem 11	URNA 7	2	7	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-95	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51369-2	Decapagem 09	URNA 7	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51411	Decapagem 11	URNA 7	2	6	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51433	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51434-2	Decapagem 11	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51368	Decapagem 09	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51416-1	Decapagem 11	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51256-2	Decapagem 03	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51377	Decapagem 10	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51434-3	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51384	Decapagem 10	URNA 7	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-51416-3	Decapagem 11	URNA 7	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51435-6	Decapagem 11	URNA 7	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-40	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48224-6	Decapagem 01	-	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-41	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-13	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-54	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48201-31	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-60	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-3	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48257-5	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-19	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48246-2	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48225-26	Decapagem 01	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-1	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-41	Decapagem 01	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48246-3	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-55	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-48256-57	Decapagem 01	-	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-43	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48257-10	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-56	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-10	Decapagem 01	-	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48230-9	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48257-3	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-36	Decapagem 01	-	2	5	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48255-11	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-87	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48222-13	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-16	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-40	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48233-8	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-86	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48257-6	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48230-14	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-48259-63	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48233-9	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-90	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48230-12	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-88	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-9	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-100	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48258-8	-	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-44779-4	Peneira	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-28	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48257-11	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-69	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48258-23	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48256-101	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48259-59	Decapagem 01	-	2	2	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48201-34	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48201-22	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48230-11	Decapagem 01	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-

411-48246-1	Decapagem 01	-	2	4	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48202-26	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-48222-12	Superfície	-	2	3	B	C	A	Bojo	-	-	-
411-51339	Decapagem 08	URNA 7	2	6	B	C	A	Borda	Reta	-	2
411-51305	Decapagem 06	URNA 7	2	7	B	C	A	Borda	Reta	-	1
411-51434-1	Decapagem 11	URNA 7	2	5	B	C	A	Borda	Reta	-	1
411-44850-11	-	URNA 4 e 5	2	7	B	C	A	Borda + Bojo	Reta	-	2
411-44858-6	-	URNA 4 e 5	2	8	B	C	A	Borda + Bojo	Reta	-	2
411-44850-22	-	URNA 4 e 5	2	7	B	C	A	Borda + Bojo	Reta	-	2

Apêndice C - Toca do Serrote do Tenente Luiz  
Unidade 1

Etiqueta	Nível	Setor	Queima	Largura	Espessura	Trat - externo	Trat - interno	Tipo de objeto	Tipo de Borda	Tipo de Base	Tipo de Láb
643-98098-3	Decapagem 02	ext. parede	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98177	Decapagem 02	ext. parede 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98980-15	Decapagem 02	parede 1	1	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98980-12	Decapagem 02	parede 1	1	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98156	Decapagem 02	ext. parede 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98090-2	Decapagem 02	ext. parede 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98079-1	Decapagem 02	ext. parede 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99024-8	Decapagem 02	parede 1	1	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98098-1	Decapagem 02	ext. parede	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98100-3	Decapagem 02	ext. parede	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98100-2	Decapagem 02	ext. parede	2	3	C	A	A	Bojo	-	-	-
643-101218-1	Superfície	limpeza	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
643-97884-10	Decapagem 02	parede 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98794-16	Decapagem 01	parede 1	1	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98899-2	Decapagem 02	parede 1	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98899-1	Decapagem 02	parede 1	2	5	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99902	Decapagem 07	ext. 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98869	Decapagem 02	parede 1	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
643-98255-3	Decapagem 02	parede 1	1	4	B	A	A	Bojo	-	-	-

643-98971-6	Decapagem	parede	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98971-5	Decapagem	parede	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-101244-5	Superfície	limpeza	1		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-97517	Decapagem		1	2	4A	A	A	Bojo	-	-	-
643-99956-31	Superfície	limpeza	2		4A	A	A	Bojo	-	-	-
643-84099-1	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84099-3	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84099-2	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-100421-3	Superfície	limpeza	2		4C	A	A	Bojo	-	-	-
643-9948-1	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-80556-2	Superfície	-	2		5B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98428	Decapagem	ext. 1	2		3A	A	A	Bojo	-	-	-
643-98429	Decapagem	ext. 1	2		3A	A	A	Bojo	-	-	-
643-100038	Decapagem		1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-100122	Decapagem		1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-100044-2	Decapagem		1	2	3A	A	A	Bojo	-	-	-
643-100044-1	Decapagem		1	2	3A	A	A	Bojo	-	-	-
643-80547	Superfície	-	2		4D	A	A	Bojo	-	-	-
643-98224	Decapagem	ext. parede	1	2	3A	A	A	Bojo	-	-	-
643-100100	fora (?)	-	2		4C	A	A	Bojo	-	-	-
643-99955-13	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99480-4	Superfície	limpeza	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-

643-101243-27	Superfície	limpeza	1		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99165-203	Decapagem		1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99159-103	Decapagem		1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98253-102	Decapagem	ext. parede	1	1	4C	A	A	Bojo	-	-	-
643-98234-102	Decapagem	ext. parede	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98240-302	Decapagem	ext. parede	1		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98263-102	Decapagem	ext. parede	1	1	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98825-101	Decapagem	parede	1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99920-703	Decapagem	ext. 2	1		4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99165-103	Decapagem		1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98625-203	Decapagem	ext. parede	1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98314-303	Decapagem	ext. parede	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99168-103	Decapagem		1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98912-102	Decapagem	ext. externa	1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84042	Decapagem		1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99690-102	Decapagem	ext. 1	2		3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98617-303	Decapagem	ext. parede	1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98779-10	Decapagem	parede	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84078	Decapagem		1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-88887-401	Decapagem	ext. c	2		3C	A	A	Bojo	-	-	-
643-88887-301	Decapagem	ext. c	2		4B	A	A	Bojo	-	-	-

643-98043-201	Decapagem	ext. parede 1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98043-101	Decapagem	ext. parede 1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98825-201	Decapagem	parede 1	1	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-9969902	Decapagem	ext. 1	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98176-102	Decapagem	ext. parede 1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-88897-1602	Decapagem	ext. c	2	3B	A	A	Bojo	-	-	-

643-98980-1602	Decapagem	parede 1	2	4B	A	A	Base	-	1	-
643-98090-402	Decapagem	ext. parede 1	2	3B	A	A	Base	-	2	-
643-9819002	Decapagem	ext. parede	2	3B	A	A	Base	-	2	-
643-99024-1902	Decapagem	parede 1	2	4C	A	A	Base	-	1	-
643-99480-502	Superfície	limpeza	2	4D	A	A	Base	-	2	-
643-98816-101	Decapagem	parede 1	2	4C	A	A	Base	-	2	-
643-98888-502	Decapagem	parede 1	2	4B	A	A	Base	-	2	-
643-99161-403	Decapagem	1	2	3B	A	A	Base	-	2	-
643-99161-103	Decapagem	1	2	4B	A	A	Base	-	2	-
643-99024-2102	Decapagem	parede 1	2	4C	A	A	Base	-	1	-
643-98818-201	Decapagem	parede 1	1	4D	A	A	Base	-	2	-
643-99024-2002	Decapagem	parede 1	1	4D	A	A	Base	-	1	-
643-9801702	Decapagem	ext. externa 1	2	4B	A	A	Base	-	2	-

643-98195-3	Decapagem	ext. parede	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1	
643-9865-2	Decapagem	parede	1	2	2	A	A	Borda	Reta	-	2	
643-97362	Decapagem	ext. B	1	1	4	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-101243-28	Superfície	limpeza	1	1	3	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99955-61	Superfície	limpeza	2	2	4	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99163	Decapagem	1	2	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-100099	-	1	2	2	4	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99157-1	Decapagem	1	2	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-78397	Decapagem	ext. parede	1	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-98889-2	Decapagem	parede	1	2	3	A	A	A	Borda	Reta	-	2
643-98625-1	Decapagem	ext. parede	1	2	1	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99635-3	Decapagem	ext. 1	2	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99690-2	Decapagem	ext. 1	2	2	3	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-88887-2	Decapagem	ext. c	2	2	4	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99168-3	Decapagem	1	2	2	2	A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99168-2	Decapagem	1	1	1	4	B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-98980-13	Decapagem	parede	1	2	4	B	A + Pint	A	Bojo	-	-	-
643-99640-1	Decapagem	ext. 1	2	2	3	A	A	A + Pint	Borda	Reta	-	2
643-98971-7	Decapagem	parede	1	2	4	B	A	A + En	Bojo	-	-	-
643-88897-33	Decapagem	ext. c	2	2	3	B	A	A + En preto	Bojo	-	-	-
643-88897-25	Decapagem	ext. c	2	2	3	B	A	A + En preto	Bojo	-	-	-
643-98980-17	Decapagem	parede	1	1	4	B	C	A	Bojo	-	-	-

643-98283	Decapagem	parede 1	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-98118-1	Decapagem	ext. parede 1	2	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99916-15	Decapagem	ext. 2	2	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-101247-6	Superfície	limpeza	2	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-98118-2	Decapagem	ext. parede 1	1	4 C	C	A	Bojo	-	-	-
643-98026-1	Decapagem	ext. externa 1	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99915-4	Decapagem	ext. 2	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-110445	Decapagem	2 galeria	2	0 0	C	A	urna 9	Reta	1	2
643-100325-20	Decapagem	2	-	0 0	C	A	urna 6	Reta	1	1
643-9888-9	Decapagem	ext. 2	1	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99918-2	Decapagem	ext. 2	2	4 C	C	A	Bojo	-	-	-
643-98256-1	-	ext. parede 1	2	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-98254-4	Decapagem	ext. parede 1	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99916-9	Decapagem	ext. 2	1	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-101243-29	Superfície	limpeza	2	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-101243-22	Superfície	limpeza	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-101243-26	Superfície	limpeza	2	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99956-22	Superfície	limpeza	1	4 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99956-23	Superfície	limpeza	1	3 B	C	A	Bojo	-	-	-
643-80553	Superfície	-	1	4 B	C	A	Bojo	-	-	-

643-99956-39	Superfície	limpeza	2		3B	C	A	Bojo	-	-	-
643-101246-7	Superfície	limpeza	2		3B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99955-71	Superfície	limpeza	2		3C	C	A	Bojo	-	-	-
643-98039-01	Decapagem	ext. parede	1	2	4C	C	A	Base	-	1	-
643-101244-6	Superfície	limpeza	2		4B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99529	Superfície	ext. 1	2		4C	C	A	Base	-	1	-
643-101244-7	Superfície	limpeza	2		4B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99956-20	Superfície	limpeza	1		4B	C	A	Bojo	-	-	-

Apêndice D - Toca do Serrote do Tenente Luiz  
Unidade 2

Etiqueta	Nível	Setor	Queima	Largura	Espessura	Trat - externo	Trat - interno	Tipo de objeto	Tipo de Borda	Tipo de Base	Tipo de Lábio
643-99955-76	Superfície	limpeza	2	4	D	A	A	Base	-	2	-
643-99955-74	Superfície	limpeza	2	3	D	A	A	Base	-	2	-
643-80556-1	Superfície	-	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-999486	Superfície	ext. 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98097	Decapagem	ext. parede 1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99955-46	Superfície	limpeza	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-98240-4	Decapagem	ext. parede 1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84941	Decapagem	1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99955-34	Superfície	limpeza	2	4	C	A	A	Bojo	-	-	-
643-97891	Decapagem	escada	1	4	A	A	A	Bojo	-	-	-
643-99956-21	Superfície	limpeza	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-100362	Decapagem	12	2	3	A	A	A	Bojo	-	-	-
643-99161-2	Decapagem	1	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99169-2	Decapagem	1	1	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-99957-67	Superfície	limpeza	2	4	b	A	A	Bojo	-	-	-
643-99955-59	Superfície	limpeza	2	4	B	A	A	Bojo	-	-	-
643-84075	Decapagem	1	2	3	B	A	A	Bojo	-	-	-

643-99159-403	Decapagem	1	2	4B	A	A	Bojo	-	-	-
643-100424	Superfície	limpeza	2	4B	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99956-33	Superfície	limpeza	2	3A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99157-303	Decapagem	1	2	3A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-99916-703	Decapagem	ext. 2	2	3A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-98624-203	Decapagem	ext. parede 1	2	1A	A	A	Borda	Reta	-	1
643-98371-103	Decapagem	ext. parede 1	2	3A	A	A + En vermelho	Borda	Reta	-	2
643-98169-202	Decapagem	ext. parede 1	2	3A	A	A + Pint	Bojo	-	-	-
643-98827-301	Decapagem	parede 1	2	3A	A	A + Pint	Bojo	-	-	-
643-97855	Superfície	limpeza	2	2A	A	A + Pint	Bojo	-	-	-
643-99024-502	Decapagem	parede 1	2	3A	A	A + Pint	Bojo	-	-	-
643-98090-502	Decapagem	ext. parede 1	2	3A	A	A + Pint	Bojo	-	-	-
643-98090-302	Decapagem	ext. parede 1	2	3A	A	A + Pint	Borda	Reta	-	2
643-99577	Superfície	ext. 1	2	3A	A	A + Pint	Borda	Reta	-	2
643-100325-21	Decapagem	12	-	00	A	A + Pint	urna 6	Reta	1	2
643-98026-202	Decapagem	ext. externa 1	2	4A	A + En preto	A	Bojo	-	-	-
643-98241	Decapagem	ext. parede 1	2	4A	A + En preto	A + Pint v	Bojo	-	-	-
643-99920-603	Decapagem	ext. 2	2	3B	C	A	Bojo	-	-	-
643-99915-203	Decapagem	ext. 2	2	3B	C	A	Bojo	-	-	-
643-98488-303	Decapagem	ext. 2	1	3B	C	A	Bojo	-	-	-
643-98488-103	Decapagem	ext. 2	1	4B	C	A	Bojo	-	-	-

643-99916-103	Decapagem	ext. 2	1	4B	C	A	Bojo	-	-	-	
643-99915-303	Decapagem	ext. 2	2	3C	C	A	Bojo	-	-	-	
643-9892-202	Decapagem	ext. parede	1	2	2A	En verme + A	En verme + A	Borda	Reta	-	1
643-84081-102	Decapagem		1	2	3A	En vermelho + A	En vermelho + A	Borda	Reta	-	1
643-80548	Superfície	-	2	3B	ES	A	Bojo	-	-	-	